

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA**

MARÍLIA MARRA DE ALMEIDA

Sentidos da Regressão
Considerações teóricoclínicas em Ferenczi, Balint e Winnicott

**SÃO PAULO
2009**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

MARÍLIA MARRA DE ALMEIDA

Sentidos da regressão
Considerações teórico-clínicas em Ferenczi, Balint e Winnicott

Dissertação apresentada ao Instituto de
Psicologia da Universidade de São
Paulo para a obtenção do grau de
Mestre em Psicologia

Área de Concentração:
Psicologia Experimental

Orientador:
Luis Claudio de Mendonça Figueiredo

São Paulo
2009

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTES TRABALHOS, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Almeida, Marília Marra de.

Sentidos da regressão. Considerações teorico-clínicas em Ferenczi, Balint e Winnicott / Marília Marra de Almeida; orientador Luís Claudio Mendonça Figueiredo. -- São Paulo, 2009.

122 p.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Experimental) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Repressão 2. Psicanálise 3. Setting (psicanálise) 4. Constituição do eu 5. Ferenczi, Sandor, 1873-1933 6. Balint, Michael Maurice, 1896-1970 7. Winnicott, Donald Woods, 1896-1971 I. Título.

RC489.R42

Ao Francisco, fio, rio, trilho que me
conduziu de volta ao originário.

AGRADECIMENTOS

Ao Luis Claudio Figueiredo pela implicação e reserva de sua orientação psicanalítica ao meu trabalho.

Aos meus pais, *Márcio* e *Margarete*, onde tudo começou pra mim, pela sustentação oferecida. Especialmente a minha mãe, por alimentar minha disposição filosófica, nos infindáveis cafés da tarde de outrora.

Às minhas irmãs "maiores", Dri e Tê, pelas profundas semelhanças e diferenças que me ajudam a traçar meu caminho. Especialmente a Tê, pela revisão do Abstract.

Ao João Paulo Costa do Nascimento, por acompanhar minhas caminhadas em espiral, filosoficamente, musicalmente, corporalmente e espiritualmente, nas idas e vindas da vida cotidiana.

Ao Rodrigo Ferraz de Camargo, pelas ricas experiências compartilhadas.

Aos colegas do grupo de pesquisa, Adriana Salvitti, Camila Munhoz, Breno Sniker e Daniel Schor pelas leituras e discussões dos meus textos, auxiliando meus primeiros passos na pesquisa.

Ao Sérgio Zlotnic, pelo frutífero encontro.

Ao Néelson Coelho Júnior e Gabriel Lescovar pela participação e importantes contribuições no exame de qualificação.

Ao Tales Ab`saber pela disponibilidade de participar da banca de defesa.

Ao Hans Reikdal Machado, pela vitalidade transbordante a ampliar perspectivas, pelo Feldenkrais e pelos fantasmas recíprocos.

Ao Renato Guerra, pela veia poética que encontrava palavras para minhas melodias. E também com quem aprendi bastante sobre filobatismo.

Aos pacientes, pelas experiências compartilhadas.

A Vera Stela Telles, pelas supervisões que me apresentaram a leitura estrutural dos elementos do *setting*.

Ao pessoal da Turma e do Grupo de Teatro do Oprimido Metaxis, pelo trabalho com opressões, que ajudou a ilustrar a compreensão da traumatogênese. Especialmente à Nílcia de Paula, que inicialmente me apresentou às técnicas do TO.

A Bia, por me ajudar com os conhecimentos de Biologia, principalmente sobre os modos de reprodução das formas de vida primitiva e pela companhia nas corridas e caminhos da

vida.

A Sônia Bellardi, pelas oportunidades oferecidas, pelos livros, CDs, viagens e momentos compartilhados.

Aos funcionários da Biblioteca do Instituto de Psicologia, principalmente ao Wanderley, Alexandre, Flávio e Roseni, sempre solícitos e atenciosos.

A todos que participaram do meu caminho e com algum gesto, olhar ou palavra contribuíram no percurso desse trabalho.

Finalmente, ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq – Brasil) pelo apoio concedido, fundamental para a realização deste trabalho.

Degree

Groping in darkness
I grasp the meaning of regress
is it possible graduate this kind of past?
Transgression always appears at last

wasting words to reach that way
senses go to hide away
switch-words, how could I say?
Oblivious mind starts to play

and if it turns in elusive meanings,
statement damage the feelings
put it on again in grass
my feet can grant them, I guess.

Marília Marra de Almeida

RESUMO

ALMEIDA, M. M. **Sentidos da Regressão - Considerações teoricoclínicas em Ferenczi, Balint e Winnicott**. 2009. 122 f. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

O conceito de regressão, em psicanálise, apresenta múltiplos aspectos. Sua presença está na explicação metapsicológica da formação dos sonhos, como também na descrição de fenômenos que indicam modos de satisfação, de relação de objeto e formas de expressão primitivos de pacientes em análise. Apontando para a dimensão primária do psiquismo humano, a regressão foi o mote das controvérsias entre Freud e Ferenczi, pela aposta deste último no potencial terapêutico desse fenômeno. Sua significação heterogênea confere uma posição estratégica a esse conceito para o estudo da articulação entre teoria e clínica psicanalítica. Nosso estudo tem como objetivo considerar os diversos sentidos da regressão, tendo como autores de referência aqueles que se debruçaram sobre esse tema: Sandor Ferenczi, Michel Balint e Donald Winnicott. Trata-se de um estudo de textos desses três autores e de alguns de seus comentadores. Para vislumbrarmos o sentido da regressão para Ferenczi, acompanhamos seu processo de experimentação da técnica clínica, assim como suas idéias acerca do desenvolvimento psicosexual do ser humano. Encontramos a regressão ocupando posição central em sua teoria, o que provê um sentido não linear em sua visão do desenvolvimento humano. Em sua prática clínica, a regressão é entendida como meio de liquidar os traumas que residem na raiz das perturbações psíquicas. Os sentidos da regressão para Michel Balint indicam o potencial terapêutico da regressão, enquanto possibilidade de um novo começo, mas também os impasses implicados na ocorrência desse fenômeno no *setting* analítico, delineando duas formas de regressão: benigna e maligna. Para entendermos essas formas da regressão apontadas por Balint, acompanhamos suas idéias acerca das formas diversas de viver a sexualidade humana na infância e na vida adulta. Acompanhamos também sua concepção sobre a origem do psiquismo, no estado que ele denomina de *amor primário* em oposição ao narcisismo primário. A dimensão da falha básica, diversa da dimensão onde a expressão verbal é possível, aparece como descrição da expressão de estruturas primárias de relação de objeto, muitas vezes necessárias de serem vividas na relação analítica. Em Winnicott, partimos de um caso clínico que tem a regressão como processo central. Estudamos o sentido desse fenômeno para Winnicott, configurando a noção de regressão à dependência ou regressão ao ambiente. Acompanhamos suas idéias acerca do desenvolvimento emocional primitivo que culminam na concepção de uma terceira área da vida dos indivíduos: a área da experimentação, nem interna, nem externa ao indivíduo, onde o brincar é possível. Ao final de nosso estudo, tecemos algumas articulações entre os elementos colhidos em cada autor, encontrando algumas aproximações e alguns afastamentos. Apesar das diferenças entre os três autores, vemos configurar um estilo clínico comum que encara o fenômeno da regressão como uma possível via ao originário a ser trilhada, encontrada ou mesmo constituída, no percurso da análise, enquanto forma de tratamento. Essa via encontra o ambiente como parte constituinte do psiquismo, principalmente em sua origem.

Palavras-chave: Regressão. Psicanálise. Setting. Constituição do eu. Ferenczi, Sandor. Balint, Michael Maurice. Winnicott, Donald Woods.

ABSTRACT

ALMEIDA, M. M. **Senses of regression. Theoric and clinical notes on Ferenczi, Balint and Winnicott.** 2009. 122 f. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

In Psychoanalysis, regression has multiples aspects. One of these aspects is showed by the metapsychological explanation of the dreams formation. Another aspect is presented on the description of primitive traits such as sexual aims, object-relations, and ways of being of some patients in analysis. Regarding the primitive dimension of human psychism, regression was the theme of controversies between Freud and Ferenczi, who believed in the therapeutic potential of regression. The heterogeneous regression feature figure a strategic position in the study of articulations between psychoanalytical theory and clinic. The goal of this work is to examine the regression multiple meanings, based on authors who focused on this theme: Sandor Ferenczi, Michel Balint and Donald Winnicott. It consists in a study of these three authors texts. Aiming to grasp the meaning of regression in Ferenczi, we examined his experimentation process in clinical technique and his ideas about human psychosexual development. We find regression as a central position in his theory that provides a nonlinear direction in his human development view. In his clinic practice, the regression is understood as a way to settle down traumas that reside in the root of psychic perturbations. The meanings of regression in Michel Balint indicate not only its therapeutic potential as a possibility of the new beginning, but also the impasses implied in regression that occurs in the analytic setting. As a result, he draws two forms of regression: benign and malign. Looking for understanding these two forms of regression pointed by Balint, we examined his ideas about the diverse forms of sexuality in childhood and in the adult life. We also considered his conception of psychism origin that he name as primary love in opposition to the narcissism. The basic fault appears as a description of object relation primary structures that need to be experienced by some patient in the analytic relation. In Winnicott, we describe a clinical case which has regression as the core process. We studied the meaning of this concept to Winnicott, figuring out the notion of regression to dependence. We looked carefully at his ideas about primitive emotional development resulting in the conception of the third area of experimentation. This area belongs to both internal and external individual reality, where playing is possible. In the end of this study, we make some articulations between the elements picked in each author, finding out some similarities and differences between them. Despite of some differences between them, there is a common clinic stile which faces regression as a possible way to origins. This road might be walked, figured out or even constituted in the analysis process as a pathway of treatment. This path includes the environment as a constituent of psychism, especially in its origin.

Key words: Regression. Psychoanalysis. Setting. Ferenczi, Sandor. Balint, Michael Maurice. Winnicott, Donald, Woods.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
O LUGAR ESTRATÉGICO DA REGRESSÃO NA CONFLUÊNCIA TEORIA/CLÍNICA.....	14
CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS - REFLEXÕES SOBRE O PERCURSO DA PESQUISA.....	17
1 TEORIA E TÉCNICA EM SANDOR FERENCZI: CONSIDERAÇÕES SOBRE O FENÔMENO DA REGRESSÃO.....	21
1.1 SANDOR FERENCZI E A PSICANÁLISE DE FREUD.....	22
1.2 CAMINHOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA EM FERENCZI.....	25
1.2.1 A técnica ativa.....	25
1.2.2 Experimentação: da técnica ativa ao princípio do relaxamento.....	28
1.2.3 Princípio de relaxamento e neo-catarse.....	30
1.2.4 Fenômenos de materialização histérica e símbolos mnêmicos corporais: formas diversas de regressão.....	34
1.2.5 Análise mútua: O caso R.N.....	37
1.3 REGRESSÃO NA TEORIA DA GENITALIDADE.....	41
2 A PERSPECTIVA DE MICHEL BALINT: MÚLTIPLOS ASPECTOS DA REGRESSÃO.....	47
2.1 REGRESSÃO E NOVO COMEÇO.....	48
2.2 EROS, AFRODITE E OS FLUXOS DA LIBIDO.....	53
2.3 ORGANIZAÇÕES PRÉ-GENITAIS DA LIBIDO.....	58
2.4 ORIGEM.....	62
2.5 REGRESSÃO BENIGNA E MALIGNA.....	70
2.6 A FALHA BÁSICA.....	76
3 DONALD WINNICOTT - REGRESSÃO À DEPENDÊNCIA E A SUBSTÂNCIA DA ILUSÃO.....	79
3.1 UM CASO CLÍNICO.....	80

3.2	REGRESSÃO POR WINNICOTT.....	84
3.3	DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL PRIMITIVO.....	88
3.4	A TERCEIRA ÁREA.....	95
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	101
4.1	APROXIMAÇÕES E AFASTAMENTOS ENTRE FERENCZI, BALINT E WINNICOTT.....	101
4.2	CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE A REGRESSÃO EM FERENCZI, BALINT E WINNICOTT.....	110
4.3	DO SONHO À CRIAÇÃO.....	114
	REFERÊNCIAS.....	119

INTRODUÇÃO

O termo regressão apresenta uma multiplicidade de sentidos no âmbito da psicanálise. Diferentes aspectos e processos são abarcados por essa noção. Uma noção que está presente desde a pré-história da psicanálise, cujos sentidos estão tacitamente implicados nos movimentos de transformação cruciais da história desse saber. A regressão enquanto sentido oposto à progressão, ao desenvolvimento, carrega certo tom sombrio. Entretanto, também parece ser à sombra que a psicanálise constitui seu saber. Um saber não muito afeito às luzes, já que tem o inconsciente como pedra de toque. É justamente a penumbra dessa prática que possibilita um ambiente propício para tratar dos sofrimentos que acometem o ser humano de nossos tempos, cuja dimensão primitiva, obscura e íntima tem sido ofuscada pela racionalidade técnica. Desse modo, nossas considerações sobre a regressão em Ferenczi, Balint e Winnicott buscam sentidos na clínica e na teoria psicanalítica que consideram o potencial terapêutico desse fenômeno.

O uso da hipnose como procedimento terapêutico visando a abreação de emoções ligadas a experiências traumáticas reprimidas atesta a presença da regressão desde os tempos de Breurer (STWEART, 1992). A hipnose é entendida como uma forma de regressão visto que o paciente é induzido a um estado alterado de consciência ganhando acesso à experiências e memórias do passado que estavam previamente inacessíveis, no estado de consciência da vigília. Emergem, porém, junto às memórias e experiências do passado, demandas de gratificação de anseios primitivos do paciente. No contexto dessa prática, a sexualidade mostrou sua perturbadora irrupção. Diante disso, Freud entendia que a atmosfera analítica deveria configurar-se no sentido da privação e da abstinência em relação a tais demandas. Ainda que Freud tenha desistido do uso da hipnose com o desenvolvimento da técnica da associação livre, grande parte do *setting* em que ela se dava manteve-se. Para Stewart (1992) o uso do divã, uma sala com temperatura agradável, não muito iluminada, a frequência das sessões são cuidados que promovem regressão no paciente. A associação livre encoraja no paciente o abandono da lógica e vigilância dos processos secundários de pensamento tendendo ao estabelecimento de estados regressivos do processo primário. As leis que regem o funcionamento mental nos processos primários foram sendo reconhecidas a partir do estudo da formação de

sintomas e da análise dos sonhos. Segundo Laplanche e Pontalis (1982) foi para exprimir a característica essencial do sonho, uma composição de imagens sensoriais que se impõem ao sujeito, que Freud introduziu em *A interpretação dos sonhos* a noção de regressão. Nesse sentido, regressão é o fenômeno responsável pela formação dos sonhos, sendo entendido como um processo que faz parte do psiquismo humano em geral.

Para Haynal (1988) a continuidade entre a experiência da hipnose e os fenômenos emergentes da nova maneira de escutar e compreender engendrada pelo desenvolvimento da psicanálise se dá através da elaboração do conceito de transferência. Estados psíquicos anteriores revividos com a pessoa do analista, enquanto eventos atuais, compõem o fenômeno da transferência. Nesse sentido, a transferência poderia ser entendida como uma manifestação clínica da regressão. Levou algum tempo para que a transferência deixasse de ser entendida como um fenômeno a ser combatido e adquirir o status de ferramenta terapêutica:

A transferência institui como necessário um *domínio intermediário* (Zurischenreich) entre a doença e a vida real, domínio através do qual se realiza a passagem de uma para a outra (...) Ao mesmo tempo ele é um *pedaço da vida real*, possível em condições particularmente favoráveis, e de caráter provisório (FREUD, 1914, apud HAYNAL, 1988, p.12, grifos do autor).

Outra manifestação clínica da regressão seria a compulsão à repetição, constituindo uma tendência à repetição e ao retorno entendida como um dos aspectos mais fundamentais da pulsão (FIGUEIREDO, 2002). A regressão encontraria na hipótese freudiana da pulsão de morte, enquanto retorno ao zero de tensão, uma explicação sobre sua natureza. A fonte da tendência à regressão é entendida por Ferenczi (1924) de uma maneira semelhante, mas colorida por outros sentidos. A regressão envolve um aspecto fundamental da pulsão que tende ao *repouso*, mas não à morte. Ferenczi fala de uma tendência de retorno a um estado passivo em que a vida se mantém e se refaz. A regressão tende ao estado originário de vida, em que a inércia não significa morte, mas homeostase.

O sentido da regressão para Ferenczi indica também uma atitude diferente da de Freud na criação da atmosfera analítica. Enquanto Freud entendia que a análise deveria ocorrer numa atmosfera de privação e abstinência, Ferenczi(1933) observa que essa situação piorava em muito o estado de alguns pacientes. Pensava que o paciente

poderia viver essas situações de abstinência como a reedição de experiências traumáticas da infância. Situações em que adultos promoviam uma estimulação em excesso ou ausência de contato a que a criança respondia. A resposta da criança, entretanto, tornava-se sem sentido diante da falta de envolvimento dos adultos, como se eles nada tivessem a ver com essa resposta. Ferenczi suspeitava que a situação analítica repetia o contexto dessas experiências. O analista com sua técnica e simpatia convida o paciente a uma regressão e, diante do surgimento de comportamentos regressivos, oferece privação e interpretações. O paciente pode experimentar essa atitude como a não aceitação pelo analista da responsabilidade e de seu envolvimento no estado emocional do paciente. Isso pode funcionar como a reconstrução da situação traumática original. Assim, Ferenczi entende a privação e abstinência diante das demandas regressivas do paciente como parte da hipocrisia profissional do analista, tentando desenvolver novas técnicas que contemplem esses aspectos.

Essa discordância a respeito da atitude do analista no *setting* analítico foi motivo da impossibilidade que a discussão sobre o tema continuasse. Freud condenava muitas das experiências de Ferenczi, mantendo-se resoluto em sua compreensão acerca da atitude do analista. Ferenczi, por sua vez, continuava sua experimentação ainda que enfrentando diversos problemas que permaneciam sem solução. Ele apostava na possibilidade de uma regressão terapêutica, enquanto Freud considerava a regressão um empecilho ao progresso da análise. Stewart (1992) afirma que os experimentos de Ferenczi e a atitude de Freud diante deles teve como consequência a impossibilidade da discussão a respeito da regressão formal. Ela tornou-se um tema “maldito” entre muitos psicanalistas, levando muitos anos até que alguém se aventurasse a rever essa questão na busca de novas possibilidades a serem pensadas a partir dos experimentos de Ferenczi. Stewart aponta Michel Balint e Donald Winnicott como os primeiros a se aventurarem nesse sentido.

Essa pesquisa seguirá a via aberta por Ferenczi na consideração do fenômeno da regressão. Além dele, tomando a indicação de Stewart, temos a companhia de Balint e Winnicott que se enveredaram também nessa via. Nesse sentido, é interessante examinarmos a etimologia da palavra *‘regredir’*: encontramos o prefixo *‘re’* anteposto ao radical *‘gredi’* que vem do latim *‘gradus’* relacionado a caminhar, andar, ir. O prefixo

‘re’ tem o sentido de repetição, de realizar algo novamente. Podemos vislumbrar o sentido da palavra regressão como *percorrer caminhos novamente, refazer percursos*. O que possibilita um novo olhar sobre o termo que é entendido muitas vezes como antônimo de progresso, como ‘retrogressão’ ou ‘pregresso’ que seria caminhar para trás. Na via aberta para a compreensão da potencialidade terapêutica da regressão essa possibilidade de entender a regressão como reconstituição de caminhos faz sentido. É nessa direção que caminhamos.

O LUGAR ESTRATÉGICO DA REGRESSÃO NA CONFLUÊNCIA TEORIA/CLÍNICA

O saber psicanalítico consiste na imbricação de sua existência enquanto prática terapêutica e enquanto uma teoria a respeito do psiquismo humano, como dimensões simultâneas. Sabe-se que a teoria psicanalítica foi sendo construída como um conjunto de "idéias provisórias" a sustentar-se mediante a clínica. Nessa sucessão, as dimensões da psicanálise vão ampliando-se abarcando domínios diversos como a metapsicologia e a teoria clínica. Por mais que o desenrolar dessa história permita certa separação entre aquilo que faz parte de um ou outro domínio, sabemos que eles se constituem mutuamente.

O conceito de regressão, desde sua primeira aparição impressa na teoria psicanalítica em *A interpretação dos sonhos* (1900), apresenta-se em três dimensões: tópica, temporal e formal. A dimensão tópica da regressão refere-se ao retorno da catexia tendo em vista o topos do aparelho psíquico. Trata-se do relevo na dimensão espacial da regressão, tendo em vista o psiquismo materializado no aparelho psíquico enquanto lugar. A regressão tópica define-se como processo responsável pela formação dos sonhos, constituindo-se numa descrição teórico explicativa do funcionamento psíquico subjacente a um fenômeno universal. Podemos entender que este sentido da regressão constitui-se no domínio da metapsicologia.

A dimensão temporal da regressão refere-se à retomada de formações psíquicas mais antigas. Pode ser entendida como um retorno da libido a modos anteriores de satisfação, na perspectiva do desenvolvimento da sexualidade. Encontramos esta idéia na

descrição do caso clínico de Dora (escrito em 1901, publicado em 1905). Trata-se do ressurgimento da sexualidade infantil ‘não diferenciada’ a partir de uma inibição do desenvolvimento normal da sexualidade. Ainda que não haja uma referência explícita ao termo regressão, este foi o sentido que se tornou usual no meio psicanalítico, referindo-se à regressão temporal. A metáfora da corrente de água no leito de um rio que, encontrando um obstáculo, reverte a velhos canais, aparece em 1905 nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* indicando um retrocesso de investimento a um objeto libidinal anterior, como também um retrocesso da própria libido a modos de funcionamento anteriores. É interessante notar que tal regressão é apontada não só na explicação das perversões e das neuroses, mas também como processo que ocorre na escolha de objeto durante a puberdade, referindo-se ao processo psíquico normal do desenvolvimento. Temos, ainda, a hipótese da regressão aos pontos de fixação e às organizações pré-genitais da libido mediante uma frustração, que aparece em 1912 e 1913, nos artigos *Tipos de desencadeamento da neurose* e *A disposição à neurose obsessiva*, respectivamente. Nesse sentido, a regressão temporal carrega a acepção de mecanismo de defesa em que o indivíduo retorna a pontos de fixação no desenvolvimento libidinal. De modo geral, trata-se da concepção de regressão do desenvolvimento, contemplando o fator temporal. Este sentido da regressão apresenta-se na dimensão histórica da vida dos indivíduos, tendo como ponto de partida a tentativa de compreensão das perturbações psíquicas, a partir de processos observados na clínica. Por isso podemos localizar a regressão temporal preferencialmente no domínio da teoria clínica.

A regressão formal, por sua vez, traz o sentido de retorno do indivíduo a formas de estar no mundo, referindo-se a métodos primitivos de expressão que substituem os métodos habituais. A regressão formal foi examinada por Freud nas Conferências X, XI e XII das *Conferências Introdutórias à Psicanálise* (1916-1917). Poderíamos ampliar a noção de regressão formal, abarcando a dimensão da *experiência* do indivíduo que regressa, não apenas suas formas de expressão, mas também suas formas de perceber o mundo. Tratar-se-ia possivelmente de uma regressão às formas de funcionamento do processo psíquico primário. Incluindo a perspectiva da experiência do indivíduo, teríamos a regressão formal como a manifestação psíquica dos fenômenos explicados pela regressão tópica e pela regressão temporal. Porque o indivíduo que sonha vive a

experiência de uma regressão na forma da consciência, assim como o indivíduo que regressa a fases anteriores do desenvolvimento experimenta uma mudança na forma de perceber o mundo e de expressar-se. É nesse sentido que entendemos a clássica afirmação de Freud acerca do imbricamento dos três tipos de regressão: "Todas essas três espécies de regressão, no entanto, são no fundo apenas uma e, em regra, ocorrem juntas, porque o que é mais antigo no tempo é mais primitivo na forma e, na topografia psíquica, fica mais perto da extremidade perceptiva (FREUD, 1900)". Essa afirmação sugere-nos a regressão como um conceito estratégico, já que designa dois tipos de fenômenos clínicos (regressão temporal e formal) e também um funcionamento psíquico universal, da dimensão metapsicológica (regressão tópica), todos entrelaçados num mesmo conceito.

A heterogeneidade do conceito de regressão torna-se ainda maior quando o examinamos em Ferenczi. A regressão é conceito nuclear na teoria do desenvolvimento psicosexual para a compreensão do sentido da genitalidade humana, na dimensão metapsicológica. Além desse lugar central na teoria da genitalidade, a regressão é entendida por Ferenczi enquanto possibilidade terapêutica na liquidação dos traumas que residem nas raízes das perturbações psíquicas. A regressão dá acesso a marcas traumáticas primitivas que incluíram o ambiente perturbador no modo de ser do sujeito. Esse sentido da regressão assemelha-se ao conceito de *regressão à dependência*, posteriormente desenvolvido por Winnicott. Trata-se de considerar a regressão como um processo que não se limita à realidade interna do indivíduo, mas que depende da consideração da relação indivíduo/ambiente, ou seja, da situação de dependência característica do psiquismo originário. Michel Balint também desenvolve esse sentido ferencziano da regressão no conceito de novo começo, distinguindo-o da concepção freudiana da regressão como "um processo completamente interno da mente do indivíduo" (BALINT, 1968, pág. 126). Para ele, existe um tipo de regressão que tem por finalidade estabelecer uma relação objetal de estrutura primitiva. Para que isso ocorra durante o tratamento analítico, Balint aponta a necessidade de reconhecimento pelo analista das necessidades do paciente, aceitando esse desejo como parte do processo terapêutico. Desse modo, temos a regressão como um fenômeno terapêutico a favor da análise.

O lugar estratégico da regressão constitui-se pela heterogeneidade do conceito que

configura um campo de intersecção de dimensões e perspectivas distintas da psicanálise. Está originalmente na confluência entre a teoria clínica e a metapsicologia e também marca diferentes concepções a respeito da técnica analítica. Enquanto fenômeno delimitado aos contornos do aparelho psíquico, a regressão carregou o valor negativo de uma manifestação que se opõe ao desenvolvimento. Um olhar diverso para o psiquismo, que considera suas fronteiras móveis, encontrou no fenômeno da regressão a possibilidade de liquidação de traumas, encontro de si, novos começos. A potencialidade terapêutica da regressão está em jogo quando o ambiente tem sua participação considerada no funcionamento psíquico. Na técnica analítica, isso traduz-se na consideração das atitudes do analista no processo da análise.

A heterogeneidade intrínseca ao conceito de regressão e sua posição estratégica marcando divergências relativas à técnica analítica justificam um estudo desse conceito que explicita suas nuances. Desse modo, nossas considerações sobre os sentidos da regressão nos autores escolhidos visa a uma diferenciação interna ao conceito que não pretende alcançar uma identidade de pensamentos sobre ele. Ao invés disso, pretendemos traçar as características que o conceito apresenta em cada um dos autores escolhidos. Algumas são comuns, outras particulares. O que nos interessa, portanto, é vislumbrar os múltiplos aspectos da regressão para que seu potencial terapêutico seja atualizado e seus aspectos limitadores sejam considerados sem, no entanto, limitar a possibilidade de continuidade da reflexão sobre o tema.

CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS - REFLEXÕES SOBRE O PERCURSO DA PESQUISA

Antes de dar início aos capítulos dessa dissertação, tecemos algumas reflexões sobre a pesquisa que lhe deu origem. Trata-se de uma pesquisa realizada a partir da leitura de textos do âmbito da psicanálise. Olhando para o resultado final da pesquisa poder-se-ia imaginar que escolhemos estudar o conceito de regressão por seu caráter estratégico, buscando em diversos textos dos autores escolhidos a compreensão desse fenômeno. Isso aconteceu, mas depois de uma longa caminhada. A pesquisa começou a partir de um projeto que tinha por objetivo resgatar a presença do corpo na psicanálise. A

referência teórica era Winnicott, tendo o foco na noção de psique enquanto elaboração imaginativa das funções corporais e nos processos de constituição do *self*, tarefas do desenvolvimento primitivo que envolvem a consideração da dimensão corporal do indivíduo. Mas essas idéias vagavam sem ancoragem num tema norteador, convivendo com o interesse na dimensão terapêutica da clínica que incluísse a consideração do corpo no *setting* analítico. Nesse processo, li muitos textos de Winnicott até encontrar um caso clínico que norteou minha idéias. Trata-se do caso de uma paciente de Winnicott que viveu um processo de regressão a estados muito primitivos, processo que lhe possibilitou o encontro de si mesma, trazendo vida a sua experiência de ser. A leitura desse caso rendeu o encontro com a regressão enquanto um processo terapêutico que conta com a *atuação* do paciente no *setting* analítico. Ações corporais ao invés de sentenças verbais aparecem como forma de expressão do paciente no cenário analítico, nesses estados chamados de regressivos. Surgiu a questão a respeito da natureza desses processos regressivos, na inquietante busca de compreender para onde o regresso se dá e como isso é possível. Nessa altura da pesquisa, a revisão da regressão terapêutica pelo psicanalista inglês Harold Stewart(1992) e os apontamentos de Figueiredo(2002) sobre a regressão e regressão terapêutica apresentaram-me Sandor Ferenczi e Michel Balint como companhias indispensáveis para tais reflexões.

A regressão apontou para a origem do psiquismo e já convicta da necessidade de estudar Ferenczi, Balint e Winnicott, enveredei pelas idéias acerca da origem nesses autores. O conceito de regressão foi ganhando contorno e pude compreender que ele já estava, de certa maneira, 'sobredeterminado' pelos temas que norteavam meu interesse. A presença do corpo no *setting* (marcada através das *atuações*, *acting out* ou expressões não verbais) e as tarefas primitivas do desenvolvimento constelam o tema da regressão. Porém, a dimensão terapêutica não se relaciona obviamente à idéia de regressão. O estudo dos autores já mencionados, entretanto, indicava a dimensão terapêutica da regressão, revelando a adequação desse conceito para o estudo dos elementos presentes desde o projeto inicial.

Evidencio esse percurso para denotar a metodologia dessa pesquisa: leitura de textos que ofereceram elementos para a descoberta de um tema que apontou para a leitura de novos textos cujo estudo e sistematização renderam essa dissertação. Poderíamos dizer

que a pesquisa inspirou-se, de certo modo, no método psicanalítico, pelo modo de leitura que aproxima-se, de certa forma, da escuta psicanalítica. Nessa leitura, mediante uma atenção igualmente flutuante, alguns elementos dos textos foram ganhando relevo, sendo a partir deles que o estudo foi ganhando consistência.

Os quatro capítulos que se seguem não foram necessariamente produzidos na ordem em que estão dispostos, atestando o caráter não linear que marcou nossa reflexão sobre os sentidos da regressão. Aspectos históricos e biográficos dos autores, ainda que tenham feito parte do estudo, não são discutidos na dissertação, pois ampliariam em demasia nosso percurso. A escolha dos textos a serem estudados de cada autor não encontra uma explicação lógica prévia, visto que cada texto apontava para outro, revelando uma lógica interna própria a cada autor. E assim fui passeando pelos textos até encontrar os que atravessaria repetidas vezes, demorando-me em frases e pontos que resistiam à compreensão. Até que algum outro texto, noção ou conceito aparecesse, dando alento ao caos, organizando a compreensão do tema. O trabalho foi sobre textos, mas a vida não pára. E nela, minha própria análise, a análise de alguns pacientes, os relacionamentos interpessoais e a vida cultural (músicas, romances, poesias, filmes) engendravam texturas e cores que recheavam as idéias e os conceitos estudados teoricamente.

Como resultado desse processo temos, no primeiro capítulo, considerações sobre a regressão em Ferenczi. Fez-se necessária a compreensão da relação desse autor com a psicanálise de Freud e seus desenvolvimentos teórico-técnicos. Passamos pela técnica ativa, pelo princípio do relaxamento, pela análise mútua, considerando o processo de experimentação de Ferenczi. Apontamos a idéia dos símbolos mnêmicos corporais que emergem na relação analítica, expressando a memória do trauma no corpo. Trata-se de uma concepção de regressão que considera o papel do ambiente na traumatogênese, em oposição à idéia da formação de sintomas histéricos ocorrendo dentro dos limites do aparelho psíquico. Finalizamos o capítulo com uma pequena apresentação do ensaio do autor sobre a teoria da genitalidade, em que a idéia de regressão ocupa posição nuclear, e então, tecemos algumas observações complementares sobre a genitalidade feminina, inspiradas no jeito do autor de considerar o todo, o indivíduo-no-ambiente.

No segundo capítulo, temos o encontro com Michel Balint. Um encontro que se

deu num registro diverso, visto que da bibliografia do autor apenas um livro foi traduzido para o português. Nem no húngaro materno do autor, nem no meu português se deu nosso encontro. Foi na língua inglesa, traduzida pelo próprio autor, que o estudo foi possível. Começamos com o novo começo, entendido como fruto da regressão. Então, encontramos Eros e Afrodite para a consideração dos modos de operar da sexualidade humana, na infância e na vida adulta. Algumas reflexões sobre as organizações pré-genitais da libido ajudaram-nos a apontar a consideração do ambiente por Balint na constituição do psiquismo humano. Então, chegamos a sua concepção de origem do psiquismo no *amor primário*. Isso tudo nos auxiliou a compreender a diferenciação feita pelo autor entre *regressão benigna* e *regressão maligna*, possibilitando-nos a indicação de relações entre elementos de sua própria obra, não explicitadas pelo autor nessa diferenciação. Encerramos o capítulo com alguns apontamentos sobre a área da *falha básica* que, além de ser um importante conceito do autor, remete às expressões não verbais, além das verbais, como formas de comunicação no ambiente analítico.

No terceiro capítulo, finalmente, apresentamos Winnicott, o primeiro a ser estudado. Começamos pelo caso clínico já referido. Esse caso possibilitou algumas considerações sobre a inter-relação psique/soma e também indicou o fenômeno da regressão tal como entendido por Winnicott. Debruçamos na concepção de regressão segundo Winnicott e partimos, então, para uma consideração minuciosa do texto do autor sobre o desenvolvimento emocional primitivo. Finalizamos o capítulo com uma pequena apresentação da terceira área da experiência concebida pelo autor.

O quarto e último capítulo apresenta nossas considerações finais, em três etapas. Na primeira, apontamos as aproximações e os afastamentos teorico-clínicos entre os três autores, reconhecendo um estilo clínico que lhes é comum. Na segunda etapa, sustentamos uma discussão sobre a regressão na rede constituída pela trama dos elementos recolhidos em Ferenczi, Winnicott e Balint. Propomos um diagrama que facilita a visualização das articulações realizadas. Na terceira etapa, concluímos a pesquisa com o vislumbre do horizonte aberto em nossas considerações dos sentidos da regressão. Horizonte que aponta para a compreensão da regressão como processo integrante na criação artística, aspecto semelhante ao seu potencial terapêutico.

1 TEORIA E TÉCNICA PSICANALÍTICA EM SANDOR FERENCZI: CONSIDERAÇÕES SOBRE O FENÔMENO DA REGRESSÃO

O fenômeno da regressão encontra na psicanálise de Ferenczi um olhar diverso do que recebia em solo psicanalítico freudiano. Em seu ensaio sobre a teoria da genitalidade (FERENCZI, 1924/1990), a regressão constitui-se em finalidade do desenvolvimento psicosexual, e não apenas, mas ao invés disso, em meio através do qual esse fim se realiza. Uma concepção um tanto quanto complexa em cuja compreensão debruçamos no fim deste capítulo. A regressão ocupa um lugar importante não só em sua teoria da genitalidade, mas também em sua técnica analítica. Importante salientar que a teoria, em Ferenczi, caminha imbricada em sua prática clínica e para compreender os meandros do percurso do pensamento ferencziano é necessário determo-nos no desenvolvimento de sua prática clínica. Para tanto, neste capítulo acompanhamos alguns momentos da obra do autor, enfocando as fases de sua técnica e também as concepções que norteiam e nascem dessa prática.

Inicialmente, abordamos o enraizamento da psicanálise de Ferenczi na tradição psicanalítica de Freud, compreendendo sua posição de herdeiro dessa tradição e também de co-autor, como veremos a seguir. A sua contribuição à Psicanálise não se finda no pertencimento à tradição freudiana, mas continua seu desenvolvimento apontando para uma nova tradição que se faz presente no pensamento psicanalítico atual. Figueiredo (2002) aponta Winnicott como um dos herdeiros dessa tradição de estilo clínico marcado pela questão da regressão no processo terapêutico.

A seguir, traçamos o percurso de suas experimentações clínicas, na tentativa de compreender o pensamento clínico subjacente a elas. Inserimos algumas discussões teóricas entrecortando o percurso da explanação sobre as fases da técnica em Ferenczi, na tentativa de suplementar a leitura destas. Finalmente, encerramos o capítulo com a apresentação de um pequeno esboço da teoria da genitalidade de Ferenczi e algumas considerações complementares.

1.1 SANDOR FERENCZI E A PSICANÁLISE DE FREUD

No “senso comum” da psicanálise assim como na literatura psicanalítica, Freud e Ferenczi são freqüentemente polarizados: suas visões sobre a técnica são tomadas como opostas e seus pontos de vista colocados em saliente contraste. É o que afirma Giampieri-Deutsch em seu artigo “A Influência das Idéias de Ferenczi sobre a Técnica Padrão Contemporânea”. No pólo Freud está a atitude paterna, o insight, a pesquisa e a teoria em oposição ao pólo Ferenczi onde encontramos a atitude materna, a experiência, a cura e a terapêutica. A autora aponta esta polarização levantando a questão: devemos tomar partido de um dos lados ou reconciliá-los?

Investigando os textos em seus contextos abre-se a perspectiva de compreender a história do desenvolvimento da psicanálise como a imbricação de pensamentos e experiências que extrapolam a possibilidade de uma clara delimitação de autoria, percepção testemunhada por Freud no obituário de Ferenczi: “Por muitos anos sucessivos passamos as férias de outono juntos na Itália, e um grande número de artigos que apareceram posteriormente na literatura sob o seu ou meu nome tomaram sua primeira forma em nossas conversas lá” (FREUD,1933 apud GAMPIERI-DEUTSCH pág.229). Dessa perspectiva dilui-se uma polarização, tornando-se visíveis aspectos da clínica de Freud que trazem certa maleabilidade a sua técnica, como também as contribuições de Ferenczi à técnica padrão, cada autor contendo em si elementos dessa polaridade.

Depoimentos daqueles que tiveram experiência clínica com Freud atestam aspectos dela que complementam seus escritos técnicos, compondo o complexo quadro da psicanálise. Quadro bem pintado por Haynal no Capítulo 1 “Prolegômeno: Freud” de seu livro *A Técnica em Questão*. Desse quadro vale a pena citar algumas imagens. Para ilustrar como a atividade de Freud não estava limitada à interpretação, Haynal recorre a diversas fontes: Lipton(1977) fala de uma “relação pessoal não técnica” de Freud com seus pacientes, como em algumas ocasiões em que teria servido uma refeição, enviado um cartão postal e emprestado um livro, em momentos diversos, a Lorenz, o famoso “Homem dos Ratos”. A expressão de seus próprios sentimentos a seus analisandos é descrita por Hilda Doolittle (1956). Ela fala da raiva do professor Freud que teria batido a mão em punho no apoio da cabeça do divã. Masud Khan(1973) relata as lembranças da

análise da Sra. Alix Stranchoy: “Esta semana de análise foi difícil, mas ela tinha chegado a um sonho significativo. Ela relatou o sonho ao Professor e trabalharam sobre ele. Depois de fazer uma interpretação, ele se levanta para acender um charuto dizendo: ‘É necessário celebrar um tão importante insight!’. Alix Stranchoy retorquiu timidamente que não havia contado o sonho inteiro, ao que o professor replicou: ‘Não seja ávida, é insight suficiente para uma semana!’”(KHAN, 1973, apud HAYNAL, 1988, pág.7).

A complexidade dos fenômenos que ocorrem em uma análise oferece motivos suficientes para mal entendidos e controvérsias a respeito das atitudes do analista. Nesse sentido Freud teria dito “evidentemente, os iniciantes têm, sem dúvida, a necessidade de um mínimo de princípios técnicos para começar (...) mas devem sobretudo aprender a desenvolver suas técnicas pessoais(...)” (BLANTON, 1971, apud HAYNAL, 1988 pág.2). Haynal traz trechos de algumas cartas de Freud exemplificando como a técnica em psicanálise, para Freud, deve ser modificada, já que os problemas técnicos ligam-se a pessoa do terapeuta e as suas dificuldades. Freud teria criticado aqueles que tinham a tendência de seguir suas prescrições ao pé da letra ou exagerá-las, afirmando que sua técnica era a única que lhe convinha pessoalmente, podendo sofrer modificações congruentes com o “temperamento” do analista. Por esse motivo deixou claro tratarem-se de “conselhos” preferencialmente a regras.

Desse modo as instruções de Freud referentes ao método psicanalítico encontram nas histórias de casos, depoimentos de pacientes e em suas correspondências um pólo que equilibra supostos radicalismos em relação a sua prática clínica, pelo menos em seu período inicial¹. A distância entre Freud e Ferenczi diminui ainda mais se consideramos a influência das idéias de Ferenczi na constituição da técnica padrão. Na literatura atual encontramos referência a ele geralmente quando o tema em discussão trata de inovações técnicas ou alternativas à técnica “clássica”. Por isso torna-se interessante voltarmos ao artigo de Gampieri-Deutsch para acompanharmos as contribuições de Ferenczi à técnica padrão contemporânea, no desenvolvimento do conceito de *transferência*, por exemplo.

¹ Segundo Haynal (1988), a análise de Lipton das reedições sucessivas dos casos clínicos de Freud não trazem indicativos que nos leve a pensar que a técnica de Freud tenha se modificado durante o curso de sua vida, como resultado de seu trabalho sobre a transferência.

É importante salientar que o entusiasmo de Ferenczi e sua abertura à experiência tiveram como efeito uma obra de natureza multifacetada, sendo necessário, portanto, não perdermos o senso cronológico de suas contribuições.

Segundo a autora, a teoria de Ferenczi sobre a transferência pode ser dividida em pelo menos quatro fases. Na primeira fase, início do século XX, ela é investigada em alguns aspectos importantes: fenômeno universal, característico de toda neurose, sua presença torna-se significativa para um diagnóstico diferencial. Em 1909, Ferenczi aponta a universalidade da transferência na neurose, observando

que a inclinação do psiconeurótico à transferência expressa-se não apenas no caso específico do tratamento psicanalítico e não apenas em relação ao médico, mas que a transferência é um mecanismo psíquico que é característico da neurose de modo geral, o que é evidenciado em todas as situações da vida e que subjaz à maior parte das manifestações patológicas. (FERENCZI, 1909, apud GIAMPIERI-DEUSCHT, p.232)

Este apontamento de Ferenczi aparece três anos antes de Freud escrever em *A Dinâmica da Transferência*: "Não é um fato que a transferência apareça com maior intensidade e falta de limites durante a psicanálise que fora dela.... Essas características da transferência devem ser atribuídas não à psicanálise, mas à transferência em si" (FREUD, 1912, apud GIAMPIERI-DEUSCHT, p.232).

Nesse sentido, os pontos de vista dos dois autores estão de acordo. Outro aspecto investigado nessa primeira fase, também em acordo com Freud, é a relação da transferência com a sugestão e hipnose: ambos os processos aparecem sustentados por transferências fundadas em desejos sexuais em relação às figuras parentais. O paciente será crédulo se houver transferência do amor pelos pais e obediente, se o for a ansiedade.

Na segunda fase, década de 1920, Ferenczi analisa a transferência tendo na *repetição* o centro de suas reflexões. A transferência traduz-se na repetição da relação edípica na relação analítica. Faceta também analisada e enfatizada por Freud desde seus trabalhos iniciais, o fenômeno da repetição recebe um tratamento especial em 1920, com desenvolvimentos transformadores para o edifício teórico da psicanálise. Esta fase atrai especialmente nossa atenção, já que possibilita uma aproximação com o fenômeno da regressão, porém, no momento, cabe apenas apontar desenvolvimentos nesse sentido mais a frente.

Na terceira fase do estudo de Ferenczi sobre a transferência, todas as expressões do paciente são entendidas como transferência sobre o analista:

Para mim e minha análise é um avanço ter tomado a sugestão de Rank a respeito da relação do paciente para o analista como o ponto cardinal do material analítico e considerar *cada* sonho, *cada* gesto, *cada* ato falho, *cada* agravamento ou melhora na condição do paciente como, acima de tudo, uma expressão de transferência ou resistência”. (FERENCZI, 1925, apud GIAMPIERI-DEUTSCH pág. 235)

Na quarta e última fase, Ferenczi, em suas reflexões finais, rejeita o conceito de transferência como um todo. Na medida em que Ferenczi prescinde da transferência como uma característica do processo analítico, ele reduz o relacionamento analítico a um relacionamento cotidiano, no qual apenas a aliança terapêutica se mantém. Esta concepção prenuncia a concepção de Winnicott a respeito da relação terapêutica como uma "forma especializada de amizade", já em seu primeiro trabalho de 1931.

Acompanhando o desenvolvimento das idéias de Ferenczi em relação à *transferência* temos essa pequena amostra de como seu pensamento esteve imbricado nos desenvolvimentos da técnica analítica desde o início desta, sendo que ao longo de suas experimentações clínicas sua prática vai, aos poucos, distanciando-se do que é considerado como a técnica “clássica” - maneira como Ferenczi se referia à técnica padrão (ver Jones 1957, p.63-64). Nesse sentido, podemos mapear a postura técnica de Ferenczi em três momentos: a técnica ativa, o princípio de relaxação e a análise mútua. Esse mapeamento pode nos ajudar a compreender melhor como a polarização Freud-Ferenczi pode ser observada no final de uma longa história de contribuições e construção coletiva do pensamento psicanalítico. Sabendo que se trata de um momento historicamente circunscrito, podemos redimensionar o tamanho do vão que liga os dois maiores expoentes da psicanálise.

1.2 CAMINHOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA EM FERENCZI

1.2.1 A técnica ativa

Ferenczi (1919a) conta-nos o caso de uma paciente que, pela terceira vez,

retomava a sua análise diante do agravamento de seu estado, após algum tempo da interrupção da análise. Assim como das outras vezes, ela começava o trabalho analítico, atingia certo grau de melhora e, na condição de sua psicose histérica, iniciava um jogo, com declarações e juras de amor ao analista, meio através do qual parava de trabalhar, refugiando-se no amor de transferência. Apesar do zelo e compreensão teórica em relação à análise atribuídos à paciente por Ferenczi, seus progressos não eram consistentes.

A incansável repetição dos fantasmas amorosos da paciente na transferência, incidentalmente revelavam sensações eróticas genitais durante a sessão. Isto direcionou a observação de Ferenczi a constatar que ela mantinha as pernas cruzadas durante todo o tempo. Ocorreu-lhe que essa postura da paciente poderia ser entendida como uma "forma larvada de masturbação, que permitia o descarregar sub-reptício de moções inconscientes, só deixando passar para o material associativo, fragmentos inutilizáveis"(FERENCZI, 1919a, pág.122). Ou seja, tal postura desviava a energia psíquica do trabalho associativo da paciente, dissipando-se nesse hábito que lhe rendia alguma excitação genital pré-consciente. Porém, a tentativa de abordar a temática do onanismo não abriu portas para o trabalho analítico. Diante disso, após algum tempo, apostando em sua intuição, Ferenczi experimentou nova estratégia: proibiu que a paciente ficasse nessa posição.

Qualificou como "relâmpago" o efeito dessa medida para o trabalho analítico da paciente. Não apenas surgiram fragmentos de lembranças há muito enterradas, mas também uma agitação física e psíquica atormentavam a paciente. Com o tempo, entretanto, a paciente estabilizou-se nesse novo nível de tensão, abrandando o andamento do processo. Ferenczi experimentou proibir também o esfregar das pernas ao longo de todo o dia e não somente na sessão de análise. O desenrolar da análise revelou alguns atos sintomáticos da paciente que, diante das proibições das formas de onanismo larvado, tornaram-se equivalentes do onanismo. Apertar ou beliscar desatentamente diversas partes do corpo substituía a satisfação erótica dos órgãos genitais, inacessível à paciente. As experiências vividas na análise levaram a paciente a admitir que dissipava toda sua sexualidade nesses pequenos hábitos, cotidianamente erotizados. Aceitando renunciar a tais modos de satisfação, a paciente pode encontrar o caminho em direção à genitalidade que havia sido recalcada em determinada época de seu desenvolvimento. A paciente

revela o aparecimento de uma excitação intensa nos órgãos genitais, admitindo a prática temporária da masturbação, que pode ser interpretada como a retomada de um período de masturbação ativa em sua infância. A retomada de formas de satisfação da sexualidade infantil, até então recalçadas, parece tê-la direcionado a reencontrar os trilhos de seu desenvolvimento sexual, possibilitando-lhe, enfim, a satisfação nas relações sexuais normais que, até então, parecia-lhe proibida.

Inaugura-se a fase da técnica ativa, no trabalho psicanalítico de Ferenczi. O autor entende que os recursos da transferência e da técnica ativa constituem o método experimental da Psicanálise, que suplementaria a observação e a interpretação (FERENCZI, 1919a, p.126). Utiliza uma comparação com a experimentação no terreno da biologia, partindo da comparação entre o recurso da técnica ativa e a ligadura de artérias para aumento da pressão sanguínea em regiões afastadas. Acredita que, em certos casos, pode-se e deve-se barrar as vias inconscientes de escoamento da excitação psíquica, provendo um acúmulo de energia que força a superação da resistência oposta pela censura através de um "aumento da pressão" pela energia assim acumulada que permite a manifestação consciente de material recalçado. Isso resultaria num investimento psíquico estável por meio dos sistemas superiores, no trabalho de interpretação do material emergido.

Ferenczi atribui o protótipo da técnica ativa a Freud, referindo-se à análise de casos semelhantes de estagnação em histerias de angústia. Freud (apud FERENCZI, 1919a) exige dos pacientes que enfrentem as situações críticas que lhes suscitam a angústia, com o objetivo de mobilizar os afetos ligados a essas cadeias associativas. Espera-se que esses afetos, após liberados de suas associações secundárias, retomem suas ligações com as representações originais, histórica e qualitativamente adequadas. Trazendo de volta para os órgão genitais a libido utilizada de modo anormal, os sintomas histéricos desaparecem. Isso porque os órgão genitais tem essa capacidade de descarregar a tensão acumulada pelo organismo, vertendo para si a libido que, caso se concentre nos outros órgãos, forma sintomas histéricos, desviando a realização de suas funções biológicas.

Importante ressaltar que a técnica ativa constitui um artifício para uso excepcional, como um auxiliar à análise propriamente dita, sustentada na regra

fundamental da associação livre. Ferenczi utiliza a comparação do trabalho do analista com o trabalho do parteiro, que deve se comportar tanto quanto possível passivamente, como acompanhante de um processo natural, mas que tem o fórceps à mão, nos momentos críticos de um parto que não progride espontaneamente. A técnica ativa, como o fórceps, é instrumento essencial em alguns casos, porém, se usado indiscriminadamente, constitui-se em falta técnica.

Notemos que as elaborações técnicas de Ferenczi, nesse momento, convergem plenamente com a postura técnica freudiana. Podemos considerar que a técnica ativa é apenas uma exacerbação da situação de abstinência necessária à cura analítica. A técnica ativa é *atividade psíquica do paciente* a quem se impõe uma tarefa particular, seja cumprir certas ações desagradáveis, seja renunciar a certas ações agradáveis. Assim, a atividade trabalha na "contra-mão" do princípio do prazer (FERENCZI 1921, p.190).

Ferenczi faz questão de diferenciar a técnica ativa tanto das tentativas técnicas de Jung, Bjerre e Adler, que alterariam a técnica psicanalítica em seu cerne, diferenciando-a também de um retorno à sugestão ou ab-reação catártica. Ele acredita que a técnica ativa decorre de um desenvolvimento da técnica analítica, no sentido em que incita o paciente a certas atividades, a inibições, a atitudes psíquicas ou a uma descarga de afetos, meios através dos quais pode-se ter acesso ao material mnêmico inconsciente. Enquanto a catarse têm a descarga de afetos como um fim, a técnica ativa nela se apóia como meio para o trabalho analítico (FERENCZI, 1921, pág.195).

Na reflexão acerca dos "Prolongamentos da técnica ativa em psicanálise" (1921), Ferenczi conclui, após citar Freud a respeito da vitória da terapêutica quando se consegue libertar pela lembrança, o que o paciente queria descarregar pela ação que "a técnica ativa não tem outra finalidade senão trazer à luz, pela ação, certas tendências ainda latentes à repetição e ajudar, assim, a terapêutica na obtenção desse triunfo talvez um pouco mais rapidamente" (FERENCZI, 1921, pág. 197).

1.2.2 Experimentação: da técnica ativa ao princípio do relaxamento

A prática clínica de Ferenczi é marcada pela experimentação. Antes que passemos das considerações da técnica ativa para o princípio do relaxamento, vale salientar o pano

de fundo que agrega tal experimentação, buscando seus fundamentos. Visualizando o desenvolvimento de sua prática clínica de perto, vislumbramos o sentido mais amplo do pensamento de Ferenczi que abarca posturas clínicas tão diversas. Nesse sentido, vale retomarmos o contexto em que surge a idéia da experimentação.

A questão da interdependência entre a teoria e a prática psicanalíticas aparece em Ferenczi em sua constante preocupação com a necessidade dessas duas esferas não se tornarem independentes. Em seu artigo de 1924 "Perspectivas da psicanálise", de autoria conjunta com Rank, afirma que a Psicanálise em seu início tinha um aspecto puramente prático que constituía o núcleo primitivo do movimento. Como produtos secundários da ação terapêutica sobre as neuroses nasceram as concepções científicas a respeito da estrutura, função, gênese e fundamentos biológicos do aparelho psíquico. A busca de um aprofundamento no conhecimento do psiquismo humano pela construção de modelos teóricos que dessem conta de explicá-lo, ganhou a cena psicanalítica, nesse momento. Afirmam que esse período constituiu uma fase de crescente conhecimento dos mecanismos psíquicos prescindindo, entretanto, de semelhante desenvolvimento no alcance de resultados terapêuticos, no âmbito da técnica:

A importância científica de um manejo correto da técnica foi até agora negligenciada e já é hora de valorizá-la devidamente. Os resultados teóricos não devem refletir sobre a técnica de maneira tão mecânica como se tem feito; e sobretudo é preciso uma correção constante da teoria pelos novos conhecimentos trazidos pela prática. (FERENCZI, 1924, pág.229, grifos do autor).

Nesse sentido, indica-se o início de uma *fase de experimentação*. Entendendo a fase anterior, fase de conhecimento, fundamentada no esforço de obter-se efeitos terapêuticos como reação do paciente às *explicações* que lhe são dadas, a fase de experimentação se propõe, em função do conhecimento adquirido a respeito do aparelho psíquico, a provocar no paciente as *experiências* vividas adequadas, limitando a explicação a essa experiência diretamente perceptível ao paciente.

Para Ferenczi, nesse momento, a tarefa analítica reside na compreensão da forma de comunicação inconsciente do paciente expressa no mecanismo da repetição. Os sintomas neuróticos, a linguagem dos gestos, são discursos em que o inconsciente se exprime a todo momento. Dessa forma, a técnica analítica deveria não só permitir essa

repetição, como também encorajá-la para que esse material apareça à consciência do paciente. Partindo do pressuposto de que esse inconsciente reprimido é a causa das neuroses, espera-se que ele possa aparecer, tendo seu potencial neurógeno liquidado na relação terapêutica. A liquidação dos afetos ligados ao material inconsciente se dá pela transformação dos elementos repetitivos em lembrança atual. Não se trata, portanto, da dissipação dos afetos pela vivência da constante repetição, nem de uma reconstrução do material inconsciente em discurso verbal:

Esse inconsciente, principal descoberta da Psicanálise, não pode - já que nunca foi "sentido" - ser "rememorado" e alguns sinais fazem com que se reproduza. A simples comunicação, uma "reconstrução", por exemplo, não está apta a produzir sozinha reações afetivas; ela permanece de início sem efeito sobre os pacientes. Será preciso esperar que eles vivam algo análogo na atualidade, dentro da situação analítica, isto é, no *presente*, para se convencerem da realidade do inconsciente, sendo-lhes, mesmo assim, necessárias várias experiências desse tipo. (FERENCZI, 1924, p.224)

O efeito traumático de certas experiências precoces fundamentais é vivido na situação analítica pela primeira vez como experiência consciente, permitindo a liquidação desses afetos que estariam fadados à eterna repetição inconsciente. Caminhamos em direção a neo-catarse como artifício teórico-técnico da psicanálise de Ferenczi.

É importante salientar a compreensão dos processos psíquicos que orienta as medidas técnicas de Ferenczi. Um olhar desatento indicaria a técnica ativa e a neo-catarse como pólos opostos de um experimentalismo desmesurado. Num aprofundamento da compreensão do pensamento de Ferenczi, entendemos essas medidas técnicas como táticas diversas para dar conta de um mesmo objetivo: liquidar o efeito traumático de afetos que foram relegados a manifestações inconscientes e que teriam na repetição sua única forma de expressão.

1.2.3 Princípio de relaxamento e neo-catarse

Quando eu dizia a uma paciente que mantivesse separadas as pernas até então cruzadas, eu criava, de fato, uma situação de frustração libidinal que encorajava o crescimento da tensão e a mobilização de conteúdos psíquicos até então recalçados. Mas quando sugeria à mesma paciente abandonar a posição surpreendentemente rígida de toda a sua musculatura, e de se permitir maior liberdade e mobilidade, seria injusto falar unicamente de aumento de tensão, pois este abandono da rigidez da paciente colocava dificuldades. Seria muito mais honesto confessar tratar-se neste caso de uma medida de natureza

completamente diversa, e que poderíamos tranquilamente nomear, como contrário ao aumento de tensão, relaxamento. (FERENCZI, 1930, p.324)

Nesse artigo de 1930, Ferenczi anuncia novas perspectivas da técnica a que chegou no decorrer de sua experimentação clínica. Processo que o levou a medidas técnicas opostas às que vinha praticando anteriormente. Tal oposição, segundo o autor, longe de indicar uma contradição de suas concepções, está ligada às necessidades diversas que o desenvolvimento psíquico humano apresenta. Entende que a Psicanálise trabalha com dois meios opostos: a frustração, que produz um aumento de tensão e o relaxamento, produzindo o efeito oposto. Meios que não são exclusivos da Psicanálise, dizendo respeito ao humano, estando presentes já na educação das crianças, que consiste na concessão de ternura e amor, exigindo, no entanto, dolorosas renúncias em favor de uma adaptação a realidade.

A técnica ativa, como vimos, consistiu na busca de resultados terapêuticos melhores, num período de tempo menor, pelo aumento artificial da tensão na tentativa de instigar a repetição de acontecimentos traumáticos anteriores e sua possível resolução pela análise. Alguns exageros, como por exemplo fixar um prazo para a cura, despertaram a prudência de Ferenczi diante dessa medida. Com isso, enveredou-se no caminho da análise do ego, que retirava o foco da dimensão das forças operantes na relação analítica. Notou, entretanto, que o entendimento da tópica, da dinâmica e da economia da formação dos sintomas pela compreensão da distribuição da energia psíquica entre Id, Ego e Superego, carregava a relação analítica de um caráter pedagógico, indicando um lugar próximo ao de mestre para o analista. Convenceu-se de que, ocupando esse lugar, o analista protegia-se de toda transferência de afetos agressivos, refugiado-se no dogmatismo e pedantismo de um suposto saber, nocivos à relação terapêutica.

Por esse motivo, Ferenczi apontou a necessidade de uma maior elasticidade da técnica analítica (FERENCZI, 1928). Passou a conceder maior liberdade ao paciente, apresentando o princípio técnico do "à vontade". Essa postura aventou novos ares para a atmosfera psicológica da sessão analítica. Se a fria objetividade do psicanalista criava uma atmosfera tensa, confrontando o paciente com dificuldades por vezes inúteis ao processo, uma atitude amistosamente benevolente, desde que totalmente sincera,

promoveria uma "economia de sofrimento" (FERENCZI, 1930, p.326) para o paciente. Ferenczi, não negava a impossibilidade de evitar o sofrimento do neurótico na análise, apenas buscava evitar sofrimentos desnecessários ao processo analítico. A qualidade da elasticidade não deve, entretanto, ser confundida com permissividade, já que prevê uma tensão, porém modulável e com um limite máximo que não deve ser ultrapassado, o que romperia a qualidade definidora de elasticidade.

O processo terapêutico do mecanismo em ação no princípio de relaxamento é explicado por Ferenczi como uma "neo-catarse". Isso porque a técnica de relaxamento produzia em alguns pacientes estados de exceção que poderiam ser qualificados como auto-hipnóticos, comparáveis às manifestações catárticas de Breuer e Freud. Após solidificada a atmosfera de confiança entre médico e paciente, permitindo a emergência de um sentimento de total liberdade, bruscamente irrompiam sintomas histéricos corporais, muitas vezes inéditos em processos analíticos de vários anos: parestesias, câibras, movimentos de expressão violentos, bruscas variações do estado de consciência, vertigens e até perda de consciência. Em seguida, o paciente freqüentemente apresentava uma amnésia retroativa, querendo saber do analista o que havia então acontecido. O curioso é que tais sintomas entravam em cena em momentos determinados que os destinava a compor a reconstrução do passado traumático que se desenrolava na análise. Esses sintomas acabavam por fortalecer as reconstruções efetuadas até o momento, com a diferença, entretanto, que o passado ganhava sentido de realidade para o paciente. Tais experiências conferiam o caráter de objetividade que faltava para que uma reconstrução se tornasse uma verdadeira lembrança. Ferenczi chamou tais irrupções de símbolos mnêmicos corporais.

Esse tipo de experiência conduziu Ferenczi a uma reconsideração da importância do fator traumático na equação etiológica das neuroses. Um trauma estaria sempre presente na origem das neuroses: "são sempre reais transtornos e conflitos com o mundo exterior que são traumáticos e tem um efeito de choque, que dão o primeiro impulso à criação de direções anormais de desenvolvimento; eles sempre precedem à formação de potências psíquicas neurógenas"(FERENCZI, 1930, p.328). Por isso, atingir o material mnêmico traumático é imprescindível para que uma análise seja considerada pelo menos teoricamente acabada, na concepção de Ferenczi.

É importante diferenciarmos as conclusões a que chegou Ferenczi de um simples retorno à técnica catártica, do início da Psicanálise. Inclusive observamos esta preocupação em toda a retórica utilizada por Ferenczi para comunicar suas novas descobertas. O texto em que trata do princípio de relaxamento (originalmente uma Conferência) é entrecortado por um suposto ouvinte contestador que providencia a oportunidade do autor justificar suas posições: "alguns de vocês muito provavelmente terão a impressão de não se justificar tê-lo intitulado "Progresso da técnica", e que o seu conteúdo mais mereceria ser qualificado como passo atrás ou retroação". Precavendo-se da crítica esperada, Ferenczi retoma o desenvolvimento da técnica psicanalítica desde os tempos de Breuer. Aponta o enfraquecimento da relação intensamente emocional que o médico mantinha com o paciente, na passagem da hipnose para a técnica da associação livre. Indica a importância da concepção de realidade psíquica que tornou válida qualquer alegação do paciente, pois ainda que mentirosa e irreal constituía-se em objeto de atenção e pesquisa nessa nova realidade. Entretanto, a associação livre e a indiferença do psicanalista quanto à veracidade ou não das alegações do paciente, conferiram ao processo analítico um caráter essencialmente intelectual. Então, as concepções de transferência dos afetos e de resistência afetiva vieram retomar a afetividade que havia sido negligenciada na relação analista-analisando. Ferenczi afirma que é nessa altura do desenvolvimento da técnica psicanalítica que se dá seu encontro com a Psicanálise. Nesse encontro, admite refazer individualmente como analista todo o percurso da Psicanálise, passando pela experiência do tratamento catártico, pela técnica da associação, vendo o processo ganhar o caráter de uma reeducação analítica do paciente. Essa postura pedagógica parecia dificultar o trabalho de emergência de afetos congelados em experiências traumáticas. Conta-nos o caso de uma paciente que, enquanto identificava o analista com seus pais intransigentes, repetia constantemente suas reações de desafio. Porém, quando o analista desfigurou as condições dessa possibilidade de identificação, no sentido do princípio do à vontade, a paciente começou a distinguir o passado do presente e, após algumas explosões emocionais, lembrou-se de choques psíquicos que provavelmente havia vivido na infância. O autor conclui que a semelhança entre a situação analítica e a situação infantil, incita à repetição, sendo que o contraste entre as duas favorece a rememoração (FERENCZI, p.331).

Nesse momento, Ferenczi passa a privilegiar o processo da rememoração, apoiando-se na consideração da traumatogênese, negligenciada na consideração da realidade psíquica como determinante da etiologia das neuroses. Acredita que a consideração do trauma pode-se mostrar fecunda, não apenas no plano terapêutico e prático, mas também no plano teórico. Essa perspectiva abre-nos a consideração de dois aspectos importantes. O primeiro consiste na importância da regressão enquanto processo terapêutico. Considerar a ocorrência de um trauma na origem das neuroses aponta a necessidade de meios para liquidá-lo. A regressão seria um meio possível para esse objetivo, considerando que o indivíduo teria a oportunidade de atingir os pontos que impediram um desenvolvimento saudável. O segundo é a consideração do ambiente como fator de importante consideração na etiologia das neuroses. O trauma é fruto de um choque externo, vindo do ambiente. Ferenczi encontrará na confusão de línguas entre os adultos e as crianças uma explicação satisfatória para a consideração do ambiente como traumático. Interessante apontarmos como, de certa forma, essas duas considerações se ligam. Na regressão do paciente, tem-se a oportunidade de liquidar o trauma ao propiciar um novo ambiente que ponha em marcha o desenvolvimento individual. Desse modo, o fator ambiental pode ter seu potencial traumático descarregado através da experiência regressiva, mediante uma relação de confiança que apresente um ambiente seguro para o amadurecimento do psiquismo frágil, que, livre das perturbações de um ambiente traumático, pode emergir e desenvolver-se.

1.2.4 Fenômenos de materialização histórica e símbolos mnêmicos corporais: formas diversas de regressão

A técnica do relaxamento, como pudemos ver, propiciava a irrupção de sintomas corporais nos pacientes em tratamento. Ferenczi entendia tais manifestações como símbolos mnêmicos corporais que guardavam a memória do trauma no corpo do paciente. Vale a pena examinarmos a relação entre essas manifestações corporais, a produção de sintomas histéricos e o fenômeno da regressão.

No artigo de 1919 "Fenômenos de materialização histórica" temos uma tentativa do autor de explicação da conversão e do simbolismo histéricos. Em acordo com Freud,

Ferenczi entende que os sintomas histéricos são manifestamente a figuração, pelo corpo, de um desejo sexual inconsciente. Acredita, no entanto, que esse mecanismo de figuração exige um exame mais profundo. Certo de que os sintomas histéricos não são nada "imaginários", mas bem reais, não pertencendo ao campo dos fenômenos ligados à ilusão, nem mesmo das alucinações, são entendidos pelo autor como *materializações*. Essa designação diz respeito à característica do sintoma de dar uma representação plástica à matéria de que o sujeito dispõe em seu corpo, realizando seu desejo como que por mágica (FERENCZI, 1919b, pág.136). Desse modo, desejos inconscientes criam fenômenos motores, modificações da circulação sanguínea, perturbações da função glandular e da nutrição dos tecidos, incapazes de serem produzidos pela vontade consciente.

Nesse momento, a explicação encontrada por Ferenczi para esses fenômenos consiste em afirmar a ocorrência de uma regressão profunda do desejo inconsciente. Segundo Freud, nos sonhos haveria uma regressão tópica do fluxo da excitação que atingiria o órgão psíquico da percepção, ativando elementos sensoriais tornados em componentes da figuração do desejo em sonho. Para Ferenczi, a regressão envolvida na produção da materialização histérica vai ainda mais longe, atingindo a motricidade inconsciente, configurando "uma regressão tópica numa profundidade do aparelho psíquico em que os estados de excitação não se liquidam mais por um investimento psíquico - mesmo alucinatório - mas simplesmente pela descarga motora"(FERENCZI, 1919b, pág. 137).

A regressão envolvida no processo de materialização teria, na dimensão temporal, a expressão de uma etapa muito primitiva do desenvolvimento onto e filogenético. Segundo Ferenczi, nesta etapa primitiva do desenvolvimento, a adaptação se dá pela mudança do próprio corpo e não pela mudança do mundo. Esse modo de adaptação é chamado de autoplástico, em oposição ao estágio aloplástico, mais tardio.

A materialização como regressão pode ser ainda entendida no plano formal como uma simplificação do processo psíquico em reflexo fisiológico. Entende o processo reflexo como etapa precedente ao psíquico, a que a mais alta complexidade psíquica pode regredir. Isso explicaria o salto do psíquico para o corporal no sintoma de conversão, entendido por Ferenczi como materialização. Desse modo, por uma reversão completa do curso normal da excitação, um processo psíquico poderia se exprimir numa modificação

fisiológica do corpo.

Ferenczi resume sua concepção da formação do sintoma histérico da seguinte maneira:

Uma moção pulsional genital extremamente forte quer penetrar na consciência mas o ego pressente a natureza e a força dessa moção como um perigo e a recalca no inconsciente. Após o fracasso dessa tentativa de solução, essas massas de energia perturbadora são empurradas mais profundamente ainda, até o órgão sensorial psíquico (alucinação) ou à motilidade involuntária no sentido mais amplo (materialização). Mas, nesse percurso, essa energia pulsional entrou em contato muito íntimo com camadas psíquicas superiores que a submeteram a uma elaboração seletiva. Ela deixou de ser um simples quantum, sofreu uma diferenciação qualitativa que fez dela um meio de expressão simbólico de conteúdos psíquicos complexos. (FERENCZI, 1919b, pág.139)

Se a formação dos sintomas histéricos se dá por uma regressão das excitações no aparelho psíquico é coerente pensarmos que a regressão do paciente, ocorrida nas circunstâncias do tratamento analítico, também produza tais fenômenos. Isso explicaria a irrupção de manifestações involuntárias corpóreas nos pacientes de Ferenczi, analisados segundo a técnica de relaxamento. É interessante notarmos que tais manifestações, no *setting* analítico, deixam de ser entendidas como sintomas histéricos e passam a ser denominadas de símbolos mnêmicos corporais. A compreensão da formação dos sintomas histéricos parece ocorrer no âmbito intra-psíquico, já que se trata de uma pulsão genital que retrocede no aparelho psíquico, materializando-se na substância corporal sob forma dos mais diversos sintomas. Já os símbolos mnêmicos corporais emergem no contexto da relação analista-analisando, num movimento regressivo engendrado pelo processo analítico, pelas características peculiares a essa relação. Se o analista, de algum modo, participa da regressão do paciente, podemos supor que os símbolos mnêmicos corporais que emergem da regressão do paciente terão no ambiente (no analista) sua regressão máxima, e já não mais apenas o corpo do paciente será a matéria da materialização, mas também o analista, enquanto substância viva, participará dessa regressão. Caminhamos em direção à análise mútua, experiência que possibilitou a Ferenczi o compartilhamento e a participação na experiência de sua paciente através de um "mergulho com ela em seu inconsciente e isso com a ajuda dos meus próprios complexos traumáticos"(FERENCZI, 1932, pág.72). Desse modo, a eficácia terapêutica da regressão estaria na capacidade do analista em servir de matéria ao traumático,

tratando de metabolizar o potencial nocivo do trauma em realidade compartilhada.

1.2.5 Análise Mútua: O caso R.N.

"É como se duas metades da alma se completassem para formar uma unidade. Os sentimentos do analista entrelaçam-se com as idéias do analisado e as idéias do analista (imagens de representações) com os sentimentos do analisado. Desse modo, as imagens que de outro modo permaneceriam sem vida tornam-se episódios, e as tempestades emocionais, sem conteúdo, enchem-se de um conteúdo representativo" (FERENCZI, 1932/1990, pág 45).

Nesse trecho, retirado do Diário Clínico de Ferenczi, temos uma imagem da mutualidade que seria necessária ao tratamento de pacientes severamente comprometidos psiquicamente. Este é o caso de R.N., uma mulher de personalidade forte, na superfície, que carregava as mazelas de choques traumáticos da infância. Com um ano e meio de idade fora drogada e violada, aos cinco anos, novamente abusada, com a administração de tóxicos estimulantes e dilatação artificial de seus órgãos genitais. Aos onze anos e meio, o abuso sexual e submissão tendo se tornado o esquema de sua vida, ocorre a partida do pai, o agressor, com a imprecação fatal da falta de valor e abjeção da criança.

Ferenczi entende que tais choques traumáticos produziram cisões na personalidade da paciente. Cisões e dissociações que foram imprescindíveis para a sobrevivência da paciente, durante e após os choques. O desejo de não viver, a agonia de morte, o desamparo total, a enormidade do sofrimento constituíram um fragmento de ser cuja vida afetiva foi embrutecida e enterrada nas profundezas inconscientes. Esse ego assassinado, tornado afeto recalcado puro, deu lugar a um corpo despojado de alma. Um corpo que assiste à violência de fora. Além desses dois fragmentos de ser - o sensitivo que está inacessível ou morto e o que vive, mas nada sente - Ferenczi considera também a existência de "orpha", um instinto vital organizador. Essa seria a força que produz o desmembramento da individualidade, quando do abandono do pensamento consciente ocasionado pelo excesso de sofrimento. Como um "anjo da guarda", orpha suscitaria alucinações de realizações de promessas, fantasias de consolação, anestesiando a consciência e a sensibilidade contra sensações que se tornaram intoleráveis (FERENCZI, 1932, pág. 40).

O corpo, obrigado a viver, convive com uma espécie de psique artificial, na

paciente atormentada pelo estupor catatônico, que alterna periodicamente com o terror, e por alucinações, numa confusão de impressões mnêmicas misturadas de modo caótico. Ferenczi resume a fragmentação da paciente da seguinte maneira:

(a) na superfície, um ser vivo capaz, ativo, com um mecanismo bem, até demasiadamente bem regulado; (b) por trás deste, um ser que já não quer saber nada da vida; (c) por trás desse Ego assassinado, as cinzas da doença mental anterior, reavivadas a cada noite pelas chamas desse sofrimento; (d) a própria doença, como uma massa afetiva separada, inconsciente e sem conteúdo, resto do der humano propriamente dito. (FERENCZI, 1932, pág.41)

Um problema técnico que emerge no tratamento da personalidade clivada, segundo Ferenczi, é a dificuldade de lidar com a clivagem real. Explica que dizia coisas a R.N., no estado vígil, com as quais não podia contar quando a paciente entrava no estado de relaxamento. Em relaxamento, a paciente afirmava nada saber sobre tais coisas, o que o forçava a contar mais uma vez a história toda ou a estimular a atividade intelectual desse fragmento até a compreensão pela paciente da situação. Isso provocava a irritação da paciente, o que a tirava do estado de relaxamento ou semi-transe, tendo como decorrência a perda de contato com esse fragmento inconsciente da personalidade. Ferenczi admite que para a reunificação do fragmento traumatizado com a parte intelectual da pessoa é necessária uma grande paciência e compreensão pelo que é primitivo, sensível e intelectualmente paralisado.

Diante desse quadro, a mutualidade se apresenta a Ferenczi em artifício capaz de conferir ao evento traumático o sentimento de uma experiência real capaz de integrar os fragmentos de self. Isso ocorre quando, tendo início a análise mútua, a paciente convida Ferenczi a submergir em um fragmento de sonho por ela fornecido e entendido como uma mistura de conteúdos psíquicos inconscientes do analisando e do analista. O analista entrega-se a associações e, nesse meio tempo, a paciente repete em sonho os acontecimentos traumáticos da infância e suas interpretações. Tais eventos, tão freqüentemente repetidos de modo intelectual, ganham a vinculação dos sentimentos do analista, propiciando à paciente um vislumbre mais penetrante da realidade desses eventos como experiência real.

A dimensão de realidade do trauma da paciente se apresentou diante das fraquezas e traumas do analista. Ferenczi afirma que a convicção da realidade dos acontecimentos

para R.N. foi produzida na esteira de fragmentos de análise do analista dotados de emoções autênticas e inclusive pelo reconhecimento de sentimentos de ódio em relação à paciente. Ferenczi descreve o processo de reconhecimento nele de sentimentos supostos pela paciente e por ele negados até que a experiência da análise mútua os trouxesse à tona. Explica que tal reconhecimento funcionou como antídoto às mentiras hipnóticas do tempo da infância da paciente. Mentiras que, segundo Ferenczi, compõem a "terapia do recalçamento", segundo a qual os adultos, diante da ocorrência de traumas infantis afirmam à criança: "não é nada", "nada aconteceu". Tais mentiras desautorizam a sensibilidade da criança, favorecendo a dissociação da personalidade. Quando o analista pôde reconhecer como reais as percepções da paciente quanto às disposições afetivas que inconscientemente dirigia a ela, a integração da paciente é favorecida. A compreensão dos meandros e sinuosidades das disposições afetivas do analista possibilitou à paciente se aproximar das dificuldades do duro combate travado por ele na resolução de seus próprios traumas.

Ferenczi reconhece que reencontrou em R.N. precisamente a mãe, dura e enérgica, em sua maneira de falar, que despertava a oposição e o ódio dos tempos de sua infância. Assim como sua mãe, R.N. fazia exigências de amor, numa super performance emocional, obrigando-o a mostrar bondade e obediência, contra sua vontade, com afirmações de que ele a estava matando ou de que era um menino mau. Assim, Ferenczi reconhece que, em seu foro íntimo, detestava a paciente apesar de toda a gentileza aparente.

A análise mútua fornece aparentemente a solução. Deu-me a ocasião para dar livre curso a minha antipatia. A consequência disso foi, curiosamente, que a paciente apaziguou-se, sentindo-se justificada; uma vez que eu tinha reconhecido abertamente os limites de minhas capacidades, ela começou até a reduzir suas reivindicações a meu respeito. Uma nova consequência desse *circulus benignus* evidente é que hoje a considero menos antipática e sinto-me capaz, inclusive, de lhe dedicar sentimentos amistosos e brincalhões. O meu interesse pelos detalhes do material analítico, e minha capacidade de absorvê-los, que antes estavam como que paralisados, aumentaram visivelmente. Devo até reconhecer que começo a sentir a influência benéfica do fato de estar liberto da angústia também em relação a outros pacientes, de sorte que me torno melhor analista não só para essa paciente, mas, de um modo geral, para todos os outros. (FERENCZI, 1932, pág. 137)

A paciente sente que o analista pode, enfim, compreender, ou ainda, sentir o seu

sofrimento, o que promove o "degelo" do trauma.

Em contrapartida às possibilidades terapêuticas alcançadas pela mutualidade, temos algumas limitações. Ferenczi fala do medo de que a análise mútua, pela exposição da análise do analista, se converta num "caldo de cultura para favorecer as projeções e o temor de dificuldades próprias" (pág. 81) e do receio de que a paciente comece a exigir a contraparte financeira da análise do analista. Entende também, que essa prática estava indo longe demais em tempo e esforço, esgotando suas reservas psíquicas. Sem contar os problemas relativos à privacidade e sigilo sobre a vida do analista e paciente, caso essa prática se propagasse amplamente. Ferenczi lembra-se de Freud advertir-lhe que estaria sobre a influência excessiva de seus paciente e tudo isso reunido levou-o a decisão de pôr alguns limites nessa prática. Propõe a R.N. que a análise do analista só prosseguirá durante um momento breve a cada dia e somente em função da análise da paciente, em sessões com horários fixados que não serão transgredidos, ao que a paciente responde com um silêncio repleto de desespero. Algumas sessões seguintes a essa limitação, ocorre uma melhora no humor da paciente, cujo rosto radiante pede desculpas pela falta de domínio na análise do analista. Admira a persistência de Ferenczi em seu tratamento, tentando manter-se na esteira da mutualidade, mantendo a atitude de analisar Ferenczi, tentando entender os limites por ele colocados em função de supostos erros por ela cometidos na condução da análise do analista.

Entretanto, a reação negativa de R.N. à limitação da mutualidade aparece posteriormente, na afirmação de que a ela só resta a loucura, já que Ferenczi teria feito o mesmo que seu pai "injetaria o veneno irritante e excitante, provocaria a expectativa do orgasmo e, depois, quereria obter o deslocamento do objeto de amor" (FERENCZI, 1932, pág. 86). A compreensão de Ferenczi acerca das alegações de R.N. e também de alegações de outra paciente, a partir da experiência da mutualidade, é que a tarefa do analista consiste em reproduzir "por suas mãos o crime perpetrado outrora contra o paciente"(FERENCZI, 1932, pág. 87). A falha analítica consiste na incapacidade do analista de fornecer todos os cuidados ao paciente, oferecendo sempre uma ajuda insuficiente. A diferença é que o analista apresenta sua sinceridade em oposição à hipocrisia dos pais. Acredita que esse elemento possibilita o retorno da confiança: "*Esta confiança é aquele algo que estabelece o contraste entre o presente e um passado*

insuportável e traumatógeno. Esse contraste é indispensável para que o passado seja reavivado, não enquanto reprodução alucinatória, mas enquanto lembrança objetiva" (FERENCZI, 1932, pág. 350).

Recolocando o acento traumático atual sobre o infantil, Ferenczi afirma restarem coisas positivas suficientes para conduzir a relação não para a ruptura, mas na direção da reconciliação e compreensão (FERENCZI, 1932, pág. 88). Ainda que o processo analítico carregue o limite de não possibilitar ao analisado a condição de um ambiente provedor ideal, carrega, entretanto, a possibilidade de reconstituir sua confiança. Até porque o mundo das relações humanas é feito da possibilidade da realização de alguns desejos e da frustração de outros. Mas para que esse encontro ou desencontro tenha o traço de humanidade, é necessário a possibilidade de reconhecimento do outro, na confiança de que ele também é humano. Nesse sentido, o objetivo do trabalho analítico seria destinar o indivíduo ao encontro com outros seres humanos. Somente mediante um estado de confiança o pertencimento à comunidade humana é possível.

3 REGRESSÃO NA TEORIA DA GENITALIDADE

E no andor de nossos novos santos
 O sinal de velhos tempos
 Morte, morte, morte ao amor.
 Eles não falam do mar e dos peixes,
 Nem deixam ver a moça, pura canção,
 Nem ver nascer a flor, nem ver nascer o sol
 E eu apenas sou um a mais, um a mais
 A falar dessa dor, a nossa dor.

Milton Nascimento

A regressão ocupa lugar central na teoria do desenvolvimento psicosssexual desenvolvida por Ferenczi. É importante ressaltar que as idéias que compõem seu ensaio sobre a teoria da genitalidade "*Thalassa*" assentam-se no domínio do simbolismo concernente à experiência psicanalítica. Portanto, não se trata de uma teoria norteadas pelo princípio científico da observação e experimentação controladas de seu objeto de estudo. Ele parte do pressuposto psicanalítico de que fragmentos inteiros de história perdida ou inacessível por outros meios são conservados nas formas de expressões simbólicas ou indiretas do psiquismo e do corpo, à maneira de hieróglifos.

Ferenczi afirma que o ponto de partida de suas especulações, que incluem o sentido da experiência sexual humana no processo mais amplo da filogênese, proveio da observação extraordinariamente freqüente do símbolo do peixe, mais exatamente a imagem de um peixe flutuando ou nadando na água, dentre manifestações de organizações psíquicas normais e patológicas, produções do psiquismo individual e coletivo, exprimindo, simultaneamente, o ato sexual e a situação intra-uterina. A impressão dessa observação parece ter se ramificado bastante no pensamento de Ferenczi dando origem à teoria da genitalidade humana por ele apresentada em duas dimensões: ontogenética e filogenética.

Temos duas ordens do fenômeno da regressão a examinar. A regressão no plano da ontogênese da genitalidade humana e também a regressão thalássica, representando uma tendência de retorno mais ampla, da ordem da filogênese. Estas duas ordens, entretanto, apresentam-se entrelaçadas na potência do simbolismo do peixe na água que supostamente carrega um saber filogenético inconsciente que é presentificado no plano ontogenético. O que está em jogo é a equação simbólica entre a imagem do peixe na água, o ato sexual e a situação intra-uterina. Essa equação entrelaça os dois planos de interpretação envolvendo a vida aquática, a situação intra-uterina e o desenvolvimento da sexualidade, numa articulação ousada de um pensamento "utraquista". Esse é o adjetivo escolhido por Ferenczi para qualificar o modo de trabalho utilizado em seu ensaio que consiste em estabelecer analogias recíprocas entre áreas do saber diversas. Tal método busca não apenas descrever, mas evidenciar a *significação* de um processo, buscando involuntariamente tais analogias em domínios científicos estranhos. Nesse caso, Ferenczi buscou elementos nos domínios da biologia e da psicanálise para a construção dessa "fantasia filogenética" sobre a genitalidade humana.

No plano ontogenético, Ferenczi fala da tentativa do ego de regressar ao corpo materno em busca do restabelecimento da situação em que a ruptura tão dolorosa entre ele e o meio ambiente ainda não existia. O autor acredita que a evolução da sexualidade é norteadada por esse objetivo, sendo o ato sexual a realização desse regresso. Entende que o coito realiza uma regressão temporária de três maneiras: alucinatoriamente, simbolicamente e realmente. As células germinais, no coito, realmente atingem o objetivo de habitar o seio feminino. O pênis, enquanto representante do organismo, com o qual

este se identifica inteiramente, realiza simbolicamente o projeto de retorno ao útero materno. Ao organismo como um todo, resta o modo alucinatório de realizar tal regressão.

Ferenczi realiza uma análise dos diversos processos envolvidos no coito, chegando à conclusão de que, através desses processos enquanto ações simbólicas, o indivíduo revive o prazer da existência intra-uterina, a angústia do nascimento e a alegria de escapar a são e salvo desse perigo. O trauma do nascimento, com seu efeito de choque, teria no coito uma descarga parcial, a ser aos poucos liquidada. Para Ferenczi fica a questão de como entender a repetição envolvida nesse processo. Tal repetição constitui uma compulsão ou um prazer? Entende que, na medida em que corresponde à liquidação progressiva do efeito de choque, é uma reação de adaptação imposta por uma perturbação exógena, ou seja, uma compulsão. Porém, como também representa uma alucinação negativa da perturbação do choque ou uma "festa comemorativa dessa vitória", estaríamos diante de puros mecanismos do princípio do prazer (pág.51).

Ainda que satisfazendo a tendência regressiva do organismo, seja como compulsão ou puro prazer, o coito teria também uma função "progressiva" para o funcionamento do organismo. Ele cumpriria a função reguladora de nivelar as tensões eróticas que flutuam livremente, oriundas de todos os órgãos. Cada órgão, anteriormente ao estabelecimento da função genital, passa por um estágio auto-erótico em que satisfaz sua pulsão parcial de forma anárquica, sem considerar o bem-estar do organismo como um todo. A tese de Ferenczi é que o aparelho genital, desenvolve-se pela derivação mista desses erotismos parciais num processo que ele denomina de "anfimixia" dos erotismos. O desenvolvimento do aparelho genital aumentou consideravelmente, dessa forma, o nível de eficácia do organismo humano ao desviar as tendências sexuais de cada órgão para um órgão específico capaz de descarregá-las "de súbito e com extrema facilidade"(p.48). Desse modo, com o desenvolvimento da genitalidade, cada órgão abre mão de seu auto-erotismo em nome da tarefa de auto-conservação do organismo: por exemplo, o olho não se esgota na contemplação erótica, a boca não é apenas um órgão erótico oral, a pele não é apenas um lugar de sensações eróticas. Em troca, o aparelho genital tem a possibilidade de compartilhar com todo o organismo sua satisfação, já que o orgasmo corresponderia à "genitalização explosiva do organismo todo"(p.48).

Este processo ocorreria no desenvolvimento genital de cada indivíduo, sendo também a recapitulação da história do desenvolvimento da espécie, seguindo um raciocínio inspirado na lei biogenética fundamental de Haeckel². Nesse ponto, a análise da regressão no plano ontogenético mantém íntima ligação com a análise da regressão thalássica, ou seja, a regressão vista do plano filogenético. A palavra *thalassa*, do grego mar, foi transformada num adjetivo para a regressão que ilustra essa tendência de retornar ao oceano abandonado dos tempos primitivos, tendência que ressurge e tem continuidade na genitalidade do indivíduo. Tentaremos descrever o raciocínio envolvido nessa hipótese, sem enumerar todos os argumentos levantados por Ferenczi, para não nos demorarmos demais no campo da biologia, contando com um leitor capaz de contemplar a dimensão simbólica da hipótese.

O ponto de partida está no paralelo entre o ambiente em que a vida da espécie se dá, água, terra ou ar e o modo de acasalamento e o desenvolvimento dos órgãos genitais observado. O fato é que a evolução dos órgãos genitais e de caracteres sexuais secundários, assim como a relação de cópula, começam a ser observados em espécies que deixaram o modo de vida aquático. A tese é de que o meio aquático é propício à fecundação, não exigindo das espécies que nele vivem formas especiais para garanti-la. A capacidade de viver em ambiente terreno ou aéreo está relacionada à capacidade de garantir a fecundação em alguma forma de acasalamento. A sobrevivência fora do meio aquático envolveria uma maior capacidade adaptativa, ao impor maiores dificuldades na luta pela sobrevivência. Tendo em vista o desenvolvimento filogenético das espécies, como a vida surgiu na água, sendo que posteriormente precisou adaptar-se a outros meios de vida, teríamos essa atração da regressão thalássica como uma tendência para restabelecer um modo de vida primitivo perdido. Um modo de vida que exigia menos atividade do indivíduo. Assim, a mãe seria um substituto parcial do oceano, no simbolismo do peixe na água, sendo que a regressão pretendida pelo indivíduo atualizaria a tendência de regressão thalássica da vida como um todo.

Parece-nos importante abrir um parêntese para levantar alguns apontamentos sobre a genitalidade feminina. A teoria de Ferenczi serve-se da genitalidade masculina como modelo para compreender a regressão envolvida no plano ontogenético. Ele não

² O desenvolvimento embrionário reproduz em síntese toda a evolução da espécie.

ignora a genitalidade feminina, entretanto a explica enquanto processo negativamente referido à genitalidade masculina. Afirma que o desejo de retorno ao seio materno se manifesta na mulher somente no nível da fantasia, ao identificar-se com o "homem vitorioso" e com o órgão genital masculino. Peço licença para acordar o espírito da perspicácia ferencziana que infelizmente parecia estar adormecido, quando ele pensou sobre a genitalidade feminina. O incrível potencial aberto por uma visão que inclui o ambiente na compreensão do desenvolvimento parece não ter sido aproveitado nessa ocasião. Acredito que podemos pensar o masculino e o feminino, na teoria da genitalidade, como as formas complementares implicadas no símbolo do peixe na água. Se o ato sexual está simbolizado nessa imagem e o pênis simboliza o peixe, não seria mais intuitivo que a mulher se identifique com o mar? Nesse sentido, sugiro que a regressão implicada na genitalidade feminina durante o ato sexual seja entendida também nas três formas sugeridas por Ferenczi para a genitalidade masculina: alucinatoriamente, simbolicamente e realmente. O útero feminino torna-se realmente o meio líquido que recebe as células germinais masculinas. O genital externo da mulher, incluindo a vagina, clitóris e inervações da região genital, realiza a regressão simbolicamente, enquanto representante de todo o organismo, traduzindo nas sensações da penetração o suposto retorno ao estado de complementaridade original. Por fim, alucinatoriamente, a mulher não apenas retorna ao seio líquido original, mas torna-se esse meio que abriga potencialmente a origem de uma nova vida. Nesse sentido, a mulher realizaria uma regressão ainda mais profunda, por tratar-se de uma regressão ao ambiente. A regressão não termina no ponto de origem de uma individualidade que habita um meio líquido, mas continua até o continente líquido que abriga o indivíduo. Poderíamos falar da regressão ao ambiente, tal como veremos em Winnicott, mais à frente nesse trabalho. Assim, o processo de regressão envolvido na genitalidade feminina seria da ordem de uma regressão a não-diferenciação primária, ao borrão da fronteira entre ser dois e um ao mesmo tempo. Um regresso que consiste em revisitar a situação da origem perdida e almejada, de um novo ponto de vista. O ponto de vista do continente que, entretanto, talvez não seja tão diverso do ponto de vista do conteúdo, se levarmos às últimas conseqüências a relação mãe-bebê como uma unidade indiferenciada.

Arrisco afirmar, ainda, que podemos entender essa regressão a não-diferenciação

no ato sexual não como exclusividade da genitalidade feminina. Trata-se de uma *relação* sexual que envolve ambos os parceiros nessa regressão que será tanto mais profunda quanto a capacidade de cada um superar a regressão parcial, entendida como a regressão realizada pelo órgão genital, entregando-se à regressão alucinatória que envolve o organismo como um todo. Quando o indivíduo é capaz de participar como um todo da relação, descentralizando-se de seu próprio genital, o processo alucinatório é favorecido na forma de uma regressão ao estado da não-diferenciação. Temos a hipótese de que esse regresso só é pleno quando os dois parceiros alucinam a não-diferenciação simultaneamente. O encontro de seus corpos complementados constitui o solo comum da alucinação compartilhada, simbolizada pelo peixe no mar. Dessa forma, fechamos nosso parêntese entendendo que o regresso pleno pode ser equacionado ao orgasmo.

Nossa incursão em *Thalassa* rendeu a perspectiva da regressão como parte dos processos vitais do desenvolvimento. Para Ferenczi, o caminho do desenvolvimento é uma busca constante de um equilíbrio perdido. A realidade impõe-se ao indivíduo, demandando adaptação. A referência de um estado sem conflitos, sem a demanda de esforços, gera a tendência de buscar a reconstituição desse estado anterior perdido. Esta meta coloca o passado como horizonte do futuro, produzindo tal inclinação na linha do progresso que a vemos transformar em uma helicoidal. Temos uma nova forma de compreensão do desenvolvimento, não linear, que influencia não só a teoria psicanalítica, mas também as práticas terapêuticas. Essa forma de compreensão do desenvolvimento inclui a regressão como um processo que tem importante papel na vida do indivíduo: liquidar os traumas constituintes do processo vital. Nesse sentido, a vida sexual, além de uma função meramente reprodutiva, seria uma forma de regressão que faz parte da vida dos indivíduos, capaz de liquidar as tensões acumuladas a cada frustração da realidade adaptativa. Desse modo, a regressão pode ser considerada como um importante fator na economia libidinal. Não apenas na vida sexual, mas também no processo de formação dos sonhos temos a regressão como processo atuante. Nesse sentido, a psicanálise, enquanto prática terapêutica que lança mão da regressão, torna-se necessária quando esses processos falham em dar conta de equilibrar a economia libidinal do indivíduo.

2 A PERSPECTIVA DE MICHEL BALINT: MÚLTIPLOS ASPECTOS DA REGRESSÃO

A abertura de sentido na compreensão do fenômeno da regressão pretendida neste trabalho encontra um ambiente favorável nas idéias de Michel Balint. Certamente um herdeiro de Ferenczi, seja no pensamento, seja na clínica psicanalítica, Balint foi um dos primeiros psicanalistas a escrever sobre o tema da regressão após as controvérsias entre Freud e Ferenczi sobre o tema. Com a morte de Ferenczi em 1933, Balint permaneceu em contato com alguns de seus pacientes, acompanhando sua evolução e testemunhando a forma como eles falavam sobre suas experiências durante o tratamento com Ferenczi e seus efeitos. Balint (1968) afirma que esse foi o primeiro estímulo para pensar a regressão em suas diversas formas, num esforço para uma compreensão clínica desse fenômeno que ampliasse as possibilidades da técnica psicanalítica. A busca de testar a validade das idéias de Ferenczi em seu trabalho clínico, através de suas próprias experiências, no entanto, não perdeu de vista a perspectiva de Freud. Balint explicita os pólos opostos do entendimento da regressão por Freud e por Ferenczi com a proposição teórica da existência de dois tipos de regressão. O diagnóstico diferencial da regressão parece ter sido a contribuição mais difundida do autor sobre o assunto.

Porém, a diferenciação de dois tipos de regressão aparece no fim de um percurso de ricas compreensões do autor sobre economia da libido, formas de relação objetal e origem do psiquismo, que nos parecem mesclar influências freudianas e ferenczianas. Tentando delinear um pouco dessa riqueza de pensamento, nesse capítulo abordamos o fenômeno da regressão na perspectiva de Michel Balint, fazendo pequenas incursões em suas concepções a respeito da economia libidinal, na trilha freudiana, e das relações de objeto primárias, na trilha ferencziana. Para tanto, iniciamos o capítulo com o conceito de *novo começo* analisando-o no campo dos fenômenos regressivos. Entendemos que a idéia de regressão no sentido de percorrer caminhos novamente, refazer percursos encontra ressonância nas reflexões de Balint sobre o *novo começo*.

Partimos então para a compreensão das peculiaridades da economia libidinal da criança em contraste com a do adulto, o que conduz ao entendimento das formas de relação pré-genital, segundo o autor. Tais considerações compõem a trilha que nos leva a

hipótese do amor primário, sugerida em alternativa à hipótese freudiana do narcisismo primário como estado de origem do psiquismo. Examinamos, então, a hipótese do amor primário e as formas primárias de relação com objetos. A compreensão da origem e das formas primeiras do psiquismo está na base de qualquer concepção de regressão e, nesse sentido, examinar a compreensão sobre a origem do psiquismo nesse autor ajuda no entendimento das possibilidades terapêuticas da regressão.

Finalmente, apresentamos a descrição das duas formas de regressão. A tentativa de compreender as formas benigna e maligna da regressão ajuda a amarrar alguns conceitos do autor levantados ao longo do capítulo. Após algumas conjecturas sobre os tipos de regressão, temos um último tópico que traz apontamentos sobre a área da falha básica, ajudando-nos a compreender o sentido da regressão benigna para um novo começo.

2.1 REGRESSÃO E NOVO COMEÇO

Volver a los diecisiete después de vivir un siglo
 Es como descifrar signos sin ser sabio competente,
 Volver a ser de repente tan frágil como un segundo
 Volver a sentir profundo como un niño frente a Dios
 Eso es lo que siento yo en este instante fecundo.
 (...)
 Lo que puede el sentimiento no lo ha podido el saber
 Ni el más claro proceder, ni el más ancho pensamiento
 Todo lo cambia al momento cual mago
 condescendiente
 Nos aleja dulcemente de rencores y violencias
 Solo el amor con su ciencia nos vuelve tan inocentes.

Violeta Parra

Michel Balint (1932) constrói o conceito de "novo começo" a partir da observação de alguns processos analíticos de seus pacientes, na tentativa de abarcar as necessidades que os levavam a buscar análise e nela permanecer. Isso porque acredita que os pacientes não procuram análise para remover a amnésia infantil ou mesmo recuperar a memória da cena primária. Acredita que existe algo mais importante que faz com que os pacientes permaneçam por tantos meses em análise. Para Balint, o que mantém o paciente no trabalho analítico é seu desejo, geralmente inconsciente, de ser capaz de amar livre de

ansiedades, de perder o medo de uma rendição completa.

Tratam-se de casos de pessoas que afirmam não encontrar seu lugar na vida. Mesmo não havendo algo errado com elas, às vezes apenas alguns sintomas neuróticos insignificantes, essas pessoas não encontram prazer na vida. Ou ainda, casos em que sintomas neuróticos acentuados desapareceram ao longo do tratamento, permanecendo a incapacidade para amar. Incapacidade de entrega que aparece também na vida sexual, tornando-a insatisfatória. O trabalho analítico sobre tal problemática revelava que tais pessoas sofriam de uma ansiedade específica. Uma ansiedade ligada ao medo da excitação e do prazer da satisfação. Essas pessoas ficam terrivelmente amedrontadas pela possibilidade do prazer, levando-as a adotar as mais diversas formas para livrar-se da rendição a essa possibilidade. Junto à excitação sobrevém grande ansiedade e para evitar a ansiedade, evita-se também a excitação.

A hipótese de Balint para compreender a estrutura de funcionamento desses pacientes remete a situações traumáticas da infância, apoiando-se na idéia ferencziana da confusão de línguas entre os adultos e as crianças. A diferença entre a ternura da criança, incapaz de suportar o prazer final a que conduz a paixão do adulto, traduz-se num diálogo desproporcional de quantidades, traumático para a criança. Balint desenvolve tais idéias afirmando que algumas ações dos adultos evocam excitação sexual, produzindo na criança quantidades de prazer que ela ainda não é capaz de suportar. Aponta as chamadas 'carícias inocentes', como beijos, abraços, sacolejos e cócegas como parte desse processo. Ressalta que não se trata de classificar carícias como 'inocentes' ou 'culpadas', já que qualquer carícia é, em sua essência, sexual, evocando excitação sexual. Não se trata também de abster da ternura para com as crianças. O que está em jogo, para Balint, é a proveniência dos instintos que alimentam tais brincadeiras com as crianças. Tratam-se de brincadeiras direcionadas pelas necessidades das crianças ou pelas necessidades inconscientes dos pais ou outros adultos envolvidos na situação? Balint acredita que na maioria das vezes é a sexualidade reprimida dos adultos que comanda o jogo. Temos, então, o problema das conseqüências psíquicas do desenrolar desse jogo. O adulto atua sua sexualidade reprimida na forma de brincadeiras com a criança, excitando-a. Se a criança mostra abertamente sua excitação, buscando seus próprios modos de viver sua sexualidade, geralmente encontra enérgica rejeição por parte desses adultos, reprovação,

muitas vezes acompanhada de indignação moral diante de "assustadora depravação". Assim a criança é forçada a esconder ou negar sua excitação: "Estar excitado na presença de outras pessoas é sinônimo de perigo e portanto é carregado de ansiedade" (BALINT, 1932, pág. 162, tradução minha). A ambivalência de um ambiente que ao mesmo tempo estimula e reprime a sexualidade da criança impede que ela possa confiar a vivência de suas experiências pulsionais livremente a ele. Podemos pensar que tal ambivalência fere a confiança da criança no entorno, tornando a vivência do prazer uma experiência tensa, perpassada por ansiedade.

Esta idéia afirma a sexualidade infantil, no entanto, sublinha sua especificidade. Uma sexualidade que não conhece o prazer final, tal como apontou Freud nos *Três Ensaio sobre a Sexualidade Infantil*. A sexualidade infantil é regida por outras leis, conforme veremos no próximo tópico, e por isso a incapacidade de descarga pelo prazer final transforma grandes quantidades de excitação na criança em ansiedade. Outra situação que recai no mesmo problema é a frieza e severidade na educação das crianças. Balint aponta que muitos adultos que foram criados com demasiada severidade, também reagem a cada aumento da excitação sexual com ansiedade. Se por um lado, o excesso de carinho, guiado pelas necessidades dos adultos, pode ser prejudicial ao desenvolvimento psíquico da criança, a ausência dele também o é.

Dessa forma, Balint remete a ansiedade observada em seus pacientes adultos à experiências da infância que produziram tal estrutura de funcionamento da libido:

Essas pessoas *desconfiadas* aprendem ao longo do tratamento a serem capazes de novo de se entregar ao amor, ao prazer, a fruição, sem medo e inocentemente como foram capazes em sua primeira infância. Em outras palavras, eles devem ser trazidos ao ponto de *exercitar novamente certas funções instintuais* que até agora não podiam ser realizadas completamente, ou apenas com ansiedade, ou sem ansiedade nem prazer (BALINT, 1932/1985, pág.162, tradução e grifos meus).

O que nos interessa mais propriamente e o que motivou Balint a compreender a etiologia desses casos é, no entanto, como o trabalho analítico pode intervir nessa problemática. O autor retoma Freud³, apontando que o objetivo do trabalho analítico consiste em deixar o paciente se lembrar. Acrescenta que, para isso, é necessário permitir ao paciente algumas formas de atuação. Porque na atuação o paciente expressa mais

facilmente as estruturas de comportamento de que não está consciente. Se, para Freud, na atuação o paciente "reproduz tudo que no reservatório de material reprimido já permeia seu caráter geral - suas inibições e atitudes mentais inconvenientes, seus traços de caráter patológicos" (FREUD, 1914, pág.371, tradução minha), para Balint o paciente atua não apenas o que é patológico, mas todas as suas características. Afirma que o paciente se comporta como ele realmente é, não podendo ser de outra maneira. A especificidade da situação analítica configura-se na maneira do analista se relacionar com o paciente, sem reagir ao seu comportamento, o que permite que as estruturas de comportamento do paciente possam aparecer. Explica que o controle da contra-transferência é crucial para o desenvolvimento dessa situação. O analista se comporta de maneira a se acomodar à transferência do paciente, mantendo-a livre de perturbações. A passividade do analista permite que a relação se desenvolva guiada pelo inconsciente do paciente.

O trabalho do analista consiste em mostrar ao paciente quando ele se protege da completa rendição ao amor e também ao ódio. Nesse período permitir a repetição é necessário, para que depois sobrevenha a interpretação. A interpretação ao paciente de que a relação analítica foi construída pelo seu desejo inconsciente geralmente evoca afetos violentos como raiva, dor, sentimentos dolorosos, vergonha, explica Balint. Entende que esses afetos mantêm relação com a ansiedade diante da possibilidade de uma relação de entrega total. O paciente, ao perceber que a ansiedade surge contra tal rendição diante de excitações insuportáveis, lembra-se de situações da infância em que sua confiança foi traída. O analista deve, então, pontuar ao paciente a irracionalidade, diante da realidade atual, daquilo que já foi um dia um comportamento racional. Podemos entender que a forma de adaptação da criança ao ambiente, no que se refere a estrutura libidinal, se manteve na vida adulta. A realidade mudou, mas os antigos padrões de reação e de relação permaneceram. Nesse sentido, Balint nota que a interpretação apenas raramente é eficaz na mudança desse funcionamento.

Balint aponta a tensão envolvida no trabalho de consciência desses padrões. Grandes explosões de afetos, emergência de fragmentos de memória não acessíveis previamente e mesmo alucinações de situações do passado podem ocorrer. É nesse momento que o autor conceitua o "novo começo" como "uma mudança no

³ Balint se refere a Freud tendo como referência o trabalho "Recordar, repetir e elaborar".

comportamento, mais exatamente na estrutura da libido do paciente" (BALINT, 1932, pág. 165, tradução minha). Nessa nova situação o paciente determinará a quantidade de excitação que pode suportar. O grau de tensão é de fato determinado pela realidade atual do paciente. O novo começo consiste, desse modo, numa mudança de condição:

ele deve abandonar as diversas condições que ele sempre teve que se impor, em vista de ser capaz de amar sem ansiedade. Não é suficiente para o paciente, portanto, saber que de fato o objetivo dessas condições era protegê-lo da rendição à excitação que era muito para ele; caso ele já esteja consciente do trauma a partir do qual erigiram tais condições, ele ainda tem que aprender novamente a ser capaz de amar *inocentemente, incondicionalmente*, como apenas a criança pode amar. (BALINT, 1932, pág. 165, grifos do autor e tradução minha).

O reconhecimento e aceitação de desejos infantis e a realização ou renúncia deles constituiriam um novo começo. Importante ressaltar que o novo começo para Balint envolve algumas fases. De tentativas tímidas a uma constante repetição, a irrupção do amor infantil não se dá de uma vez só. Nesse sentido, o autor fala da necessidade de várias fases de novo começo para que, passo a passo, o paciente permita-se a mudança das condições e formas erigidas contra uma rendição total ao amor.

O desenvolvimento deve retomar seu curso original no ponto do tempo onde ele foi desviado pelo trauma, afirma Balint. Por isso, é absolutamente necessário retomar o desenvolvimento da libido, seja pela lembrança ou pela repetição. O autor diz ainda que para ser capaz de começar algo novamente, deve-se voltar ao ponto de interrupção. Se dermos mais um passo nesse raciocínio, entendemos a regressão como fator necessário para a mudança. Nesse sentido é que propomos a aproximação do conceito de "novo começo" à idéia de regressão. Acompanhando a concepção de Balint de que a lembrança, ou o levantamento da repressão, e mesmo a interpretação não são suficientes para a mudança efetiva no paciente, acreditamos que a regressão do paciente no setting analítico pode constituir-se em elemento necessário ao processo analítico, de maneira que se possa refazer o curso de seu desenvolvimento.

A abordagem do "novo começo" como envolvendo o processo de regressão aparece explicitamente em Balint, no seu livro de 1968 da seguinte maneira:

Novo começo significa: (a) voltar a algo "primitivo", a um ponto anterior ao início do desenvolvimento defeituoso, o que poderia ser descrito como uma regressão e, (b) ao mesmo tempo, a descoberta de um novo meio, mais

adequado, que leva a uma progressão (BALINT, 1968, pág.122).

A regressão, tendo em vista o novo começo, seria a manifestação do amor infantil. Lembrando que a regressão, como descrita por Freud implica três perspectivas simultâneas: tópica, temporal e formal, podemos supor que a possibilidade de manifestação do amor infantil envolve uma grande alteração dos processos psíquicos em ação. Não se trata de supor que o paciente vai manifestar na sua condição adulta, desejos infantis. Entendemos que o fenômeno da regressão de que estamos falando envolve mudanças nos processos psíquicos em ação no paciente, consistindo em alterações na qualidade da percepção, da expressão, do modo de funcionamento total do paciente. Trata-se de uma modificação no funcionamento do paciente que podemos referir àquilo que Balint denominou de mudança na estrutura da libido, supondo que certas funções instintuais deveriam ser exercitadas novamente pelo paciente. Dessa forma, podemos entender que a regressão seria esse exercício de funções instintuais arcaicas fundamentais que não puderam se desenvolver mediante falhas do ambiente no cuidado infantil. A análise seria uma oportunidade de retomar tais funções, possibilitando ao paciente um novo começo.

2.2 EROS, AFRODITE E OS FLUXOS DA LIBIDO

A necessidade de compreensão das diferenças entre as funções instintuais nos adultos e nas crianças, configurando estruturas libidinais diversas, surgiu no nosso estudo da regressão ao tentarmos compreender sua ligação com o conceito de novo começo, em Balint. Seguindo esse caminho, acredito que se torna válido para esta pesquisa um exame mais detido desse assunto. O contraste entre as formas de viver o prazer na idade adulta e na infância aparece em Freud, nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, sob a diferenciação entre pré-prazer e prazer final. Freud afirma (1905) que o pré-prazer é o prazer advindo da excitação das zonas erógenas, podendo ser produzido pela pulsão sexual infantil. Já o prazer final é o prazer de satisfação da atividade sexual. O prazer final possui intensidade mais elevada e difere do pré-prazer por seu mecanismo de descarga, capaz de extinguir temporariamente a tensão da libido. Partindo dessa

diferenciação freudiana, Balint (1936) recupera da mitologia grega as figuras de Eros e Afrodite, na tentativa de melhor delinear tais modos de experimentar o prazer, configurando diferentes formas do amor.

Afrodite, segundo a concepção do período clássico grego, é representada como uma jovem mulher encantadoramente bela que ama gentilmente de diversas maneiras e está sempre apaixonada. Leva uma vida sexual madura, possui muitos amantes, entregando seu amor àqueles que ama. Em Hesíodo, Afrodite nasce quando Urano é castrado por seu filho Cronos, que atira seus testículos ao mar, fazendo-o ferver e espumar. Esse efeito foi a fecundação que ocorreu em Thálassa, deusa primordial do mar. Da espuma do mar "*aphros*", ergueu-se Afrodite.

Eros, a outra deidade que incorpora o fenômeno do amor para os gregos, é sempre representado como uma criança. Ele é o constante companheiro de Afrodite, porém nunca como parceiro sexual. Ele apenas brinca, ainda que em suas brincadeiras realize as mais difíceis tarefas. Eros é apenas uma criança, mas suas flechas não perdoam a ninguém. Descrito por Hesíodo como muito belo e irresistível, levando a ignorar o bom senso, a Eros é atribuído um papel unificador e coordenador dos elementos, contribuindo para a passagem do caos ao cosmos. Eros é filho de Caos. Interessante notar que os filhos de Caos nascem apenas dele, como que por partenogênese, sem a união sexual.

Balint entende que essas duas deidades incorporam duas diferentes idéias que os gregos faziam do fenômeno do amor. Aproxima tal diferenciação daquela feita por Freud entre pré-prazer e prazer final. Entende que o prazer final tem sido interpretado como uma forma de prazer mais desenvolvida, mais complexa, mas que não se diferencia fundamentalmente do pré-prazer. Aponta que também Ferenczi, em sua teoria sobre a genitalidade, trata o prazer final como soma total dos mecanismos de pré-prazer, sendo a genitalidade fruto da anfimixia dos erotismos uretral e anal. Diferentemente de Freud e Ferenczi, Balint sugere, a partir das figuras das deidades gregas, que pré-prazer e prazer final são duas *modalidades* distintas de experimentar o prazer, que se desenvolveram independentemente, cada uma com sua própria função e forma de expressão específica.

Balint afirma que "Eros surge do Chaos como uma criança e nunca se torna um adulto, enquanto Aphrodite nunca foi uma criança, mas de acordo com o mito, surgiu do mar como uma mulher adulta, Anadyomene, e permanece eternamente jovem"(BALINT,

1936, pág.78, tradução minha). De forma análoga, a possibilidade do pré-prazer manifesta-se nas crianças, desde o começo, enquanto o prazer final está delimitado à fase adulta da vida humana. Para Balint, o prazer final está ligado à genitalidade, enquanto o pré-prazer está ligado a outras atividades prazerosas da vida. As formas do pré-prazer parecem muito mais afeitas ao soma e muito menos perigosas, enquanto o prazer final parece uma forma mais arreada, compondo algum outro sistema. Não são parte de uma mesma linha de desenvolvimento, mas compõem modos de funcionamento libidinal diversos. Para ele o pré-prazer permanece enquanto há vida, brotando continuamente e em conexão com todas as funções somáticas da nutrição, digestão, excreção, senso-percepção, atividade muscular, etc. Assim como Eros, aparentemente o pré-prazer emerge do caos. Já o prazer final, por outro lado, parece ser uma aquisição posterior, incluindo um elemento estranho que age sobre o soma, de maneira tóxica, entorpecente. A necessidade de prazer final, o desejo genital, envolve considerável perturbação na vida psíquica. O prazer final conduz a conflitos e sua proibição ou impedimento leva ao incremento da busca de gratificações nas formas pré-genitais, ou seja, a exacerbação das formas do pré-prazer.

Enquanto o pré-prazer compõe uma possibilidade contínua, o prazer final é intermitente. Diferentemente do pré-prazer, a capacidade para o prazer final não dura a vida toda e pode-se mesmo viver sem ele. Balint conta ouvir freqüentemente que algumas pessoas mais velhas sentem-se felizes quando tornam-se livre das demandas do prazer final. E conclui que "o soma, isto é, o corpo era originalmente assexual, *incapaz de orgasmo mas não de erotismo*, e que primeiramente conhecia apenas o pré-prazer, porém mais tarde, no curso da filogênese, tornou-se sujeito à diferenciação sexual e capaz do prazer-final"(BALINT, 1936, pág.81, tradução minha).

O pré-prazer e prazer final são entendidos como duas funções separadas, sendo que o prazer final não é um desenvolvimento do pré-prazer. Entende que o prazer final ocupa uma posição intermediária entre estímulo instintivo genuinamente somático e o mundo externo. Balint compara a modalidade do prazer final ao modo de funcionamento do organismo diante de estímulos excessivamente fortes, tal como descrito por Freud em *Além do princípio de prazer*: a dominância do princípio de prazer é por hora suspensa; o ponto crucial não é mais se a excitação é prazerosa ou dolorosa, ela deve ser reduzida a

todo custo. O esforço, então, sempre toma a forma de movimento. Os movimentos não são coordenados e a consciência obscurece. Balint nota fenômeno semelhante nos ataques epiléticos, nas explosões afetivas e na neurose traumática. Todos esses casos são caracterizados por uma tensão intolerável, que produz movimentos incontrolláveis, como que reflexos, rítmicos, que devem ser continuamente realizados por um período de tempo para que a tensão desapareça. Balint afirma que no prazer final pode-se observar uma situação traumática *in statu nascendi*. Explica que todo o material analítico referente aos processos do prazer final trazido pelos paciente se refere ao corpo:

Eles sentem um aumento de tensão que produz o impulso para realizar movimentos rítmicos, a tensão se torna cada vez maior...eles querem se aliviar dela a todo custo, mesmo se isso envolver sofrimento... eles dificilmente podem suportar isto...eles geralmente gemem, soluçam, choram ou mesmo praguejam ou fazem juras, às vezes cometem atos de agressão ou violência contra seu parceiro sexual...eles descrevem o sentimento anterior a excitação alcançar o seu clímax como uma inabilidade de se conter, um sentido de explosão, dissolução ou desintegração... e apenas ao fim se constitui um sentido de bem-estar tranqüilo e calmo. Este último sentimento parece ser a forma primária de prazer (BALINT, 1936, pág. 84, tradução minha).

A sensação de um bem-estar tranqüilo e calmo parece ser o objetivo do prazer. Balint afirma que certamente todas as funções do pré-prazer direcionam-se para esse objetivo, porém, se não puderem alcançá-lo, vertem-se para o caminho oposto, aumentando a excitação. Nessa situação o pré-prazer funciona como mecanismo para o prazer final. O prazer final, a partir do acúmulo de energia, entra em ação. Seu funcionamento envolve duas tendências conflitantes. Uma tendência arcaica, anterior ao princípio do prazer, cujo objetivo é o alívio da tensão a todo custo. A segunda tendência é, para Balint, indubitavelmente mental, portanto de origem mais recente, com o objetivo de manter a excitação num nível seguro, reassegurando o organismo de ter condições de descarregá-la. Esta última função, entendida como uma habilidade a ser desenvolvida, seria eminentemente prazerosa. Nesse sentido, Balint lança mão do conceito de força do ego. Sugere que esse conceito pode ser interpretado como a medida do máximo de tensão ou excitação que pode ser tolerada pelo ego, sem perturbações, num dado momento. Presume que para expor-se a tensões em segurança, as pessoas precisam de um ego suficientemente forte.

A partir dessas considerações, o autor delinea a situação infantil da seguinte

forma. Por um lado, as crianças são tratadas amorosamente, o que significa que estão sujeitas a uma tensão libidinal do ponto de vista econômico (carinhos, cócegas, beijos, abraços, sacolejos). Por outro lado, certos canais do pré-prazer são restritos a ela (desmame, proibição de chupar-dedos, treino dos hábitos de limpeza e toalete). Esta educação ameaça o balanço libidinal da criança de ambos os lados: aumenta-se a excitação e diminui-se as oportunidades de descarga. Diante de tal tensão, a criança encontra algumas saídas. Explosões afetivas - as conhecidas "birras" - e movimentos descoordenados de um estado de pânico podem aliviar a tensão. Ou ainda, a criança pode aprender a tolerar a excitação. Este seria o papel da educação em favor do fortalecimento do ego. Caso a tensão gerada na criança seja muito grande, podem decorrer reações espasmódicas crônicas. Essas formas físicas de suportar a tensão, por exemplo, uma tensão muscular crônica, entram em ação quando da desproporção da força do ego diante do estímulo excitante. Nesse caso, a força do ego não é suficiente para dar conta do balanço libidinal.

O prazer final é entendido como uma nova aquisição da espécie humana. Uma aquisição complexa que cada indivíduo tem que aprender no curso de sua história pessoal. Seu funcionamento pleno, traduzido na capacidade de atingir o orgasmo, depende do desenvolvimento da habilidade de tolerar certo grau de excitação. O pré-prazer, por outro lado, é comparativamente simples e parece ser um atributo originário de todos os seres vivos.

Considerando essas duas modalidades de experimentar o prazer, temos alguns elementos para a compreensão dos processos envolvidos no "novo começo". Balint aponta as necessidades do paciente de exercitar certas funções instintuais novamente e de uma mudança na estrutura da libido como relacionadas ao "novo começo". Levando em consideração a diferença entre pré-prazer e prazer final, podemos trabalhar sobre algumas hipóteses acerca dessa impossibilidade de ter prazer na vida, observada por Balint em muitos de seus pacientes antes do "novo começo". Acompanhamos a hipótese de Balint de que o excesso de excitação promovida pelo adulto à criança com a concomitante proibição das vias de escoamento dessa excitação gera o estado em que a possibilidade do prazer se torna sinônimo de ansiedade. Podemos supor que o exercício da modalidade do pré-prazer envolve a existência de um ambiente confiável e não excitante. Se o ambiente

é muito excitante aponta para o desenvolvimento da modalidade do prazer final, que na criança gera apenas ansiedade, visto que para ela ainda não é possível uma consecução revigorante nessa modalidade. Assim, a via do pré-prazer, relacionada aos prazeres do soma e da fruição de atividades eróticas não sexuais fica impedida, ao ser confundida com a modalidade do prazer-final. Esta última é chamada a ser desenvolvida precocemente por forças libidinais externas à criança, gerando ansiedades que não podem ganhar destino. Podemos supor que aqueles pacientes que não conseguem ter prazer na vida tiveram uma infância marcada pela impossibilidade da experimentação do pré-prazer, supostamente pela presença excessiva de forças libidinais externas que impeliram ao desenvolvimento precoce das formas do prazer final. Isso compromete também o desenvolvimento pleno da modalidade do prazer final na vida adulta, visto que a introdução precoce de vivências nessa modalidade carrega consigo as proibições que a acompanhavam na infância. Assim, o impedimento do exercício do pré-prazer na infância decorrente da introdução precoce do prazer final, impossibilita, na vida adulta, as duas formas de viver o prazer, configurando a experiência de um indivíduo cuja vida é sem sentido, visto que é incapaz de sentir prazer em coisa alguma, de maneira nenhuma. Ainda que compondo modalidades diversas, o pré-prazer e prazer final guardam vínculos entre si, assim como na mitologia grega, Eros está sempre na companhia de Afrodite.

Desse modo, podemos supor que a habilidade de fruição do pré-prazer livre de ansiedades depende da existência de um ambiente livre de excitações excessivas.

2.3 ORGANIZAÇÕES PRÉ-GENITAIS DA LIBIDO

"A descoberta de um objeto é na verdade uma redescoberta"
Freud (1905)

A diferenciação das formas de viver o instinto na infância e na vida adulta traz novos elementos para a compreensão da economia libidinal em funcionamento nas formas de relação entre os indivíduos. Porém, Balint (1935) acredita que o desenvolvimento dos objetivos sexuais não deve ser confundido com o desenvolvimento das relações de objeto sexuais. Afirma que na teoria freudiana tais desenvolvimentos são descritos como paralelos, carregando implicitamente a idéia de que a natureza biológica

do instinto dominante em cada fase do desenvolvimento, cuja gratificação é a mais importante por causar o maior prazer, determina a forma das relações de objeto da criança. Esse paralelo pode ser observado pelo uso coloquial dos termos oral, anal, genital, para se falar da primazia de componentes de instintos, mas também para falar de formas de relação, ou seja, de amor oral, anal, etc. Desse modo, o carro chefe do desenvolvimento infantil seria a mudança dos objetivos instintuais determinados pelo primado das zonas erógenas, ou seja, o aspecto biológico. Balint afirma que o motivo dessa sucessão nunca foi tratado seriamente pela teoria. Por isso, acha importante pontuar que a relação da criança com seu objeto de amor não emerge espontaneamente de bases biológicas, mas é determinada pela sua história individual.

Aponta que a teoria da organização pré-genital é baseada em poucos instintos componentes ligados às zonas erógenas, sendo que outros componentes instintivos não tem suas mudanças ao longo do desenvolvimento contempladas ou são considerados como derivados necessariamente desses componentes, como é o caso do sadismo e da ambivalência, por exemplo. Sobre a existência de estágios preliminares da relação de objeto - o auto-erotismo e o narcisismo - Balint afirma que são hipóteses levantadas a partir da análise das neuroses, pelos tipo de relações de objetos construídas por pessoas incapazes do amor genital ou amor ativo. Assim, a teoria das organizações pré-genitais da libido, surgindo da análise de adultos neuróticos, não estaria baseada na situação infantil original. Seria necessário, portanto, distinguir a situação infantil original, na qual a criança vivia antes do trauma, daquela que se manifesta mais tarde clinicamente na neurose do adulto. Balint entende que tais situações podem ser análogas ou mesmo idênticas, mas não o são necessariamente.

A análise de crianças tem mostrado o quão cedo uma neurose pode ocorrer, mesmo nas fases pré-genitais. Tem mostrado também que a neurose infantil não é menos complexa que a dos adultos. Balint afirma que isso mostra que as relações de objeto das crianças se assemelham em muitos aspectos às dos adultos. Pensa que nenhum analista de crianças daria por encerrado um tratamento se a criança apresentasse características de relações objetais pré-genitais tais como "sadismo anal", por exemplo. Entende que mesmo numa criança tais características não podem ser consideradas como componentes naturais de uma fase do desenvolvimento mental, devendo ser analisadas, entendidas,

interpretadas e resolvidas.

Balint observou que sempre que uma atividade auto-erótica aparece em análise, seja adulta ou infantil, está longe de ser percebida como uma atividade sem objeto, sendo entendida e tratada como um remanescente de amor objetal certamente desapontador. Acredita que a observação de crianças saudáveis confirma sua hipótese. Existe na criança desejos de ternura que cumprem um importante papel. Esses desejos são sempre dirigidos a objetos. Também o ódio e a agressividade podem sempre ser referidos a algum evento anterior, tendo explicação na história individual da criança. O auto-erotismo, que praticado veementemente e não de maneira livre e de brincadeira, aparece como uma expressão de defesa, de amarga independência conquistada, revelando sempre uma forma de consolo relativa à perda do objeto. Mesmo Freud afirma que o erotismo oral, o clássico exemplo de auto-erotismo, originalmente existe como uma relação objetal:

Muitos componentes instintivos, tais como o sadismo, *possuem um objeto desde o começo*. Outros, mais diretamente conectados com determinadas zonas erógenas no corpo, apenas tem um objeto no começo, enquanto ainda estejam dependentes de funções não sexuais, abrindo mão dele assim que se tornam independentes. (...) O impulso oral *se torna* auto-erótico. Mais tarde, o desenvolvimento tem, dizendo de forma mais concisa quanto possível, dois objetivos: primeiro, renunciar ao auto-erotismo, abrir mão *novamente* do objeto encontrado no próprio corpo da criança, novamente na troca por um objeto externo... (FREUD apud BALINT, 1935. p.59, tradução minha).

Balint acredita que a relação de objeto é primária. Entende que deve ser levado a sério o que foi descrito por Ferenczi em Thalassa: que a relação objetal predomina nos estratos mais profundos da mente. Acredita que essa relação primordial pode ser observada em análise, ainda que seja difícil de ser descrita em palavras. Nas fases de novo começo, a natureza dessa relação de objeto primordial é expressa de maneira relativamente clara. A pessoa em questão não ama, mas deseja ser amada. Este desejo passivo é certamente sexual, libidinoso. O objetivo desses desejos, entretanto, não correspondem ao que se entende por sexual, mas à ternura, ao que Freud chamou de instinto inibido em sua finalidade. A não gratificação provoca reações passionais veementes, mas sua gratificação produz apenas uma sensação de bem-estar calmo e tranqüilo. Nesse momento, Balint se refere à confusão de línguas descrita por Ferenczi como explicando tal diferença. Confunde-se a forma de manifestação com o objetivo do instinto: assim espera-se que o que foi veementemente desejado provocará um prazer

veemente ou orgasmo. Balint reconheceu que desejos veementes demonstrados nos períodos de novo começo devem ser considerados normais. Aponta, entretanto, uma diferenciação entre desejos e demandas instintivas. Demandas instintivas veementes devem ser consideradas sinal de perigo. Delinearemos tal diferenciação mais a frente, quando tratarmos das diferenças entre regressão maligna e benigna.

O autor acredita que sadismo, agressividade, maldade não são impulsos primários, mas tem seus antecedentes: "É o sofrimento que torna alguém mal"(BALINT, 1935, pág.62, tradução minha). Afirma que as características polimorfo perversas e narcísicas são puramente descrições que dizem respeito a esfera dos instintos. Mas libidinalmente a criança é completamente dependente do cuidado do mundo externo, sem o qual ela simplesmente morreria. Esta é a tendência primária: devo ser amado sempre, em todo lugar, de toda maneira, em meu corpo todo, todo meu ser – sem nenhuma crítica, sem o menor esforço de minha parte – esta é a intenção final de todo esforço erótico. Dessa forma, entende que as fases do desenvolvimento das relações de objeto tem um viés cultural e não biológico (exceto a relação oral que é observada de forma universal). Acredita que se as crianças fossem cuidadas com mais atenção e sinceridade elas não teriam que passar pelas complicadas formas descritas como relações objetais pré-genitais.

Entendendo o narcisismo e o amor objetal ativo como formas secundárias de relação objetal, as formas do amor pré-genital ganham outro sentido. Não podem mais ser explicadas biologicamente, mas devem ser consideradas artefatos, sendo a sociedade, os indivíduos que educam, responsáveis por eles. O amor genital é produto da civilização e portanto deve ser aprendido, muitas vezes dolorosamente. Cabe ressaltar a diferença entre amor genital e gratificação genital. A pessoa pode ser capaz de gratificação genital e incapaz de amar, assim como pessoas podem amar mesmo tendo saído da possibilidade da gratificação genital, na velhice por exemplo.

Para Balint, portanto, o desenvolvimento das relações de objeto tem sido entendidas como concomitantes ao desenvolvimento instintivo, seguindo uma linha predeterminada biologicamente. Sua visão, entretanto, é que esses dois desenvolvimentos são, ainda que interligados, diferentes processos. As diferentes relações de objeto não se sucedem de acordo com condições biológicas, mas devem ser concebidas como reações às influências atuais do mundo de objetos – acima de tudo, dos métodos de educação.

Essa visão sublinha a importância do ambiente na constituição das relações de objeto.

2.4 ORIGEM

Em oposição à hipótese de um estado de origem caracterizado pelo narcisismo primário, Balint (1937) apresenta a hipótese do amor primário. Ainda que as experiências do início do desenvolvimento infantil dificilmente possam ser recordadas conscientemente, para Balint não restam dúvidas de que elas são de fundamental importância para o indivíduo, influenciando toda sua vida posterior. Acredita que uma maneira interessante de acessar tais experiências é atentar-se aos elementos formais da análise de pacientes adultos. Esse foi o procedimento que levou Alice Balint, Michel Balint e I. Hermann, em Budapeste, a chegarem a conclusões próximas. Os três analistas e pensadores teriam como estímulo comum Ferenczi e, além dele Freud. O ponto de partida comum estaria na consideração mais atenta aos elementos formais da situação analítica, como o fenômeno da transferência, esperando que desse modo pudessem obter dados da história individual de cada paciente. Isso porque observaram que certas características da situação analítica apareciam repetidamente em cada tratamento. Segundo o autor, tal repetição chega a ser monótona, podendo considerar-se essas características como qualidades humanas em geral.

Enquanto Hermann comparou suas observações com a Psicologia Comparativa, sobretudo o estudo dos primatas, Alice Balint comparou-as com a Antropologia e Pedagogia e Michel Balint com a teoria da sexualidade. Em suas observações M. Balint constata que quando o trabalho analítico avança em uma direção mais profunda, seus pacientes esperaram ou mesmo demandam certas gratificações primitivas, principalmente do analista, mas também de seu ambiente. Seguindo estritamente a regra da passividade analítica, ou seja, a frustração dessas demandas, o paciente sente-se inseguro, desesperado, profundamente desapontado, incapaz de confiar em alguém, sentindo que sua vida não vale a pena. Junto a isso emerge uma agressividade veemente, fantasias sádicas com torturas e humilhações ao analista. E então medo de retaliação, isolamento, sentindo-se privado para sempre da esperança de ser amado por seu analista.

Mas se, ao contrário, suas expectativas forem satisfeitas pelo analista, um estado

maníaco irrompe. O paciente se sente extasiado, não quer nada além de experimentar repetidamente a satisfação de seus desejos. Todos os sintomas desaparecem e o paciente se sente super-saudável enquanto seguro de obter a imediata satisfação de seus desejos; o que às vezes torna difícil mantê-lo no trabalho analítico, afirma M.Balint. Um estado que lembra uma adicção ou mesmo uma perversão severa. Porém, diante da primeira insatisfação ou diminuição da gratificação toda essa estrutura se quebra, ocorrendo uma súbita mudança para o estado de desespero e medo, como o descrito anteriormente.

Mas quais seriam esses perigosos desejos, na realidade? Os mais inocentes, afirma M.Balint: uma palavra gentil do analista, a possibilidade de vê-lo fora da sessão, tomar algo emprestado ou obter um presente, mesmo que insignificante, tocar o analista, ser tocado por ele. Duas qualidades essenciais desses desejos, afirma o autor, são que, sem exceção, eles são *dirigidos a um objeto* e eles nunca ultrapassam o *nível do pré-prazer*. Isso significa que somente o mundo externo pode satisfazê-lo, ou seja, a satisfação narcísica auto-erótica nunca é suficiente. Quando são satisfeitos no momento e intensidade adequados, por estarem no nível do pré-prazer, provocam reações difíceis de serem observáveis por que a experiência de gratificação acontece silenciosamente. Este sentimento de prazer pode ser descrito como "uma sensação tranqüila e calma de bem-estar" (BALINT, 1937, pág.98, tradução minha). Porém, se tais desejos permanecem insatisfeitos, sua gratificação é pedida aos berros e qualquer frustração provocará as mais tempestuosas reações. Essa observação clínica embasa a concepção de Balint de que a expressão de voracidade e impulsos agressivos não são manifestações primárias, mas reações que já têm uma história. Tais manifestações são entendidas como reações a frustrações.

A tese central do pensamento de Michel Balint é que a fase mais inicial do desenvolvimento da vida mental extra-uterina não é narcísica. Ela é dirigida a objetos, numa forma de relação que é passiva. Seu objetivo é, nas palavras do autor, o seguinte: "Eu devo ser amado e satisfeito, sem estar sob qualquer obrigação de dar qualquer coisa em troca. Este é e permanece sendo para sempre a meta final de todo o esforço erótico" (BALINT, 1937, pág.98/99, tradução minha). Porém, o contato com a realidade obriga alguns desvios como o narcisismo - "se não sou amado e gratificado suficientemente pelo mundo, eu devo amar e gratificar a mim mesmo" - ou o amor objetal ativo - "amamos e

gratificamos nosso parceiro, conformamos a seus desejos em vista de sermos amados e gratificados por ele em troca" (*opus cit.*). Teríamos, então, como estado primário da psique, o amor objetal passivo, sendo o narcisismo um desenvolvimento desse estado, assim como a relação objetal ativa.

As pesquisas de Hermann, que também observou em seus pacientes em regressão desejos de serem tocados ou tocar o analista, levaram-no a conceber um desejo instintivo de contato físico. Os filhotes de primatas passam os seus primeiros meses de vida pendurados em suas mães, já as crianças humanas, na nossa civilização, são separadas dos corpos de suas mães muito cedo. Essa necessidade seria um precursor de várias formas de relações de objeto, sendo que o seu não atendimento gera o aparecimento de substitutos, como por exemplo, o chupar dedos.

Alice Balint também chegou à concepção de uma forma de amor primitiva na criança. Esta forma de amor estaria sustentada pelo amor materno que carrega exatamente as mesmas características, constituindo uma unidade dual. A. Balint observou em algumas culturas esta relação em práticas decorrentes da idéia do direito de propriedade da mãe sobre seu filho, por exemplo, aceitando o infanticídio, já que "seu próprio filho, na realidade, não é o mundo externo" (BALINT, A., 1939, p.117, tradução minha). Uma forma de amor egoística sustentada pelo princípio: "o que é bom pra mim, está certo pra você". Assume-se os desejos do outro como idênticos aos próprios desejos. A existência do outro, entretanto, nunca está em questão.

M. Balint denominou a fase descrita pelos três - Hermann, Alice e ele mesmo - de amor primário⁴ ou amor objetal primitivo, apontando que esta fase deve ocorrer bem no início da vida, sendo uma fase inevitável, um estágio necessário do desenvolvimento mental, matriz de todas as relações objetais posteriores. Esta forma de relação objetal, afirma o autor, não é ligada a qualquer zona erógena, não se trata de um amor oral, anal ou genital, mas trata-se de um modo de relação, assim como o auto-erotismo, o narcisismo ou o amor objetal. Acredita que esta discriminação é de grande importância para destrinchar a confusão teórica e terminológica entre os objetivos instintivos e o desenvolvimento das relações de objeto instintivas.

⁴ interessante apontar que o adjetivo "primary" que traduzimos como primário carrega também o sentido de fundamental, primordial, original, principal, capital.

Explica o amor primário como fundado na interdependência instintual entre mãe-bebê que se traduz numa relação de mútua satisfação, sem preocupação em conceber o desejo do outro. Como essa relação, em nossa civilização, é muito cedo rompida, desenvolve-se em nossas crianças uma insaciável voracidade. Uma última importante característica apontada pelo autor a respeito do amor primário diz respeito à gratificação dos instintos. Se sua satisfação, nessa fase, ocorre na medida e tempo esperados a experiência de prazer nunca excede o nível do pré-prazer, traduzindo-se numa sensação de bem-estar calmo e tranqüilo. Por outro lado, sua frustração, pela falta ou excesso, desencadeia reações veementes, gerando um mal-entendido entre o que são influências ambientais (externo) e desejos insaciáveis da criança (interno), aproximando-se de condições como a adicção ou mesmo o orgasmo, pela alta mobilização instintiva, que poderíamos remeter a eventos da esfera do prazer final.

O narcisismo primário, entretanto, não é uma noção qualquer, merecendo uma crítica na mesma proporção de sua força no pensamento psicanalítico. Segundo Balint (1937), uma noção que barra a compreensão de qualquer relação com objetos externos caracterizada por dois problemas básicos. O primeiro problema, de caráter metodológico, seria tratar-se de uma noção negativa, que não afirma nenhuma característica positiva a ser discutida. Todas as características a ela atribuídas vêm acompanhadas da expressão "ainda não", sendo que qualquer argumento contra essa suposição é rebatido com o "já é um produto do desenvolvimento", não estando lá *ainda*, originalmente: o bebê *ainda não* toma conhecimento do mundo externo, experimenta somente o aumento e desaparecimento de suas necessidades, mas *ainda não* os conecta ao mundo externo e etc. Um problema talvez não apenas metodológico, a nosso ver, semelhante àquele apontado pelo antropólogo Pierre Clastres (1974) na descrição dos etnólogos sobre as sociedades 'primitivas'. Elas são descritas pelo que lhes falta em relação a outras sociedades, as consideradas 'desenvolvidas', e não pelo que lhes é próprio.

O segundo problema remete aos argumentos que deram origem ao conceito. Observações posteriores de bebês demonstraram que influências libidinais do ambiente provocam reações desde a primeira semana de vida (ver Petö, 1949). Também os estados catatônicos têm mostrado não serem totalmente irresponsivos ao ambiente.

Para fortalecer ainda mais sua argumentação, Balint recorre a alguns "fatos" sobre

os estados narcísicos que não tiveram sua significância considerada até então. O primeiro é que "o estado primário só é possível na forma da unidade mãe-bebê"⁵(BALINT, 1937, p.105, tradução minha); já que um ser vivo em estado narcísico em si é impossível, há que se considerar o ambiente cuidador. Outros fatos: pessoas narcísicas são quase hipersensitivas, ainda que de maneira paranóica, irritáveis sob os mais sutis desprazeres, que provocam as mais veementes reações. Não são indiferentes ao mundo, pelo contrário, esperam tudo dele.

Os bebês comumente param de chorar ao serem carregados no colo, o que ao invés de ser entendido como um papel de defesa da mãe contra o aumento da excitação instintual poderia ser explicado pela simples necessidade de contato físico, aceitando-se a idéia de uma relação de objeto desde o início.

À possível objeção de que tal relação inicial não é possível devido à impossibilidade do bebê de discriminar objetos do mundo externo, ou mesmo de saber desse mundo, Balint responde ser a primeira vez na história da psicanálise que uma experiência possivelmente não consciente é usada como um argumento contra sua existência psicológica. E mais, entender as reações do bebê recém-nascido como uma adaptação fisiológica não prova nada contra sua natureza psíquica: "sugar é certamente uma adaptação, mas não acho que alguém vai negar que o sugar desempenha um importante papel na mente também" (BALINT, 1937, pág.107, tradução minha).

Uma mente que não mantém relação com o mundo externo seria logicamente a proposição mais simples. Mas a proposição mais simples deve ser na realidade a mais primitiva? - pergunta Balint. Aponta que esta "forma nunca observada", foi inferida do narcisismo secundário, por extrapolação, sendo útil enquanto a análise não ia além da situação edípica. Porém, afirma Balint, a análise de crianças, de psicóticos e mesmo um aprofundamento da compreensão da transferência traz cada vez mais à cena a situação pré-edípica. A hipótese do narcisismo primário na compreensão dessa situação tem sido cada vez menos útil, acredita o autor.

A hipótese do amor primário, que no início do pensamento do autor podia ser

⁵ Ainda que comumente se atribua tal idéia a Winnicott, é interessante notarmos essa afirmação de Balint em 1937, oito anos antes de Winnicott falar sobre o desenvolvimento emocional primitivo, em 1945.

equacionada às idéias do amor objetal passivo, descrito por Ferenczi (Thalassa), com o passar dos anos amadurece, ganhando nuances bem próprias. No livro *Thills and Regression* (1958), Michel Balint descreve o amor primário como o estado em que há uma mistura harmoniosa entre o indivíduo e o ambiente. Afirma que na primeira relação de objeto - no amor primário - a criança e sua mãe estão tão bem adaptadas uma a outra que uma mesma ação produz gratificação para ambas. Assim, por algum tempo, um bebê saudável sente que não há nenhuma diferença entre ele e seu ambiente. A teoria do amor primário pressupõe que o bebê tem a experiência de um mundo externo, assumindo, entretanto, que a harmonia existente entre ele e o mundo externo não lhe impõe diferença.

Para explicar a natureza do amor primário, Balint faz uma excursão à origem etimológica dos termos sujeito e objeto, do grego, encontrando no termo "matéria" uma categoria de objetos que se afasta do sentido prototípico de objeto que, ao longo das traduções do termo para o latim e outras línguas subseqüentes, significa obstáculo resistente. O termo matéria (matter) refere-se às partes menos resistentes do mundo, às substâncias, derivando-se da mesma raiz do termo mãe (mother). Partindo dessas considerações, Balint afirma: "a inescapável inferência é que em algum tempo deve ter havido uma mistura harmoniosa em nossa mente entre nós e o mundo ao redor, e que nossa 'mãe' estava envolvida nisso"(BALINT, 1958, pág. 62, tradução minha).

Uma interessante ilustração trazida por Balint como exemplo desse tipo de relação não propriamente objetal, mas, digamos, substancial, é aquela que mantemos com o ar. Inalamos e exalamos o ar, tomando dele partes de que necessitamos e pondo pra fora o que dele não nos interessa. Usamos o ar, segundo nossos interesses, sem prestar atenção nele. Não consideramos sua existência até que ele nos falte. Balint continua:

o ar não é um objeto, mas uma substância. Além do mais, deve ser pontuado que não existe necessidade de definir fronteiras exatas onde acaba o ar externo e nós começamos. (...) seria apenas um jogo de palavras perguntarmos, por exemplo, se o ar contido em nossos pulmões é parte de nós mesmos ou do mundo externo. Obviamente é ambos, é uma mistura (BALINT, 1958, pág. 66, tradução minha).

Nesse sentido, a hipótese do amor primário, da concepção de um amor passivo, ou seja, de uma demanda de amor, desenvolve-se numa concepção de uma relação primordial que carrega um sentido de atividade, configurando uma relação de dependência absoluta que não aparece enquanto existe uma completa harmonia. A

harmonia indivíduo-meio compõe uma mistura interpenetrante harmoniosa. Não existem fronteiras perceptíveis, enquanto houver harmonia. Harmonia que pode ser simbolizada pela vida intra-uterina. Porém, essa harmonia tem um fim certo. Não podemos precisar seu fim, se ele se dá com o nascimento, ou mesmo antes dele, em alguma perturbação da vida intra-uterina, ou se a harmonia é restabelecida durante os momentos dos cuidados com a criança, na amamentação, por exemplo.

O certo é que tal harmonia se desfaz, segundo Balint, na descoberta da existência de objetos independentes, firmes e separados. Essa descoberta vai destruindo o mundo da mistura interpenetrante harmoniosa. O autor afirma que as pessoas encontram basicamente dois caminhos para responder a essa traumática descoberta. Aceitam o mundo de objetos, agarrando-se neles, ou rejeitam-nos, preferindo os espaços entre eles. Balint denomina tais modos de ocnofilia e filobatismo. O radical "philia" é mantido nos termos escolhidos para nomear ambos os tipos de relação que sobrevém à desfiguração do amor primário, pois o autor enfatiza que esses dois tipos de relação são os herdeiros do *amor* primário, seja transferindo para os objetos, no caso dos OCNOFÍlicos ou para os espaços entre eles, no caso dos filoBÁTICOS. Dois diversos sentidos de "objeto" são captados nesses modos de relação: para os ocnofílicos os objetos são seu alvo, enquanto para os filobáticos, motivo de objeção.

O ocnofílico está no mundo baseado na fantasia de que objetos firmes são confiáveis e generosos, devendo estar sempre a sua disposição, não se importando em ser usados e não resistindo a seu uso. Por isso o ocnofílico tem como objetivo desenvolver métodos eficientes de aderir aos objetos, como uma espécie de "parasita aderente". Como essas tentativas não dão conta de satisfazer a necessidade do ocnofílico de ser seguramente sustentado pelo objeto, lança mão do pensamento mágico. Projeta-se no objeto, fingindo que ele mesmo é agora tão seguro quanto possa agarrar seu objeto. Ou ainda, introjeta o objeto, reassegurando-se de que com isso o objeto nunca o deixará, já que está dentro dele. O pensamento mágico do ocnofílico pode ser observado também na sua capacidade de colorir os objetos com qualidades fantásticas, criando objetos extremamente bons, benignos e úteis, ou mesmo extremamente maus e hostis. Assim o ocnofílico não pode ver a realidade do mundo com objetos totais, com características boas e ruins, dele separados, pois se assim o for, a independência dos objetos pode

fazê-los se afastar demais, o que seria um tremendo novo desastre para ele.

Já o filobático está no mundo em busca de um retorno às expansões sem limite nem contornos, sentindo que os objetos são perigosos e imprevisíveis, sendo necessário criar habilidades ou aparatos para viver nesse mundo. Assim, o filobático, de certo modo, lida com situações externas reais, considerando os objetos separados e independentes dele. O desenvolvimento de habilidades tem como objetivo desempenhar tarefas com tal maestria, como se o desenvolvimento de suas habilidades suprissem qualquer demanda de esforço, prescindindo dos objetos. Com isso, a realidade seria como um mundo encantado onde tudo acontece segundo seus desejos, sem esforços. O filobata regressa ao mundo das substâncias amigáveis em fantasia: suas habilidades possibilitam que ele flutue pelas expansões sem limites, desviando dos objetos perigosos, como se eles não existissem. Assim, ao mesmo tempo em que é capaz de se adaptar à realidade dos objetos dele independentes, ele submerge na fantasia de que o mundo das expansões sem limites é uma espécie de mãe que o sustenta a salvo em seus braços.

Balint afirma que a descrição em palavras do amor primário é muito difícil, assim como a das primitivas relações de ocnofilia e filobatismo no mundo de objetos, pois a experiência desses estados ocorre num período da vida em que as palavras ainda não faziam sentido. Atribui a possibilidade de compreensão desses estados ao "curioso processo chamado regressão" que ocorre durante o tratamento psicanalítico:

O que emerge do estudo da regressão na situação psicanalítica é que todos nós temos uma fantasia de uma harmonia original que deveria ser de nosso direito e que foi destruída tanto por nossa própria falta, tanto por maquinações de outros ou por nosso destino cruel. (...) Essa harmonia é tema de inúmeras crenças religiosas e contos de fada, e parece ser a última meta de todo esforço humano. O esforço por uma completa harmonia entre o sujeito e seu ambiente pode ser aproximada (a) a nossa vida sexual, particularmente em sua fase mais intensa - durante o orgasmo, e (b) a todas as formas de êxtase. Talvez a qualidade mais importante de todos essas formas - contos de fadas, êxtases, orgasmo sexual - seja uma identidade quase completa entre o indivíduo e seu meio, isto é, entre microcosmos e macrocosmos (BALINT, 1959, pág.64/65, tradução minha).

A partir dessa compreensão teórica alternativa ao narcisismo primário, Balint chega a três recomendações a respeito da técnica na regressão. A primeira se refere ao que ele chama de “tendência ocnofílica de nossa técnica moderna”. Acredita que interpretar tudo primeiramente como transferência leva o paciente a transformar o

analista em um objeto poderoso e inteligente, ajudando-o ou forçando-o a regredir a um mundo onofílico. Afirma que o mundo onofílico pode ser uma possibilidade para trabalhar a questão da dependência, porém sem a mesma possibilidade para que o paciente faça descobertas independentes. Acredita que, em cada caso, o analista deve aceitar o mundo primitivo de seu paciente, estando preparado para alternar-se com ele entre os mundos onofílico e filobático, chegando inclusive a uma relação primária.

A segunda recomendação sugere que o analista, em certos momentos, deve fazer tudo o que puder para não se tornar ou proceder como um objeto independente e bem delimitado:

deve permitir que seus pacientes se relacionem ou existam com ele, como se fosse uma das substâncias primárias. Isso quer dizer que o analista deve sustentar o paciente, não ativamente, mas como a água suporta o nadador, ou a terra, o caminhante, isto é, estar presente para que o paciente o utilize sem muita resistência a ser usado. Na verdade, alguma resistência não é apenas permitida mas essencial. Entretanto, o analista deve ter cuidado para que sua resistência crie apenas o atrito suficiente para o avanço, mas definitivamente não muito mais, senão o progresso pode se tornar muito difícil, devido à resistência do meio. Além e acima de tudo, deve estar presente e deve ser indestrutível – como o são a água e a terra (Balint, 1968,p.153/154, tradução minha).

O terceiro aspecto recomendado é que o analista deve evitar se tornar ou mesmo parecer onipotente aos olhos do paciente. Afirma que essa é uma das tarefas mais difíceis, pois o paciente em regressão espera que seu analista seja poderoso o suficiente para que lhe prometa ajudá-lo a sair da regressão. Balint aponta que qualquer promessa que o analista faça nesse sentido, mesmo que implicitamente em sua conduta ou apenas com uma concordância tácita discreta, irá criar obstáculos quase insuperáveis ao trabalho analítico. Ao analista cabe aceitar o papel de uma verdadeira substância primária, não estando preocupado a respeito de sua existência independente.

2.5 REGRESSÃO BENIGNA E MALIGNA

A concepção da origem como um estado de completude, em que não existem necessidades, visto que as condições para a vida já estão supridas na mistura interpenetrante harmoniosa, configura uma imagem paradisíaca propensa a se regressar. A regressão deveria então ser um processo fácil e agradável, alguns poderiam pensar. A

experiência clínica mostra, entretanto, que não é assim. A própria atitude freudiana de escrever conselhos técnicos aos iniciantes na prática psicanalítica tinha em vista, entre outras coisas, livrar o psicanalista do terreno pantanoso de transferências regressivas, no qual reinam exigências e urgências de anseios insaciáveis. Freud (1918) afirma que o tratamento analítico deve ocorrer num estado de privação e abstinência, ou seja, não deve haver gratificações pulsionais no trabalho analítico, sendo a interpretação a resposta a ser dada às demandas do paciente. Por outro lado, a atitude de reserva e abstinência, entendida por muitos psicanalistas como frieza e silêncio, configurou o campo do não analisável, relegando a ele inúmeros pacientes que buscavam ajuda. Acompanhamos o esforço ferenciano em alcançar as possibilidades exíguas de ajuda, estirando ao máximo as possibilidades técnicas da psicanálise. Mas mesmo nesse esforço, Ferenczi deparou-se com os limites da ajuda possível.

Vimos chamando a atenção, até o momento para as possibilidades terapêuticas da regressão, que pareciam historicamente eclipsadas pelo sentido dotado de valor negativo que a regressão adquiriu na prática psicanalítica de forma geral. Michel Balint consegue lançar luz ao fenômeno da regressão, apontando suas possibilidades terapêuticas e também seus limites, ao delinear dois tipos de regressão, nomeando-as de regressão benigna e regressão maligna.

A regressão é entendida como benigna quando se transforma em um verdadeiro novo começo para o paciente. Balint descreve que nesse tipo de regressão uma relação de confiança é estabelecida sem grandes dificuldades, configurando um estado que se assemelha à relação do indivíduo com as substâncias vitais, característica do amor primário. Neste tipo de regressão, o paciente busca o reconhecimento de sua vida interna, fazendo uso do analista para lidar com seus problemas internos, mais do que para satisfação pulsional.

Na regressão maligna, Balint afirma que ocorrem diversas tentativas malsucedidas de atingir um novo começo. A relação de confiança mútua é instável, com uma ameaça constante de uma espiral interminável de demandas, desenvolvendo estados semelhantes aos de toxicomania. O paciente busca a gratificação de seus anseios pulsionais, pretendendo conseguir uma ação de seu objeto, o analista, que satisfaça sua demanda.

Balint explica que as demandas de uma regressão benigna são moderadamente

elevadas, enquanto as de uma regressão maligna são de alta intensidade suspeitosa. Explica também que a ausência de sinais de histeria grave na sintomatologia clínica e de elementos gênito-orgásticos na transferência indicam uma regressão benigna. Já a presença de sinais de histeria no quadro clínico e de elementos gênito-orgásticos, tanto na forma de transferência normal quanto na regressiva são características observadas em regressões malignas. Vejamos uma ilustração clínica de Michel Balint:

Depois de uma sessão insatisfatória de uma sexta-feira, na qual o paciente aceitou, com alguma relutância, que não se tinha podido estabelecer um contato real entre ele e o analista, porque durante toda a sessão tornara seu analista inútil, teve grande dificuldade em deixar a sala. Um pouco antes de abrir a porta, disse que se sentia péssimo e pediu uma sessão extra, em qualquer momento do fim de semana, para ajudá-lo a se recuperar (Balint, 1968, pág.156).

Trata-se de um pedido de gratificação e Balint vê-se frente à questão de como responder a ele. Esse paciente, em outra situação, já obtivera sessões extras em fins de semana que pareciam lhe render grande satisfação, porém sem um verdadeiro trabalho analítico, ou seja, funcionavam apenas para reduzir a tensão do paciente. Se Balint recusasse o pedido do paciente, interpretando-o como mais um anseio, o paciente poderia concordar com tal interpretação, sentindo-se infeliz por ter importunado seu bondoso analista, ou discordar dela, considerando seu analista malvado e cruel, o que aumentaria a tensão do paciente. Por outro lado, se aceitasse seu pedido, mesmo que o interpretando como um anseio, o analista apareceria como um objeto poderoso, capaz de aliviar suas tensões.

O que procuramos fazer neste caso foi primeiramente reconhecer e aceitar sua aflição, fazendo-o sentir que estávamos com ele e, depois, admitir que não julgávamos que uma sessão extra fosse suficientemente poderosa para dar-lhe o que esperava e talvez até mesmo precisava naquele momento; ademais, isso iria torná-lo pequeno e fraco enquanto seu analista iria se tornar grande e poderoso, o que não era desejável. Por todos esses motivos, o pedido foi negado. O paciente foi então embora sem ser satisfeito. (...)Devemos acrescentar que era um evento verdadeiramente raro que nosso paciente nos telefonasse, talvez não mais de uma vez por ano, em alguma emergência. Desta vez ele telefonou na mesma noite, depois das 8 horas. Ele quase não conseguia falar ao telefone, pois estava muito perturbado, mas finalmente conseguiu dizer que precisara telefonar...para contar-nos que ele estava quase chorando...nada mais...ele não queria nada de nós, nenhuma sessão extra... mas tivera de nos telefonar para que soubéssemos o que ele estava sentindo (Balint, 1968, pág.157).

Balint entende que sua resposta transformou um processo de regressão maligna,

por uma busca de satisfação, em benigna, uma regressão para reconhecimento. Isso foi possível pela atitude de evitar parecer todo-poderoso, funcionando como um objeto primário cuja função é reconhecer e estar com seu paciente. Como resultado desse acontecimento, o nível de tensão da relação reduziu consideravelmente, sendo que o paciente manteve contato e cooperação durante algum tempo, no qual foi possível fazer alguns progressos consideráveis.

Com a diferenciação de dois tipos de regressão temos alguns aspectos descritivos do desenvolvimento de um processo regressivo. Trata-se de uma diferenciação que organiza o material clínico a partir de uma vasta experiência sem, no entanto, vir acompanhada de uma explicação metapsicológica. Não podemos entender se, para Balint, a natureza maligna ou benigna da regressão decorre da estrutura clínica do paciente ou da técnica do analista ou da interação de ambos. Não apenas o tipo da regressão mas a própria regressão do paciente, seja ela de qualquer um dos dois tipos, ora parece ser entendida como fruto da técnica analítica ora parece depender do paciente, o que é atestado pela expressão "paciente regressivo", muitas vezes utilizada pelo autor.

Podemos articular alguns elementos da obra do próprio autor na tentativa de prosseguir na compreensão dessas diferentes formas de regressão. Para tanto, retomemos a diferenciação entre as formas da sexualidade discutidas no tópico "Eros, Afrodite e os fluxos da libido". Trata-se da diferenciação entre as modalidades do pré-prazer e do prazer final. Apresentamos a tese de Balint de que pré-prazer (fore-pleasure) e prazer final (end-pleasure) são modalidades distintas da experiência do prazer, cada uma com suas características e leis próprias. A modalidade do pré-prazer inclui diversas atividades prazerosas da vida, derivando-se das funções somáticas de forma geral. É possível em todas as etapas da vida, desde o nascimento até a morte. Apresenta-se da mesma maneira para os dois sexos. Está ligada à brincadeira, tendo diversas vias possíveis para sua satisfação, que resulta numa sensação de bem-estar calmo e tranqüilo.

A modalidade do prazer final, envolve, ao contrário, um acúmulo de tensão. Seu objetivo é livrar-se da tensão, num esforço que toma a forma de movimento. O prazer final está ligado à genitalidade, restringindo-se à fase da vida adulta, apresentando formas distintas para cada sexo. Parece incluir a presença de um elemento estranho que age sobre o soma, de maneira tóxica, entorpecente. A consecução do prazer final ocorre no

orgasmo, que livra o indivíduo da tensão acumulada. É descrito por Balint como "uma tarefa séria" (BALINT, 1936, pág.79).

Nossa conjectura é que a diferenciação entre essas duas modalidades da sexualidade pode ser relacionada à diferenciação dos tipos de regressão em benigna e maligna. Quando Balint chama a atenção para a diferença das intensidades das demandas envolvidas nos dois tipos de regressão, podemos entender que se trata da diferença na modalidade da libido operante na regressão. A alta intensidade das demandas na regressão maligna assemelha-se à modalidade do prazer final, enquanto a intensidade moderadamente elevada das demandas da regressão benigna poderia ser remetida à modalidade do pré-prazer. Também a presença de elementos gênito-orgásticos, configurando uma regressão maligna, seria uma característica em favor da hipótese da relação desse tipo de regressão à modalidade do prazer final. Ao mesmo tempo, a ausência de elementos genito-orgásticos na transferência poderia sugerir a relação da regressão benigna ao pré-prazer.

Essas comparações nos conduzem à compreensão do funcionamento da regressão em termos do funcionamento da libido. A regressão benigna seria um evento que se passa regido pelas leis do pré-prazer. Isso explicaria a atmosfera simples, inofensiva, insuspeita que caracteriza a regressão benigna. Nesses casos, a regressão "nunca apresenta as qualidades de desespero e paixão que caracterizam a experiência do paciente na outra forma de regressão: aquela com finalidade de gratificação ou a encontrada na histeria grave"(Balint, 1968, pág. 134). A regressão benigna como busca de reconhecimento também se assemelha à modalidade do pré-prazer no caráter do bem-estar calmo e tranqüilo alcançado pela satisfação das demandas do paciente.

Já a regressão maligna funcionaria na modalidade do prazer final. Isso mantém sintonia com a característica da regressão maligna como busca de gratificação, que nunca é alcançada, visto que a atividade sexual definitivamente não deve fazer parte do trabalho analítico. A alta tensão envolvida nesse tipo de regressão é outra característica que favorece a inclusão da regressão maligna na modalidade do prazer final. A dificuldade de estabelecer uma relação de confiança, com a irrupção de sintomas de desesperada críspação, como salvaguarda e defesa contra possíveis rupturas poderia estar relacionada com o excesso de tensão envolvida no exercício dessa modalidade da libido.

Excesso de tensão que poderia remeter à característica "séria" da tarefa do prazer final, apontada por Balint.

Essa diferenciação poderia ser resumida do seguinte modo: na regressão benigna a pulsão procura ligação, enquanto que, na maligna, procura descarga, que é uma forma de desligamento. Poderíamos pensar que a busca de ligação da libido, na regressão benigna, refere-se a questões da constituição egóica do paciente. Nesse sentido, o exercício das funções do pré-prazer, num trabalho de constituição de ligações através dos processos da regressão benigna, possibilitaria um novo começo. A experiência regressiva num ambiente livre de excitações, em que o paciente possa perceber sua existência somática, tornaria possível a fruição no pré-prazer, traduzida pela vivência de um bem-estar tranqüilo e calmo. A experiência da existência somática em contraponto com a percepção do mundo de objetos pode ser apontada como fundamental para a constituição de um ego saudável.

Na regressão maligna, por outro lado, estaria em questão a satisfação pulsional. O que opera não é a necessidade de reconhecimento, nem o exercício do pré-prazer, mas a necessidade de descarga de tensão. A experiência regressiva, nesse caso, pede por um ambiente ativo que incremente o acúmulo de tensões para culminar na evacuação orgástica delas. Temos duas possibilidades de interpretar tal necessidade. Poderíamos localizá-la como anterior às questões de constituição egóica, remetendo à condição de um ambiente excessivamente estimulante diante do qual o indivíduo ainda sem limites definidos encontra-se sem recursos de proteção. Nesse caso, o desligamento aparece como forma mais propícia para lidar com os excessos. Outra possibilidade é localizar a necessidade de gratificação da regressão maligna como ocorrendo já na fase da triangulação edípica, sendo uma demanda proveniente de uma organização egóica já constituída. Nesse sentido, tratar-se-ia da busca de satisfação genital, pelo processo de incremento e descarga das tensões do organismo.

Apontamos a aproximação entre as formas distintas de regressão e as modalidades distintas da libido. Ambas as diferenciações foram traçadas por M. Balint, porém sua associação não foi explicitamente tecida por ele. No entanto, lançou mão de mais um conceito para pensar sobre essa temática. Vamos a ele.

2.6 A FALHA BÁSICA

Balint observou duas dimensões diversas no trabalho analítico. Uma delas tem na interpretação em palavras um instrumento eficaz. O paciente se comunica usando as palavras, compondo um discurso verbal sobre o qual incide a interpretação em palavras do analista. O paciente pode ou não encontrar sentido na interpretação, prosseguindo no trabalho analítico. Na pior das hipóteses, o paciente pode não encontrar nenhum sentido na interpretação, descartando-a. Nesse nível, entretanto, uma interpretação permanece sempre uma interpretação - uma sentença em palavras com algum sentido. Balint refere-se a essa dimensão do trabalho analítico como nível edípico.

Em sua experiência clínica, entretanto, observou em alguns casos, uma súbita mudança na atmosfera analítica. As interpretações do analista não são mais entendidas pelo paciente como interpretações. São experimentadas como ataque, demanda, insinuação, grosseria, insulto injustificados, injustiça, completa desconsideração, ou ainda como algo muito prazeroso e gratificante, confortante ou até mesmo excitante. Algumas palavras tornam-se imensamente importantes e poderosas, sendo que ao seu significado convencional "adulto" aderem-se poderes desproporcionais. Outras perdem seu sentido ou nem são consideradas. Não só as palavras, mas gestos casuais do analista podem assumir uma importância decisiva no processo analítico. Além disso, o paciente parece captar o que se passa com o analista, demonstrando saber cada vez mais a respeito dele. Balint chega a afirmar que esse aumento de sensibilidade pode parecer proveniente de um talento misterioso do paciente, dando a impressão de fenômenos de telepatia ou clarividência (BALINT, 1955). Porém, ainda que as percepções do paciente sejam, em geral, corretas e verdadeiras, são sempre entendidas como algo que lhe diz respeito. O paciente percebe os mais íntimos sentimentos do analista entendendo, entretanto, que esses sentimentos foram gerados por ele, ou a ele se referem.

Se o analista não consegue compreender a situação do paciente, este não se zanga, nem lhe faz críticas, como seria esperado no nível edípico, mas sente-se vazio, numa sensação de morte. Tudo é aceito, sem muita resistência, mas não produz mudança na sensação do paciente de uma "falha" dentro de si. Balint propõe nomear essa dimensão do trabalho analítico de área da "falha básica". Justamente porque contempla

uma sensação de uma falha dentro de si, descrita por muitos desses pacientes . Refere-se, também, ao uso do termo “falha” em geologia, significando súbita irregularidade numa estrutura total, imperceptível, que, diante de pressão ou força pode levar a ruptura, alterando profundamente a estrutura total. Já o adjetivo “básica” tenta contemplar a qualidade de elementar, simples e primitivo desse nível. Afirma tratar-se de eventos da área da psicologia bi-pessoal, anterior ao nível da triangulação edípica, com estrutura de conflito. É interessante a atenção que Balint dá a necessidade de nomear esse nível a partir de suas características próprias, evitando nomeá-lo como nível pré-edípico, pré-verbal ou pré-reflexivo. Isso indica sua compreensão da falha básica não apenas como um nível do desenvolvimento anterior ao nível edípico. Acredita que ela possa coexistir com o nível edípico, deixando em aberto a possibilidade de existência de períodos nos quais a mente conheça apenas um dos dois níveis.

A falha básica poderia ser equacionada à perda do amor primário, ajudando-nos a compreender a necessidade da regressão como instrumento do trabalho analítico. Para Balint, em muitos casos, os padrões de relação objetal compulsivos do paciente não adaptados à realidade originam-se como reação à falha básica. Nesses casos "as interpretações terão um poder incomparavelmente menor, pois não existe, no sentido estrito, um conflito ou complexo para resolver, e na área da falha básica as palavras são instrumentos não muito confiáveis" (Balint, 1968, pág. 152). Então, outros agentes terapêuticos devem ser considerados. Na opinião do autor, é importante ajudar o paciente a desenvolver uma relação primitiva na situação analítica. Essa relação deve corresponder ao padrão compulsivo do paciente, devendo ser mantida até que ele possa descobrir novas possibilidades de relação objetal. Essa descoberta depende da inativação da falha básica, pela sua cicatrização. Isso é possível pela regressão do paciente à situação de origem de seus padrões compulsivos. Essa regressão permitirá ao paciente experimentar formas anteriores a tais padrões, possibilitando um recomeço. O novo começo, assim, seria alcançado a partir da regressão do paciente a uma forma de relação primária, em que o analista funcionaria como uma substância a ser investido pelo amor primário do paciente. Segundo Balint, o analista deve funcionar como provedor de tempo e meio. Um aspecto importante é que o analista, como uma substância, não tem obrigação de compensar as privações precoces do paciente, fornecendo-lhe mais cuidado, amor e afeto do que o

ambiente lhe ofereceu originalmente. "O que o analista deve fornecer - e, se possível, durante apenas as sessões regulares - é suficiente tempo livre de tentações extrínsecas, estímulos e exigências, inclusive as originárias do próprio analista"(Balint, 1968, pág. 165). Nesse sentido, poderíamos dizer que o analista deve fornecer ao paciente a possibilidade de exercer a modalidade do pré-prazer. Isso permitiria ao paciente descobrir o seu próprio caminho para o mundo dos objetos, livre de pressões excessiva de forças externas a ele.

Nesse regresso à falha básica, para que um novo começo seja possível, o paciente precisa da compreensão do analista. Compreensão que, nesse nível do trabalho analítico, não precisa ser dada ao paciente na forma de interpretação, mas sim na propiciação de uma atmosfera adequada, livre de estimulações excessivas e digna de confiança.

3 DONALD WINNICOTT - REGRESSÃO À DEPENDÊNCIA E A SUBSTÂNCIA DA ILUSÃO

O estudo da regressão encontra em Donald Winnicott experiências significativas sobre o que pensar. Seu trabalho clínico envolvendo a regressão de alguns pacientes rendeu-lhe uma compreensão peculiar do fenômeno regressivo, assim como uma teoria sobre o desenvolvimento primitivo do ser humano. Com o objetivo de aproximarmos dessa compreensão, neste capítulo, lançamos mão de alguns artigos escritos pelo psicanalista.

Partimos de uma ilustração clínica presente no artigo de 1949 “Mind and its relation to the psyche-soma”. Trata-se da regressão vivida por uma paciente que traz elementos para a compreensão do processo que confere realidade às experiências de vida de uma pessoa. Tal processo mantém relação com a elaboração imaginativa das funções corporais. Em seguida, acompanhamos o artigo de 1954 “Metapsychological and Clinical Aspects of Regression within the Psycho-Analytical Set-Up”, na busca do sentido da regressão para Winnicott. Essa leitura traz a perspectiva da regressão à dependência como ocorrendo dentro da complexa organização de um *falso-self*.

O estudo do sentido da regressão para Winnicott aponta a necessidade da compreensão do desenvolvimento emocional primitivo, que abordamos no tópico seguinte. Para tanto, fazemos uma leitura detida do artigo de 1945 “Primitive Emotional Development”. Temos a descrição dos processos de integração, personalização e realização que, para o autor, constituem as tarefas primitivas do desenvolvimento emocional. Dando continuidade à compreensão do desenvolvimento primitivo, temos, no último tópico deste capítulo, uma apresentação das idéias referentes à terceira área da vida dos seres humanos. Falamos de alguns conceitos que constelam essa dimensão, incluindo objetos e fenômenos transicionais, espaço potencial e o uso do objeto.

O estudo da regressão, em Winnicott, mostra-se, desse modo, atrelado ao estudo do desenvolvimento primitivo. Isso porque questões do desenvolvimento primitivo aparecem na análise de pacientes regressivos, sendo que tais análises fornecem pistas para a compreensão dessas questões.

3.1 UM CASO CLÍNICO

“Ela se sentia completamente insatisfeita, como se buscasse encontrar a si mesma, sem nenhum sucesso” (WINNICOTT, 1949, pág. 249). À regressão da paciente a um certo estágio muito primitivo segue-se “um movimento em direção a uma nova existência como uma pessoa real que se sente real” (*opus cit.*, pág.252).

Os dois trechos citados pertencem respectivamente ao início e ao fim de uma ilustração clínica de Winnicott presente no artigo “Mind and its relation to the psyche-soma”. Temos dois momentos: o primeiro, em que há uma sensação de desencontro de si, na impossibilidade de uma vida real; o segundo, em que encontramos uma pessoa real que se sente real. O que possibilitou tal modificação?

No artigo encontramos a descrição da regressão vivida pela paciente, como a jornada do falso self em busca do self verdadeiro. Foi necessário que a paciente pudesse nascer novamente, várias vezes, para atingir o ponto de não conhecimento, o vazio a partir do qual pudesse começar sua vida real. Segundo Winnicott “a paciente alcançou, aos 47 anos, o estado no qual o funcionamento fisiológico em geral constitui o viver. A elaboração psíquica deste pôde fluir” (WINNICOTT, 1949, pág.251, tradução minha). A esta afirmação segue-se uma explicação geral: “Esta elaboração psíquica do funcionamento fisiológico é muito diferente do trabalho intelectual que tão facilmente torna-se uma coisa em si e um lugar falso onde a psique pode alojar-se” (*opus cit.*). Nesse caso encontramos uma pessoa que desenvolveu sua mente descolada do psicossoma. Segundo Winnicott, este funcionamento mental descolado do psicossoma se desenvolve para cumprir a função de um ambiente que não se adaptou às necessidades desse psicossoma, em seu desenvolvimento primitivo. A não adaptação do ambiente às necessidades do bebê impõe diferença em um momento em que ela ainda não há, ou seja, num momento em que a experiência do bebê é de indiferenciação com o meio. Assim, resta ao bebê reagir ao ambiente, antes de diferenciar-se dele. Essas reações introduzem descontinuidades na unidade de ser-com-o-ambiente do bebê. Para lidar com elas, a atividade mental entra em cena, marcando exatamente o que está acontecendo. Esta “catalogação” de acontecimentos constitui funcionamento mental que encobre o psicossoma na sua continuidade de ser que constitui o *self*.

Podemos pensar que como esse processo se dá antes de uma integração do *self* - antes que os fragmentos sensíveis do mundo se articulem numa perspectiva de um eu integrado num corpo no tempo e no espaço, dotado de permanência - essas marcas não entram na história. Não podem ser lembradas, elaboradas ou simbolizadas, por que não foram experimentadas. Habitam fora do tempo e de qualquer lugar, constituindo-se em “um fato que se carrega consigo, escondido no inconsciente”(WINNICOTT, 1963, pág.73). Recorrendo a este outro artigo de Winnicott de 1963 “O Medo do Colapso” entendemos que neste contexto especial

(...)o inconsciente quer dizer que a integração do ego não é capaz de abranger algo. O ego é imaturo demais para reunir todos os fenômenos dentro da área da onipotência pessoal.(...)A experiência original da agonia primitiva não pode cair no passado a menos que o ego possa primeiro reuni-la dentro de sua própria e atual experiência temporal e do controle onipotente agora. Em outras palavras, o paciente tem de continuar procurando o detalhe passado que *ainda não foi experienciado*, e esta busca assume a forma de uma procura deste detalhe no futuro (*opus cit.*, grifos do autor).

Considerando o “colapso”, entendemos que há um impedimento para que se atravesse satisfatoriamente as tarefas do desenvolvimento primitivo. Os processos de integração, personalização e realização ficam comprometidos traduzindo-se na experiência de um indivíduo que vive sua vida sem sentido. Sem sentido de unidade de sua experiência fragmentada, sem sentir que vive em seu próprio corpo, sem sentir que o mundo é real. Esta era a experiência da paciente.

Acompanhando a regressão dessa paciente, Winnicott observou que o processo de nascimento era revivido sendo, em cada ocasião, escolhida uma reação importante específica às características externas do processo para a experimentação. Esta é a compreensão do autor acerca das “atuações” (*acting out*) – uma de suas funções principais é constituir-se em via pela qual o paciente pode ter acesso a essas marcas: “Pelo *acting out* a paciente se dava conta da parte da realidade psíquica que foi difícil de incorporar naquele momento, mas a que a paciente precisou estar atenta de maneira tão aguda” (WINNICOTT, 1949, p.249, tradução minha). É atualmente que essas marcas podem se tornar experiência e ganhar destino. Isso é apontado em “O Medo do Colapso”:

O paciente precisa “lembrar” isto, mas não é possível lembrar algo que ainda não aconteceu, e esta coisa do passado não aconteceu ainda, porque o paciente

não estava lá para que ela lhe acontecesse. A única maneira de “lembrar”, nesse caso, é o paciente experienciar esta coisa passada pela primeira vez no presente, ou seja, na transferência. Esta coisa passada e futura torna-se então uma questão do aqui e agora, e é experienciada pelo paciente pela primeira vez. É este o equivalente do lembrar, e tal desfecho constitui o equivalente do levantamento da repressão que ocorre na análise do paciente psiconeurótico (análise freudiana clássica) (WINNICOTT, 1963, p.74).

Nesse sentido, podemos compreender a importância da dimensão da experiência não-verbal no trabalho clínico com pacientes desse tipo, para o autor. Atuar significa uma ação dramática que pode dar notícias à paciente de uma realidade psíquica necessária para ancorar marcas vividas em experiências reais. Para nos debruçarmos nesse processo, citarei um trecho que imagino ser importante para essa reflexão, pois nele Winnicott lista algumas formas de acting out significantes ao processo da paciente:

As mudanças na respiração são revisitadas, nos mais finos detalhes.
 As compressões passando pelo corpo são revividas e então lembradas.
 O nascimento do fantasiado interior do útero da mãe, que era uma pessoa depressiva, não relaxada.
 A transição da não alimentação para alimentação no seio e depois para a mamadeira.
 O mesmo, com a adição de que a paciente tinha sugado o polegar no útero e, ao vir ao mundo, tinha que manter o punho em relação ao seio ou mamadeira, fazendo assim a continuidade entre relacionamento objetal dentro e fora.
 A experiência intensa de pressão na cabeça e também o horror da liberação dessa pressão; fase durante a qual, a menos que sua cabeça fosse sustentada, ela não poderia ter suportado a realização.
 Nesta análise, muito ainda não foi entendido sobre as funções da bexiga afetada pelo processo de nascimento.
 A mudança da pressão ao redor (que pertence ao estado intra-uterino) à pressão de baixo (que pertence ao estado extra-uterino). Pressão, se não excessiva, significa amor. Após o nascimento, portanto, ela era amada apenas pelo lado de baixo, e a menos que virada periodicamente ficava confusa. (WINNICOTT, 1949, p.249/250, tradução minha)

Nessa passagem temos a dimensão de como a experiência corporal vai sendo elaborada constituindo sentidos. É interessante observar como os sentidos vão nascendo na experiência corporal e podemos, então, começar a vislumbrar o sentido da afirmação que o autor faz no início do mesmo artigo: “a palavra psique aqui significa a *elaboração imaginativa de partes, sentimentos e funções somáticas*, ou seja, da vivência física” (*opus cit.*, p.244, grifos do autor). Afirma também que apesar dessa elaboração imaginativa depender do funcionamento saudável do cérebro ela não é *sentida* pelo indivíduo como estando localizada no cérebro ou em qualquer lugar. Os aspectos psíquicos e somáticos

da pessoa em crescimento vão compondo gradualmente um processo de mútua inter-relação que constitui o psicossoma. “Num estágio posterior o corpo vivo, com seus limites, com um interior e um exterior, é *sentido pelo indivíduo* constituir o cerne para o self imaginativo” (WINNICOTT, 1949, pág. 244, tradução minha).

No caso da paciente em discussão, sentir-se como situada em sua cabeça traduzia a equação do falso self e de sua mente. Este aspecto conduziu-a, no processo de realização, a pior fase. Winnicott descreve as ansiedades da paciente de ter a cabeça esmagada. Explica que enquanto a paciente se identificava com o falso self a ansiedade do esmagamento era controlada, mas ao longo do processo significou risco de suicídio, caso fosse atuada fora da transferência. Mas o processo continuou, sendo que a paciente existia ao esmagar pedras ou o que tivesse presente na sala de análise, disso decorrendo a “destruição” de sua cabeça (incluindo mente e falso self) que perdeu significado para a paciente como parte do self.

Essa destruição da mente significou o estado de aceitação do não conhecimento, produzindo uma experiência de tremendo alívio. O saber foi transformado em saber do analista que consistia em “comportar-se de forma confiável em adaptação ativa às necessidades da paciente” (*opus cit.*, pág.250). A paciente ao “perder a cabeça”, no sentido de abandonar a ilusão de um aparato psíquico separado de seu corpo como um todo, ganhou acesso a seu esquema corporal em sua solidez e realidade. Com isso a análise viveu uma fase temporária em que a respiração de seu corpo era tudo. Ela pôde aceitar a condição de não saber, porque o analista a sustentou, mantendo a continuidade por sua própria respiração (do analista). Winnicott afirma que de sua parte o processo vigorou por ele poder ver e ouvir seu ventre movendo enquanto ela respirava, anunciando que ela estava viva. Como já dissemos no início, a paciente pôde então se mover na direção de uma nova existência como um indivíduo real que se sente real, estando preparada para localizar a psique em qualquer parte do corpo onde haja vida.

Acompanhamos o processo de *nascimento* da paciente no setting analítico, a partir de uma regressão a estágios primitivos de seu desenvolvimento. Nesse caso, o processo de regressão da paciente foi o meio pelo qual o trabalho analítico se realizou. A compreensão do analista acerca das atuações da paciente, permitiu que essas ações funcionassem como instauradoras de experiência, no lugar de reações a falhas

traumáticas. Para entender melhor esse processo, vamos procurar destrinchar as concepções do autor sobre o fenômeno da regressão.

3.2 REGRESSÃO POR WINNICOTT

No artigo de 1954 “Metapsychological and Clinical Aspects of Regression within the Psycho-Analytical Set-Up” Winnicott discute o “sentido popular” que a palavra regressão adquiriu no meio psicanalítico de sua época, apontando, na contra-mão desse sentido, a importância desse fenômeno clínico no tratamento de alguns casos. Para ele, a relevância da regressão na possibilidade de acompanhamento de alguns tratamentos torna necessário um re-exame da técnica analítica clássica. Diferencia “técnica” de “acompanhar(carrying through) um tratamento”, afirmando que a técnica não garante o acompanhamento do processo do paciente. Afirma que a técnica clássica surgiu no tratamento de casos cuja problemática refere-se à dimensão dos relacionamentos inter-pessoais, lidando com fantasias consciente ou inconscientes que enriquecem ou complicam esses relacionamentos entre *pessoas inteiras*. Um tratamento baseado na suposição de que há três pessoas, uma delas excluída da sala analítica. Nesse contexto, Freud desenvolveu a *técnica* da psicanálise, no início do século XX, que consiste no entendimento e interpretação do material apresentado pelo paciente.

Winnicott classifica os casos em três tipos. Além desse primeiro tipo de caso a partir do qual se construiu a técnica clássica, haveria um segundo grupo onde estariam aqueles pacientes em que a integração da personalidade apenas começou. É a análise do estágio de ‘concern’, ou seja, da posição depressiva. Trata-se da contribuição de Klein à psicanálise, ainda que ele não explicita isso. Esses pacientes demandam análise de humor. A técnica para trabalhar com eles não é muito diferente daquela do primeiro grupo, mas Winnicott observa que nesses casos é importante a ‘sobrevivência do analista’ como um fator dinâmico. Num terceiro tipo, agrupa aqueles pacientes cuja análise precisa lidar com estágios muito primitivos do desenvolvimento emocional, antes e além do estabelecimento da personalidade como uma entidade. A estrutura da personalidade não está seguramente fundada. É em relação ao tratamento deste tipo de caso que Winnicott acredita prestar sua contribuição. Tratamento que envolve a ocorrência da regressão. Para

ilustrar esse terceiro tipo de caso, Winnicott refere-se novamente ao caso da paciente discutido no tópico anterior. Afirma que apesar de ter escolhido uma abordagem teórica para tratar do assunto nesse artigo, tem esse caso todo o tempo em mente.

Nesses casos do terceiro tipo, que inclui na categoria de psicose⁶, existem apenas duas pessoas envolvidas na cena analítica, tendo que haver uma regressão do paciente no *setting* analítico, podendo levá-lo a uma situação em que haverá apenas um presente, o paciente, ainda que do ponto de vista do observador existam dois – o paciente e o analista.

Ainda que considere o surgimento da *técnica* clássica a partir de uma outra realidade clínica, Winnicott chama a atenção para outro aspecto do trabalho de Freud. Além da técnica psicanalítica, Winnicott aponta a necessidade da consideração do *setting* clínico de Freud, configurado na lógica do uso da hipnose, descrevendo vários aspectos que contribuem para que o acompanhamento do caso seja possível. A frequência das sessões, por exemplo, e mesmo o fato de o analista não ser ferido por um sonho agressivo, que marcaria a distinção entre fato e fantasia, seriam aspectos da clínica psicanalítica a serem levados em conta, além da interpretação.

Mas, afinal de contas, que uso faz Winnicott da palavra regressão? Como já dissemos, ele pretendia ampliar a idéia vigente de regressão que a entendia como um simples reverso do desenvolvimento, supondo a existência de pontos de fixação no curso do desenvolvimento da libido (instinct), marcados por situações desfavoráveis, a que o paciente regressaria diante de ansiedades da vida atual. Para Winnicott, essa idéia não dá conta de muito material clínico. Acredita que a ocorrência de uma regressão necessita de uma organização no indivíduo que a viabilize. Considera a idéia de regressão dentro de um mecanismo de defesa do ego, altamente organizado, envolvendo a existência de um *falso self*. Na origem do falso self está uma falha na adaptação por parte do ambiente, em um estágio muito primitivo do desenvolvimento. Aponta, ainda, que a organização de um falso self se diferencia de outras organizações defensivas por carregar *a esperança em uma nova oportunidade* para retomar a situação falha a partir de uma regressão, dando uma chance ao ambiente – o ambiente atual.

⁶ O que Winnicott denota por psicose nesse artigo inclui-se na categoria que a esfera psicanalítica denomina atualmente como “borderline”.

Para ele, deve-se incluir na teoria do desenvolvimento do ser humano a idéia de que é normal e saudável para o indivíduo ser capaz de defender-se de falhas do ambiente por um congelamento da situação falha, já que, nesse congelamento, estaria contida a esperança de que novas experiências poderiam colocá-lo em movimento numa situação ambiental adequada. Assim a regressão é parte do processo de cura, e, de fato, um fenômeno normal que ocorre também em pessoas saudáveis. A doença reside na pouca esperança em novas oportunidades, traduzida na incapacidade de entregar-se a movimentos regressivos que seriam necessários na liquidação de antigos traumas. O papel do analista, então, consiste em propiciar um ambiente especial de confiança que possibilite ao paciente viver uma experiência capaz de ‘degelar’ situações traumáticas, possibilitando novos desenvolvimentos.

A idéia de ‘congelamento’ se aproxima muito da de ‘ponto de fixação’, porém, Winnicott chama a atenção para o aspecto da regressão à *adaptação ambiental*. Para ele, a idéia vigente considerava a regressão da experiência instintiva *do indivíduo*. A regressão era entendida como o reverso do progresso da *qualidade* do instinto, num retorno do genital ao fálico, do fálico ao anal, do anal ao oral. Winnicott afirma que há que se considerar um retorno à *adaptação ambiental* às necessidades do bebê. Afirma que é impossível desenvolver teorias do instinto que não levem em consideração o ambiente quando se trata de formulações sobre o desenvolvimento primitivo do ego. Isso porque considera o narcisismo primário como estado de origem do psiquismo, concebendo-o da seguinte maneira: “No narcisismo primário o ambiente sustenta o indivíduo, e *ao mesmo tempo* o indivíduo não sabe de nenhum ambiente e é um com ele”(WINNICOTT, 1954, pág.283, tradução minha). Nesse sentido, a regressão a fases primitivas do desenvolvimento necessariamente implica numa regressão à adaptação ambiental. Trata-se da regressão ao estado de dependência inicial. A regressão à dependência é, portanto, caracterizada como um retorno ao estado em que o ambiente é parte constituinte do indivíduo, sendo a adaptação ambiental complemento necessário à dependência do indivíduo, para que esse caminhe rumo à independência.

Winnicott afirma que uma alternativa à consideração da regressão como volta a pontos de fixação, ou seja, regressão das qualidades do instinto do indivíduo, seria privilegiar o desenvolvimento do ego e o fenômeno da dependência. Essa parece ser sua

opção. A busca de compreensão do desenvolvimento primitivo, da constituição do ego, tendo a dependência como fundamento, dá sentido à sua maneira de pensar a regressão. Winnicott entende que a teoria do desenvolvimento dos instintos não leva em consideração o papel do ambiente. Considera imprescindível levar em conta a adaptação ambiental às necessidades do bebê, já que o narcisismo primário inclui o ambiente em seu modo de ser. O ambiente é parte da continuidade de ser que só posteriormente será equacionada a um eu com um mundo interno, com um mundo externo.

É interessante observar que Winnicott vem discutindo a idéia da regressão do instinto, mas quando fala das necessidades do bebê, já não usa mais o adjetivo ‘instintivas’. Poderíamos afirmar que Winnicott deixa de lado a dimensão pulsional do bebê em sua consideração do desenvolvimento primitivo? Observamos que o contexto da psicanálise inglesa de meados do século XX pensava o desenvolvimento primitivo com forte acento na dimensão pulsional *do indivíduo*. Inserido nesse contexto, Winnicott reclama a necessidade de consideração do *ambiente* que sustenta a possibilidade desse desenvolvimento, supondo que uma teoria do desenvolvimento dos instintos não leva em consideração esse ambiente. Entendermos sua tentativa de acentuar a compreensão do desenvolvimento do ego e da dependência, nesse contexto, cuja força da dimensão pulsional era presença marcante, é muito diferente de supormos que Winnicott simplesmente desconsiderava a dimensão instintiva. Uma leitura de Winnicott dissociada de seu contexto pode levar a essa interpretação.

A tentativa de compreender a noção de regressão para Winnicott e suas vicissitudes no tratamento psicanalítico aponta para a necessidade de compreensão de algo anterior. O termo regressão não nomeia um objeto, mas indica um processo, uma direção, no caso, para trás. Regressão nos direciona para algo anterior. Então, torna-se necessário considerarmos a origem para qual aponta a regressão.

3.3 DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL PRIMITIVO

"How many roads must a man walk down
before you call him a man? (...) The answer
my friend is blowin' in the wind, the answer
is blowing in the wind".

Bob Dylan

Acompanhando seu artigo de 1945 "Primitive Emocional Development", encontramos alguns elementos que nos ajudam a compreender a consideração de Winnicott acerca da importância dos instintos no desenvolvimento do ego. Aqui farei uma leitura desse artigo percorrendo o caminho que Winnicott constrói, recolhendo elementos que nos ajudem a compreender as idéias que compunham o solo de seu pensamento sobre o desenvolvimento primitivo. Terreno irregular cortado por inúmeras trilhas, propício a tropeços, mas que parece oferecer bons frutos.

O artigo tem como objetivo principal apresentar a tese de que o desenvolvimento emocional primitivo da criança, antes dela se saber como uma pessoa inteira, antes de saber que existem outras pessoas inteiras, é de vital importância e traz pistas para a psicopatologia da psicose. Com esse objetivo, Winnicott atém-se nos processos de integração, personalização e realização.

Afirma que o processo de integração depende de dois tipos de experiências: experiência dos cuidados ambientais e experiências instintivas agudas. Não pretendo aqui me deter nos aspectos apontados por Winnicott sobre os cuidados ambientais que são necessários no processo de integração, ainda que essa possa ser sua principal contribuição no entendimento do desenvolvimento primitivo. Sairemos da estrada principal, pegando uma pequena trilha: meu propósito nesse momento é recolher o que ele diz acerca das experiências instintivas. E ele diz: "As experiências instintivas agudas tratam de juntar todas as forças dentro dos limites da personalidade"(WINNICOTT, 1945/1992, p.150, tradução minha). Afirmação interessantíssima que mostra como sua idéia de integração da personalidade carrega a compreensão de uma coesão interna por forças instintivas agudas.

Afirma que muitos bebês estão indo bem no caminho da integração durante certos

períodos das primeiras 24 horas de vida, mas que em outros o processo é atrasado devido a uma precoce inibição do ataque voraz. Nesse sentido, experiências instintivas agudas constituem a base do desenvolvimento emocional primitivo, juntamente com os cuidados ambientais. Winnicott refere-se a essas experiências instintivas como fonte dos mais intensos sentimentos e das sensações mais temíveis. Provindas de nossos “*selves*” primitivos, tais experiências acometem qualquer um, através da expressão artística ou, ainda, com suficiente privação de sono. Chamou minha atenção essa aproximação, ainda que de passagem, alçada por Winnicott entre sono, arte e self primitivo. O acesso a essas experiências instintivas primitivas se dá por uma tendência à regressão? A expressão artística seria uma resposta saudável a essa tendência? A privação de sono (e conseqüentemente dos sonhos), que segundo Freud constituem-se numa via regressiva, produziria uma tendência regressiva? Ele estaria se referindo aos processos primários em ação? Guardemos essas questões, por hora.

Considerando a personalização, novamente Winnicott aponta tanto as experiências instintivas como as experiências repetidas de cuidado corporal (*body-care*) na constituição satisfatória desse processo. É interessante notar o uso do adjetivo “calmas” (*quiet*) para qualificar as experiências do cuidado do bebê (*body-care*). Causou-me algum estranhamento qualificar essas experiências como calmas, primeiro do ponto de vista da mãe ambiente, pois cuidar de um bebê pode não ser necessariamente uma experiência calma. Em seguida, entendi que esse adjetivo parecia, de certa forma, sublinhar um contraste entre as experiências do cuidado ambiental (calmas para o bebê) e as experiências instintivas (intensas). Diferenciação que propicia os processos em desenvolvimento.

Após considerar os processos de integração e personalização de maneira geral, no subtítulo “Dissociação” discute esse fenômeno em relação à não integração inicial. Entende a dissociação como um fenômeno natural no início do desenvolvimento, decorrente da não integração inicial. Coloca-se no ponto de vista do bebê, imaginando a não continuidade do sentimento de si ao longo das diversas experiências vividas:

“Eu acho que não se pode dizer que um bebê esteja consciente, no começo, de que, enquanto sente isso e aquilo em seu berço ou desfrutando das estimulações do banho em sua pele, ele é o mesmo que aquele que berra por satisfação imediata, possuído pela urgência de atingir e destruir algo a menos

que satisfeito por leite (WINNICOTT, 1945, pág. 151, tradução minha).

Alem disso, Winnicott aponta a alternância entre dormir e acordar como um fato natural que pode estar na origem de dissociações complexas seja em crianças ou adultos. E prossegue: “Na verdade, a vida desperta de uma criança pode ser descrita talvez como uma dissociação que se desenvolve gradualmente do estado de sono” (*opus cit.*, pág. 152, tradução minha). Aqui se pode interpretar o desenvolvimento do ego como um processo de dissociação dos processos primários. Processo que, com o desenvolvimento, encontra novas formas de manifestação: “A criação artística gradualmente ocupa o lugar dos sonhos, ou suplementa-os, e isto é de vital importância para o bem-estar do indivíduo e, portanto, para a humanidade” (*opus cit.*, tradução minha). Winnicott encerra o tópico sobre dissociações afirmando tratar-se de um mecanismo de defesa que conduz a resultados surpreendentes, exemplificando a vida urbana, assim como guerra e paz, como formas de dissociação que fazem parte da vida humana.

A partir das considerações de Winnicott, vemos configurar-se uma compreensão do fenômeno da dissociação que o inclui como parte do desenvolvimento do indivíduo. Parece ser uma tendência do autor incluir os fenômenos clínicos da categoria das patologias no desenvolvimento natural do indivíduo, tornando o “patológico” uma questão de matiz.

Avançando alguns passos na integração, passa a considerar a relação primária com a realidade externa – o processo de realização. Afirma que a falta de uma relação verdadeira com a realidade externa é questão central em algumas análises e que alguns casos considerados como não analisáveis, na verdade, são casos que trazem grandes dificuldades para lidar com a transferência devido a essa falta de uma relação verdadeira com a realidade externa.

Que é essa relação verdadeira com a realidade externa? Para Winnicott, a verdade nasce da ilusão. O primeiro laço que uma criança faz com um objeto externo é fruto de uma experiência compartilhada. Experiência que é vivida pelo bebê na coincidência de sua alucinação com algo que vem de fora. Coincidência que pinga gotas de realidade em seu mundo de fantasia. Gotas que se dissolvem constituindo a mistura precursora das fronteiras entre fantasia e realidade, cuja via de transição é a ilusão. Afirma que a fantasia precede à realidade e que o enriquecimento da fantasia com as riquezas do

mundo depende da experiência de ilusão. A experiência de ilusão do bebê compartilhada com sua mãe é o primeiro elo real com o mundo externo. Ilusão do bebê que depende de alguém que se disponha a estar todo o tempo trazendo a ele o mundo de uma maneira que lhe seja compreensível, em porções palatáveis que contemplem suas necessidades - não só os alimentos devem ser cozidos e amassados, ou peneirados, para serem dados ao bebê, mas toda a realidade. Pensando nesses momentos de ilusão, podemos conceber que a ilusão não é só da parte do bebê. Para que ocorra o fenômeno da ilusão não é necessário que haja uma mãe que viva a ilusão de compreender as necessidades de seu bebê? (ver A.Balint, 1939). Seriam as duas linhas que se sobrepõem quando "mãe e bebê *vivem uma experiência juntos*"?(WINNICOTT, 1945, pág.152, itálicos do autor).

É interessante apontar que a qualidade ilusória não é do contato, mas das fantasias que o constituem. A mãe e o bebê de fato vivem uma experiência juntos, ainda que experimentada por cada um de maneira diferenciada. As fantasias que sustentam cada gesto de um em direção ao outro são compostas de matérias diversas, colhidas de experiência próprias ao ponto do tempo e do espaço ocupado por cada um. A heterogeneidade das fantasias carregadas nos gestos conjuntos atesta a diversidade da percepção da experiência compartilhada. O bebê no colo da mãe certamente não vive a mesma experiência que aquela que o carrega, mas eles compartilham o contato de suas peles, balbucios e olhares, o tônus muscular da sustentação - coisas que dizem mais do que mil palavras diriam sobre o sentido de viver uma experiência juntos.

No princípio, fantasia e realidade não se diferenciam, os objetos comportam-se segundo leis mágicas orientadas pelas afecções do sujeito: "existe quando desejado, aproxima quando aproximado, fere quando ferido. Por fim desaparece quando não é mais querido"(opus cit. pág.153). Winnicott explica que essa é a mais terrível e verdadeira aniquilação: não querer como resultado da satisfação é aniquilar o objeto. Isso explicaria por que nem todas as crianças estariam felizes e satisfeitas após uma mamada satisfatória. Explicaria também o medo da satisfação carregado por alguns pacientes até a vida adulta. Aqui temos uma problemática nascida de uma experiência primária ambiental plena, o que indica a marca deixada pelo ambiente no desenvolvimento primitivo, seja em suas faltas ou excessos.

Para terminar o tópico em que considera a realização sob o título "Adaptação à

realidade" Winnicott escreve um pequeno parágrafo:

A idéia de ilusão é um tema muito amplo que precisa de estudo; ele fornecerá pistas para entender os interesses das crianças em bolas de sabão e nuvens e arco-íris e todos os fenômenos misteriosos, e também seu interesse no macio, que é mais difícil de explicar *diretamente em termos de instintos*. Dentre eles, também, está o interesse na respiração, com a indecisão sobre sua origem interna ou externa, e que provê a base para a concepção de espírito, alma, anima (*opus cit.*, pág. 154).

O tema da ilusão desponta no percurso de consideração da adaptação à realidade, a realização. Winnicott aponta a dificuldade de compreender essa temática diretamente em termos de instinto. A indecisão da origem interna ou externa de determinados fenômenos, temática da ilusão, seria um empecilho para considerá-los na dimensão instintiva? A idéia de instintos implica numa nítida separação entre dentro e fora? Discutiremos essas questões em nossas considerações finais, em articulação com algumas idéias dos outros autores já apresentados.

Winnicott, após todo o percurso do artigo, olha para os primórdios do relacionamento entre um bebê e sua mãe. Trata, então, do momento em que o indivíduo está se tornando integrado e personalizado, com um bom começo em sua realização, mas ainda muito distante da condição de ser uma pessoa inteira consciente dos efeitos de seus pensamentos e ações sobre outra pessoa inteira. Fala de uma relação de objeto primária cruel (*ruthless*). Diz que essa relação inicial agressiva deve ser vivida com a mãe, o que aparece principalmente no brincar. Essa relação é vivida com a mãe pois ela seria a única pessoa disposta a tolerar esse tipo de relação que, mesmo na brincadeira, pode realmente machucá-la. Vale aqui apontar o sentido da 'sobrevivência do analista', como fator dinâmico necessário em algumas análises. Sem a possibilidade de viver esse tipo de relação resta apenas a possibilidade de esconder um self agressivo que ganharia vida apenas em estados dissociados. Estados agressivos dissociados que seriam comuns na infância, emergindo em certos tipos de delinquência, devendo também estar disponíveis na saúde.

Winnicott opõe a grande ameaça de desintegração à simples aceitação da não-integração primária. O medo da desintegração decorre do indivíduo ter alcançado a posição depressiva, sem se esquecer dos resultados de seus impulsos, da ação de seus

"pedaços de self" tais como uma boca que morde, olhos apunhalantes, berros cortantes e etc. "Desintegração significa abandonar-se aos impulsos, incontroláveis porque agindo por si mesmos; e, indo além, isto invoca a idéia dos impulsos similarmente incontroláveis (por que dissociados) dirigidos a ele"(WINNICOTT, 1945, pág. 155, tradução minha). Aqui o autor parece assumir as concepções Kleinianas acerca das relações objetais primárias, no caso a posição esquizo-paranóide. O que nos chama a atenção é que ele as assume após um longo percurso de discussão acerca do estado da não-integração primária e de todos os passos necessários para a possibilidade de uma relação com objetos. Nesse sentido é que a diferenciação entre não-integração primária e desintegração torna-se importante. Winnicott chama a atenção para uma fase que seria anterior às relações de objeto tais como descritas por Klein sem, entretanto, aderir a hipótese do narcisismo primário tal como elaborada por Freud. Ele assume a hipótese do narcisismo primário, mas a concebe de uma maneira peculiar que podemos aproximar da concepção de M. Balint acerca do amor primário. Isso será desenvolvido mais à frente, neste trabalho.

Em seguida, Winnicott discute a "retaliação primitiva", postulada como uma relação objetal primitiva, na qual o objeto age de um modo retaliatório. Ele fala dessa fase anterior a uma verdadeira relação com a realidade externa usando o conceito de retaliação primitiva como um consenso ("It is usual, I think"), demonstrando a presença óbvia de Klein como ponto de partida de seu pensamento. O mais interessante é a afirmação que se segue: "Neste caso, o objeto, ou o *ambiente*, faz parte do self tanto quanto o *instinto* que o reúne" (WINNICOTT, 1945, pág.155 tradução e grifos meus). Essa afirmação parece reunir tanto a idéia de uma *relação objetal primária* quanto a de *instintos voltados a si mesmo*, do narcisismo primário. A possibilidade desse pensamento estaria na concepção de um narcisismo primário que tem como unidade bebê-ambiente. Mais interessante ainda é a nota de rodapé que acompanha tal afirmação:

Isto é importante por causa de nosso relacionamento com a psicologia analítica de Jung. *Nós tentamos reduzir tudo ao instinto*, e a psicologia analítica reduz tudo a essa parte do self primitivo que se parece com o ambiente, mas que *emerge a partir do instinto* (arquétipos). Nós temos que modificar nossa visão para *abarcar as duas idéias* e ver, (se isto for verdade) que no estado primitivo teórico mais inicial o self tem seu próprio ambiente, auto-criado, que *é tanto o self quanto os instintos que o produzem*. Este é um tema que requer desenvolvimento (*opus cit.*, grifos e tradução minha).

Esta nota traz alguns elementos que nos ajudam a entender o pensamento de

Winnicott. Primeiro, sua inclusão no grupo que tenta reduzir tudo ao instinto. Talvez por pertencer ao grupo em que tudo era explicado em termos de instinto Winnicott busca a consideração de outros aspectos importantes do desenvolvimento como o papel do ambiente. O esforço de conciliação da dimensão do self com a dimensão instintiva, apresenta-se na discussão de rodapé de Winnicott, mas parece proporcionar-nos um vislumbre de seu pensamento psicanalítico. Apesar de ser considerado um teórico do self, cuja contribuição remete ao papel do ambiente e da transição indivíduo-ambiente, em suas fronteiras móveis, na constituição do psiquismo, não podemos deixar de considerar o pensamento de Winnicott emergindo da teoria dos instintos, principalmente em sua versão Kleiniana.

Porém, Winnicott entende que a teoria dos instintos não dá conta de explicar alguns fenômenos do desenvolvimento emocional primitivo. Apresenta o exemplo do chupar dedos. Acredita que esse tipo de atividade realizada pela criança não pode ser totalmente explicada como sendo uma atividade auto-erótica. A criança sente prazer ao chupar dedos, mas não é só isso. Ela também tem idéias prazerosas. Ela também pode expressar ódio, quando chupa os dedos tão vigorosamente, sendo capaz de ferir, seja os dedos, seja a boca. "Mas não é certo que todo o dano feito desse modo ao dedo ou boca é parte do ódio. Parece que há nisso o elemento de que algo deve sofrer se a criança está tendo prazer: o objeto do amor primitivo sofre por ser amado, além de ser odiado" (WINNOCOTT, 1945, pág. 155). O autor entende que essa mudança de amor em ódio surge, além do âmbito dos instintos, em razão da necessidade de preservar o objeto externo de interesse.

A mudança de interesse no mundo externo para o self pode advir da frustração do amor a um objeto externo. Nesse sentido, o chupar dedos é entendido como uma atividade que busca não apenas prazer, mas consolação. Winnicott afirma que esses fenômenos podem ser explicados considerando-se a ação neles envolvida como uma tentativa de localizar o objeto, mantendo-o a meio caminho entre dentro e fora. Ou ainda, como defesa contra a perda do objeto, seja interno ou externo, ou contra a perda de controle do objeto. Para finalizar este artigo, Winnicott conclui:

Cada punho chupado fornece uma útil dramatização do relacionamento de objeto primitivo no qual o objeto é tanto o indivíduo quanto o desejo pelo

objeto, porque é criado a partir do desejo, ou é alucinado, e no começo é independente da cooperação da realidade externa (WINNICOTT, 1945, pág. 156, tradução minha).

3.4 A TERCEIRA ÁREA

A compreensão de Winnicott sobre o desenvolvimento emocional primitivo desemboca na necessidade do enunciado de uma terceira área da vida dos seres humanos. A partir da compreensão psicanalítica de que existe, além do mundo externo, uma realidade psíquica, ou seja, o mundo interno do sujeito, Winnicott reivindica a existência de uma terceira região: uma área intermediária de experimentação, para qual contribuem tanto a realidade interna quanto a vida externa (WINNICOTT, 1951). A necessidade de considerar essa esfera de experiência acompanha a observação de certo uso de objetos observado em crianças, desde muito pequenas. Estamos falando dos objetos transicionais e dos fenômenos transicionais.

Trata-se de um estudo da substância da ilusão, daquilo que reside entre o subjetivo e o que é objetivamente percebido. Winnicott refere-se à mantinha e vários outros tipos de objeto de grande valor para a criança pequena. Aqueles objetos que a acompanham, principalmente na hora de dormir. Esses objetos são entendidos pelo autor como a "primeira possessão não-eu". A questão reside no paradoxo envolvido no uso desses objetos pelo bebê. Tais objetos são criados pela criança e, ao mesmo tempo, pertencem ao mundo externo. Não se trata apenas de um objeto substituto da mãe, no sentido de que evoca sua presença. O que importa é a realidade do próprio objeto, o que é atestado pela não aceitação da substituição do objeto transicional por um similar, por parte da criança. A riqueza trazida por esse conceito está justamente em supor uma natureza de objetos e fenômenos que não cabem nas categorias de objeto externo, nem de objeto interno: "O objeto transicional jamais está sob controle mágico, como o objeto interno, nem tampouco fora de controle, como a mãe real"(WINNICOTT, 1971, pág. 24). Para Winnicott, ele está entre o auto-erotismo da criança e uma verdadeira relação de objeto, entre a atividade criativa primária e a percepção objetiva baseada no teste da realidade, entre o desconhecimento primário de dívida e o reconhecimento desta.

A terceira área surge em algum ponto no começo do desenvolvimento de todo

indivíduo humano, um bebê, mediante os cuidados do ambiente, seja de sua mãe ou algum substituto. O impulso do bebê diante da tensão instintual originada por suas necessidades encontra um ambiente que proporciona a diminuição da tensão, sanando suas necessidades. Esse encontro dá ao bebê a ilusão de que existe uma realidade externa correspondente a sua própria capacidade de criar. Ocorre, dessa maneira, uma sobreposição entre o impulso do bebê e o que o ambiente supre. Este seria o primeiro estágio do uso da ilusão, ocorrendo bem no início do desenvolvimento, ou seja, desde o nascimento da criança. Alguns meses depois, esta área de ilusão inicial toma forma no objeto transicional, constituindo uma área neutra de experiência, que não será contestada como parte exclusiva nem do mundo interno, nem do mundo externo.

Importante ressaltar também o papel da desilusão, nesse processo. A frustração dos impulsos do bebê, pela incapacidade de uma correspondência total a suas necessidades, incide sobre a ilusão, indicando a tarefa de aceitação da realidade. Winnicott afirma que tal tarefa nunca é completada, pois o ser humano nunca está livre da tensão de relacionar as realidades interna e externa. O alívio dessa tensão é proporcionado na terceira área de experiência. Essa área intermediária constitui a maior parte da experiência do bebê, sendo mantida na vida adulta na fruição das atividades culturais. Assim, a arte, a religião, o trabalho científico criador, o viver imaginativo, ocorrem, para Winnicott, nessa área da experiência. A capacidade de um indivíduo ser infinitamente enriquecido pela exploração do vínculo cultural com o passado e com o futuro depende da aceitação e tolerância ao paradoxo dessa terceira área de experiência. O respeito pela experiência ilusória possibilita aos indivíduos se reunirem e formarem grupos com base na similaridade entre suas experiências ilusórias. Os fenômenos transicionais configuram, desse modo, uma área relacionada à possibilidade não apenas de saúde para o indivíduo, mas também para a constituição dos grupos humanos.

Importante observar este caminho que começa na ilusão inicial do bebê, desenvolvendo-se no uso de um objeto ou técnica transicional chegando aos estádios supremos da capacidade de um ser humano para a experiência cultural. Para Winnicott, os sutis desenvolvimentos desse caminho constituem o significado do brincar. A brincadeira surge no espaço potencial entre o bebê e a mãe. Um espaço que difere do mundo interno, relacionado à experiência psicossomática pessoal, e do mundo externo,

dos objetos que resistem aos impulsos do psicossoma. O espaço potencial é o "playground intermediário" que une o bebê à mãe, no ponto do tempo e espaço onde sua separação tem início. No espaço potencial, o bebê tem a experiência intrapsíquica de onipotência, ou seja, de controle mágico, quando a mãe se orienta no sentido de tornar concreto aquilo que o bebê está pronto a encontrar. Mas os objetos da realidade logo apresentam as arestas que ferem a experiência de onipotência. O objeto é então repudiado, mas a persistência da mãe em devolver ao bebê o que ele abandona permite a ele aceitar o objeto e, aos poucos, percebê-lo objetivamente. A própria mãe oscila entre ser o que o bebê tem capacidade de encontrar e ser ela mesma, com suas arestas. Winnicott fala dessa experiência como um casamento entre a onipotência dos processos intrapsíquicos e o controle que o bebê tem do real. O "playground" do espaço potencial, criado pela confiança na mãe, é onde a brincadeira começa.

A brincadeira é algo excitante primariamente, explica Winnicott, não porque os instintos se acham envolvidos. Ainda que o envolvimento instintual esteja implícito na brincadeira, para Winnicott o interesse no brincar reside na precariedade do inter-jogo entre a realidade psíquica pessoal e a experiência de controle de objetos reais. A importância do brincar está nessa precariedade:

É a precariedade da própria magia, magia que se origina na intimidade, num relacionamento que está sendo descoberto como digno de confiança. Para ser digno de confiança, o relacionamento é necessariamente motivado pelo amor da mãe, ou pelo seu amor-ódio, ou pela sua relação de objeto, não por formações reativas"(WINNICOTT, 1971, pág. 71).

Assim, a mãe é um caminho que se abre na realidade interna do bebê para o mundo dos objetos externos. Esse caminho constitui a terceira área da experiência, lugar onde o brincar é possível. Note-se que este caminho abre-se no solo da confiança, constituído pelos laços libidinais da mãe ou ambiente. Esses laços ligam a criança ao mundo real. Podemos entender que a ilusão de onipotência propiciada pelo amor da mãe à criança contribui para a constituição desse laço. Se não houver laço, pode haver o abandono de interesse no mundo real, num retraimento para o mundo interno. Teríamos, nesse caso, um estado autista. Ou ainda, a ausência de laço pode decorrer no abandono dos impulsos que brotam no mundo interno para uma adesão obediente à realidade, constituindo um falso self. Nesse caso, teríamos um processo de catalogação ao invés de

experiência da realidade, tal como no caso descrito no começo deste capítulo.

A constituição dos laços com a realidade depende, entretanto, não só da experiência de onipotência. Um outro tipo de experiência contribui para esse processo. Trata-se da possibilidade do uso do objeto. Winnicott entende que para usar o objeto, o sujeito precisa desenvolver a capacidade de colocá-lo fora de sua área de onipotência. Isso significa, do ponto de vista do sujeito, destruir o objeto. Porém, o objeto sobrevive a essa destruição, conferindo seu valor de existência para o sujeito. A destruição do objeto e sua sobrevivência inicia a vida do sujeito no mundo dos objetos reais. Agora o sujeito é capaz de usar o objeto que sobreviveu. Um objeto que adquiriu autonomia e vida própria. Assim temos objetos em processo de serem destruídos porque são reais e, ao mesmo tempo, se tornando reais por terem sido destruídos. Tem início a fantasia para o indivíduo. O sujeito pode então notar os objetos cuja existência não mais é motivada por ele. O contraste entre a realidade da sobrevivência e a destruição na fantasia, cria a externalidade do objeto para o sujeito. Desse modo, Winnicott entende que a agressividade não surge como reação do sujeito ao encontro com o princípio de realidade. Pelo contrário, é o impulso destrutivo que cria a qualidade da externalidade. Mas para que isso ocorra, é imprescindível a sobrevivência e não retaliação por parte do objeto. Por isso se fazem necessárias condições favoráveis do ambiente para que o impulso destrutivo desempenhe seu papel na criação da realidade. A sobrevivência do objeto na realidade possibilita que ele esteja sempre sendo destruído na fantasia. Essa qualidade de estar sempre sendo destruído, para Winnicott, torna a realidade do objeto sobrevivente sentida como tal, fortalecendo o tom de sentimento e contribuindo para a constância objetal.

O estudo desse problema envolve um enunciado do valor positivo da destrutividade. Esta, mais a sobrevivência do objeto à destruição, coloca este último fora da área de objetos criados pelos mecanismos psíquicos projetivos do sujeito. Dessa maneira, cria-se um mundo de realidade compartilhada que o sujeito pode usar e que pode retroalimentar a substância diferente-de-mim dentro do sujeito. (WINNICOTT, 1965-1959, pág.131)

A constituição do laço com a realidade, na terceira área, entretanto, não é toda a história. Winnicott entende que segue-se a essa experiência o estágio em que a criança é capaz de ficar só, na presença de outros. A criança pode brincar sozinha e não precisa

mais da ponte imediata da mãe. Ela precisa da mãe enquanto presença disponível quando lembrada. A criança entrega-se à brincadeira, desde que a pessoa a quem ama e que, portanto, é digna de confiança forneça-lhe a segurança de que estará lá, às margens da brincadeira. A mãe, enquanto margem, pode também incluir elementos na brincadeira. Sua possível participação ativa, inclusive, como um ser independente, pode indicar à criança a possibilidade de ampliação dessa área. A criança, aos poucos, vai ficando pronta para encontrar outras áreas de brincadeira. Ela foi capaz de constituir sua própria área para o brincar. Agora ela poderá sobrepor essa área com a de outras crianças, permitindo a entrada de novas idéias que não lhe são próprias. Isso promove uma possibilidade de ampliação infinita. Esse processo de ampliação constituirá a cultura humana e sua fruição.

A importância do brincar está em possibilitar a comunicação entre indivíduos. A comunicação, para Winnicott, só é possível no brincar. Isso pode ser entendido no sentido de que é apenas nessa área intermediária que as trocas são possíveis, já que nela está envolvida tanto a realidade interna do indivíduo quanto o mundo externo. É nessa área que o mundo interno do sujeito encontra passagem, podendo encontrar-se com a realidade externa mesclada a mundos internos de outros sujeitos. A descoberta do eu liga-se a esse processo. Winnicott entende que é apenas sendo criativo que o indivíduo descobre seu eu, sendo a área do brincar condição de possibilidade para criatividade.

A experiência de atividade criativa, física e mental, manifesta-se na brincadeira. A brincadeira depende de um estado não-intencional: "uma espécie de tiquetaquear, digamos assim, da personalidade não integrada"(WINNICOTT, 1971, pág. 81). Por isso precisa partir de um ambiente de repouso, um estado de relaxamento em condições de confiança baseada na experiência. Winnicott afirma que a soma dessas experiências forma a base do sentimento do eu. Esta soma ou reverberação depende de que o indivíduo possa ter refletida de volta sua expressão. Assim, depende da função de reconhecimento do ambiente. No desenvolvimento da criança a mãe pode cumprir essa função, assim como posteriormente os amigos ou terapeuta o fazem. Tendo sua comunicação refletida de volta, num ambiente de confiança, o indivíduo pode "reunir-se e existir como unidade, não como defesa contra a ansiedade, mas como expressão do EU SOU, eu estou vivo, eu sou eu mesmo"(opus cit., pág.83)

A experiência do si mesmo, enquanto expressão de vida, ocorre na terceira área, no espaço que liga e separa o mundo interno do sujeito ao mundo externo. A possibilidade do uso desse espaço depende das experiências de vida dos estádios primitivos da existência do sujeito. A terceira área da vida de um ser humano acontece apenas em relação a um sentimento de confiança que depende da fidedignidade da figura materna ou dos elementos ambientais. Se isso não foi possível no início do desenvolvimento, temos um sujeito que não se sente vivo. Winnicott aponta a importância do estudo dessa terceira área para a compreensão sobre o que versa a vida.

Os pacientes psicóticos que pairam permanentemente entre o viver e o não viver, forçam-nos a encarar esse problema, problema que realmente é próprio *não dos psiconeuróticos, mas de todos os seres humanos*. Afirmo que esses mesmos fenômenos, que constituem vida e morte para nossos pacientes esquizóides, ou fronteirços, aparecem em nossas experiências culturais. São essas experiências que fornecem a continuidade da raça humana que transcende a existência pessoal (WINNICOTT, 1971, pág. 139).

Portanto, podemos entender que a ausência de vida na experiência de alguns pacientes remete à questão da constituição do self. Constituição que possibilita a passagem do mundo interno ao mundo externo, na criação de uma terceira região. Região onde o paradoxo é possível, a brincadeira é possível e a vida faz sentido, tendo lugar de onde se pode versar. Nesse sentido, a fruição e contribuição do indivíduo para o fundo comum da humanidade, que podemos chamar de cultura, depende de um lugar de experimentação que não está nem dentro nem fora do indivíduo. A resposta à pergunta sobre que lugar é esse, segundo Winnicott, foi-lhe ensinada por seus pacientes, especialmente quando regressivos e dependentes (*opus cit.*, pág. 134).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estamos chegando ao fim de nosso percurso. O estudo da regressão encontrou pelo caminho companheiros tão valiosos que expandiram o horizonte da pesquisa: Ferenczi, Balint e Winnicott. A busca da compreensão do fenômeno da regressão levou-nos pelos caminhos do desenvolvimento, em sentido inverso. Assim chegamos às concepções sobre a origem do desenvolvimento nos três autores. Nosso percurso, entretanto, não se afastou da clínica, já que nossos companheiros são psicanalistas. Suas reflexões sempre partem da experiência clínica e a ela retornam, invariavelmente. Para que possamos, finalmente, considerar a contribuição de cada um deles para o estudo da regressão e também a minha, fazendo-os conversar, teremos três momentos. No primeiro, enfocamos de maneira geral as aproximações e afastamentos entre Ferenczi, Balint e Winnicott. No segundo momento, tratamos a articulação entre os autores enfocando mais especificamente suas concepções sobre a regressão. Então, proponho um esboço de articulação dessas concepções, a partir dos elementos reunidos. No terceiro momento, concluo a pesquisa, entendendo o fim não como um limite, mas como passagem, indicando um caminho que se abre para a consideração dos fenômenos regressivos na experiência estética, para uma possível pesquisa na área intermediária entre psicanálise e arte.

4.1 APROXIMAÇÕES E AFASTAMENTOS ENTRE FERENCZI, BALINT E WINNICOTT

Vemos emergir entre esses três psicanalistas-pensadores uma sinergia de concepções que ampliam o escopo da técnica psicanalítica. A consideração do fenômeno da regressão ocupa importante papel nesse processo. Pensamos que a semelhança entre eles nasce na clínica, na maneira como entendiam a relação analítica. Um modo de operar sustentado por uma visão de mundo comum em alguns aspectos. Porém, algumas diferenças marcam o pensamento de cada um deles. Entendemos que tais diferenças são, entretanto, mais terminológicas do que práticas, pois nosso estudo dos três autores levou-nos a supor uma atitude clínica muito afim entre eles.

Os três estavam abertos às comunicações de seus pacientes que não encontravam

expressão em palavras. Nesse sentido, a compreensão acerca das atuações ou "acting out" encontra aproximação entre os autores. Para Ferenczi, a atuação pode favorecer que compulsão à repetição se transforme em recordação, no processo de liquidação do trauma. Isso porque entende que a comunicação em palavras nem sempre está apta a produzir reações afetivas. Para Ferenczi, os pacientes devem *viver* algo análogo à situação traumática na atualidade da sessão analítica para darem-se conta da dimensão de sua realidade até então inconsciente. O efeito traumático de situações do passado só pode ser liquidado a partir de uma experiência atual.

Em Winnicott, temos uma compreensão muito semelhante a de Ferenczi. Ele entende o acting out como uma via pela qual o paciente tem acesso a marcas traumáticas. O acting out pode tornar uma marca em experiência atual, possibilitando sua elaboração. Convido o leitor a rever as citações de Ferenczi e Winnicott, presentes nas pág. 30 e 81/82 do capítulo I e III respectivamente. A semelhança é muito grande. O paciente não pode lembrar-se de algo que não foi sentido e, portanto, não aconteceu. O acting out ou atuação pode ser entendido, dessa maneira, como uma manifestação regressiva que pode se transformar em uma experiência mutativa, mediante a compreensão do analista.

Em Balint, temos um exemplo que ilustra, em concordância com Ferenczi e Winnicott, o status mutativo que uma atuação pode adquirir. Trata-se de uma paciente cuja principal queixa era a incapacidade de concluir alguma coisa. Durante a análise, gradualmente, surgiu que essa incapacidade estava ligada a um temor de incerteza, sempre que tivesse que correr algum risco ou tomar uma decisão. A certa altura do processo, cerca de dois anos de análise, tal conexão ia ganhando sentido para a paciente. A partir da interpretação de que a coisa mais importante para ela era manter a cabeça seguramente erguida, com os pés firmemente plantados no chão, a paciente menciona que nunca fora capaz de fazer uma cambalhota, embora o tivesse tentado desesperadamente, durante sua infância. Balint pergunta: "E agora?", ao que ela responde com uma cambalhota. Isso provou ser uma verdadeira ruptura. Muitas mudanças em sua vida emocional, social e profissional se seguiram. Poderíamos entender a cambalhota como o ato inaugural de um novo começo. Para Balint, não há dúvida de que a cambalhota foi uma atuação, porém, entendida como uma forma de regressão benéfica durante o tratamento analítico. Esta ilustração, entretanto, traz-nos um exemplo de uma ação

deliberada, consciente, que traduz o empenho da paciente em modificar-se. As atuações inconscientes, relacionadas a padrões de comportamento não percebidos pelo paciente são também consideradas por Balint como meios que levam da repetição à recordação. Acredita que se o objetivo do trabalho analítico consiste em deixar o paciente se lembrar, então é necessário permitir a ele algumas formas de atuação. Porque na atuação o paciente expressa mais facilmente as estruturas de comportamento de que não está consciente.

O paciente se comporta como ele realmente é, não podendo ser de outra maneira. Sua ação no *setting* analítico vai configurar uma atuação ou acting out através do analista. A especificidade da situação analítica configura-se na maneira do analista se relacionar com o paciente e pelo enquadre estabelecido. Nesse sentido, podemos apontar nos três autores o entendimento de ações no *setting*, incluindo a atuação e o acting out, como uma forma de comunicação do paciente. Isso decorre possivelmente de uma concepção teórica que privilegia os estados iniciais do psiquismo, em que palavra ainda não é o instrumento fundamental para o relacionamento humano. Seja pelo tipo de paciente que encontraram em seus percursos, seja pela compreensão acerca da etiologia das perturbações psíquicas, a dimensão primitiva, pré-verbal, pré-reflexiva, pré-edípica, está em foco nesses autores. Não pretendemos, entretanto, explicar o motivo dessa dimensão ser o foco desses autores. Partimos dessa constatação e trabalharemos algumas nuances que ela ganha nas compreensões de Ferenczi, Balint e Winnicott.

A origem do psiquismo guarda semelhanças nas concepções dos três autores. Temos a completude do estado intra-uterino, matriz do desenvolvimento psíquico, para Ferenczi. Temos a mistura harmoniosa interpenetrante, em Balint. Temos a dependência absoluta para Winnicott. Estados considerados de forma semelhante que, entretanto guardam algumas diferenças. Ferenczi aponta o estado de origem como uma referência de repouso que é perseguida pelo desejo do sujeito, configurando uma tendência regressiva permanente no ser humano. Por outro lado, o desenvolvimento da genitalidade, enquanto paralelo psicosssexual do princípio da realidade no desenvolvimento humano, possibilitaria a realização desse desejo. Balint considera a mistura harmoniosa interpenetrante do amor primário como estado original que terá um fim inevitável. A desfiguração desse estado pode gerar uma falha básica na

personalidade, configurando os tipos onofílico e filobático de relação objetal primitiva. De qualquer maneira, a realidade, com o tempo põe fim ao estado inicial, tendo como reação no indivíduo a emergência da agressividade. Winnicott parte da consideração da dependência absoluta do bebê. Um estado primitivo em que a participação do ambiente deve ser levada em conta na consideração da constituição psíquica. A ilusão inicial do bebê, propiciada pelo ambiente, de que ele cria a realidade é elemento fundamental para o desenvolvimento, juntamente com o impulso destrutivo da criança que confere a prova de realidade externa do mundo.

Com relação à concepção sobre a destrutividade, poderíamos dizer que Ferenczi e Winnicott se aproximam, enquanto Balint se afasta. Ferenczi e Winnicott entendem que a agressividade é parte intrínseca do desenvolvimento. Para Ferenczi, o impulso destrutivo seria instrumento a favor da tendência de retorno ao estado original:

A criança desenvolveu instrumentos de mastigação e tudo se passa como se, com a ajuda deles, quisesse propriamente devorar a mãe bem-amada que, por fim, se encontra na obrigação de a desmamar. Penso que esse canibalismo não serve apenas ao instinto de autoconservação e que os dentes são, ao mesmo tempo, armas a serviço de uma tendência libidinal, instrumentos com a ajuda dos quais a criança procura penetrar no corpo da mãe (FERENCZI, 1924, pág.28).

Também para Winnicott a destrutividade seria intrínseca ao desenvolvimento: "O ponto crucial de meu argumento é que a primeira pulsão é, ela própria, *uma* coisa só, algo que chamo de *destruição*, mas poderia ter chamado de pulsão combinada amor-conflito. Esta unidade é primária. É isto que surge no bebê pelo processo maturacionl natural" (WINNICOTT, 1965-1969, pág. 190). Um aspecto importante do pensamento do autor é que o destino desta unidade de pulsão depende do meio ambiente. Se o objeto sobrevive ao impulso destrutivo da criança, ele ganha a qualidade de real, em contraste com o pano de fundo de fantasia. Desse modo, a agressividade ajuda a criar a realidade, conduzindo ao uso do objeto. Se, ao contrário, o objeto reage ao impulso destrutivo da criança, o impulso é que ganha realidade, possivelmente trazendo como consequência a repressão da agressividade e a impossibilidade de relacionar-se de forma real com um objeto externo. Para Balint, diferentemente, a agressividade surge como reação ao princípio da realidade, sendo elemento extrínseco ao indivíduo. A agressividade não é entendida como um fenômeno primário, mas como decorrência das frustrações que a realidade impõe às

demandas da criança.

Percebemos que a compreensão da dimensão primitiva do psiquismo nos três autores é marcada por uma característica comum: a consideração da importância do ambiente. Em Ferenczi, temos a consideração do período de vida passado dentro do corpo da mãe - situação intra-uterina do bebê - como estado original de repouso, em que nenhuma necessidade afetava o bebê imerso no ambiente plenamente provedor. Este é o ponto de partida do desenvolvimento psíquico para o autor, na afirmação do amor objetal passivo como primeiro tipo de relação. Uma relação que depende da participação ativa do ambiente para se configurar enquanto tal. Em Balint, temos o desenvolvimento das idéias de Ferenczi acerca da relação objetal passiva na hipótese do amor primário. Esta hipótese afirma a importância da interdependência mãe-bebê para na constituição dos indivíduos, afirmando que “o estado primário só é possível na forma da unidade mãe-bebê” (BALINT, 1937, pág.105). Isso atesta a compreensão da importância do ambiente para que o psiquismo venha a se formar. Winnicott radicaliza essa compreensão afirmando que “não existe tal coisa como um bebê”. Não apenas dá relevo a participação do ambiente no desenvolvimento primitivo, mas inclui o ambiente no modo de ser do bebê. A radicalização da importância do ambiente é alcançada pelo autor através de sua tática de assumir o ponto de vista do bebê não diferenciado do ambiente. Isso abre as portas para o paradoxo como forma de compreender vários aspectos do psiquismo humano, o que uma compreensão do ponto de vista de um indivíduo constituído não possibilita.

Porém, a compreensão de Winnicott acerca do desenvolvimento primitivo não tem como foco a consideração do aspecto pulsional, se afastando das compreensões de Ferenczi e Balint. Uma das questões que levantamos no capítulo III foi que Winnicott reclama a necessidade de consideração do ambiente, acentuando a compreensão do desenvolvimento do ego e da dependência, em detrimento da dimensão pulsional. Ele entende que a teoria do desenvolvimento dos instintos não leva em consideração o papel do ambiente. Parece que, para ele, a idéia de instintos implica numa nítida separação entre dentro e fora. Entendemos que essa concepção provém da idéia do narcisismo primário como origem do psiquismo, supondo instintos restritos a si mesmos. Como considera imprescindível levar em conta a adaptação ambiental às necessidades do bebê, Winnicott considera válida a hipótese do narcisismo primário, desde que entendendo-o

como um estado que inclui o ambiente em seu modo de ser. Acredita que a teoria dos instintos não leva em conta a participação do ambiente nesse estado, encontrando como alternativa privilegiar o desenvolvimento do ego e o estado de dependência. Com isso, retira o foco da dimensão instintiva na sua consideração do narcisismo primário e dos estados iniciais do desenvolvimento. Considerando esse fator, no capítulo III fizemos uma leitura de Winnicott sobre o desenvolvimento emocional primitivo enfocando justamente a dimensão preterida por ele.

Entendemos que Ferenczi abriu caminho para a consideração da possibilidade de pensar a dimensão pulsional nos estados iniciais do desenvolvimento psíquico sem afirmar uma separação nítida entre interno e externo. Essa possibilidade apresenta-se mais explicitamente no seu último artigo *Confusão de línguas entre os adultos e a criança*, na consideração da dimensão traumática dessa mistura libidinal. Entendemos que trata-se de um diálogo de pulsões que falam idiomas diferentes na criança e nos adultos, resultando numa confusão para a criança, no âmbito das quantidades, dos limites entre o vem dela e o que é do mundo. Se a necessidade infantil da ternura é respondida pelos adultos na linguagem da paixão, temos um trauma. Assim, a confusão de línguas entre os adultos e a criança seria a fonte de inúmeros traumas infantis. Podemos encontrar elementos que compõem esta idéia já em artigos anteriores. Ferenczi chega a afirmar sua tentativa de "conceder, junto ao complexo de Édipo das crianças, *uma importância maior à tendência incestuosa dos adultos, recalcada sob a máscara de ternura*" (FERENCZI, 1930, pág. 329).

Balint desenvolveu a idéia de Ferenczi acerca da confusão de línguas, sustentando-a sobre a diferenciação entre a sexualidade infantil e a sexualidade adulta. Resgata em Freud a diferenciação entre pré-prazer e prazer final, para configurar as formas específicas que os instintos tomam na criança e no adulto. As figuras das deidades gregas Eros e Afrodite são usadas como símbolos que suplementam essa compreensão, como vimos no capítulo II. A modalidade do prazer final é configurada por Balint contando com aproximações à compreensão freudiana do *Além do princípio do prazer* sobre o modo de funcionamento do organismo diante de estímulos excessivamente fortes. Isso apontaria uma possível interpretação do prazer final como uma modalidade que funciona além do princípio da busca de prazer, na busca da liberação de tensões pelo

organismo que procura um estado de repouso. O prazer final, para Balint, envolve elementos tóxicos que impelem o organismo à descarga. Envolve também uma localização intermediária entre estímulo instintivo genuinamente somático e o mundo externo. Nesse sentido, poderíamos entender que o prazer final depende do mundo externo para se configurar, envolvendo uma dimensão traumática para o indivíduo.

As idéias de Balint sobre a etiologia de algumas estruturas clínicas baseiam-se na compreensão do trauma por Ferenczi como a confusão de línguas entre os adultos e a criança. Nesse sentido, apontamos no capítulo II a suposição de que o trauma poderia ser entendido a partir de Balint como a introdução precoce da modalidade do prazer final na experiência infantil. Isso impossibilitaria o exercício do pré-prazer na infância, gerando perturbações para o desenvolvimento instintivo do indivíduo. Na vida adulta, teríamos como decorrência a impossibilidade das duas formas de viver o prazer, configurando a experiência de um indivíduo cuja vida é sem sentido, visto que é incapaz de sentir prazer em coisa alguma, de maneira nenhuma.

Outro elemento que atesta a consideração do ambiente na concepção de Balint sobre o desenvolvimento instintivo é a discussão acerca das fases pré-genitais da libido. Essa discussão foi apresentada no capítulo II, sendo importante ressaltar que, para Balint, as fases do desenvolvimento libidinal não decorrem unicamente de uma dominância guiada pela maturação instintiva das zonas erógenas. Ele ressalta a importância dos métodos de educação da criança que engendram formas de relação que acompanham o desenvolvimento dos instintos.

Uma interessante articulação poderia ser feita entre a modalidade do pré-prazer, tal como configurada por Balint, e as concepções acerca da terceira área reivindicada por Winnicott. Temos a clareza de que quando Winnicott fala da terceira área ele trata de uma dimensão fora do domínio dos instintos. Porém, entendemos que sua exclusão da dimensão instintiva na consideração da terceira área provém de sua visão de que a concepção do desenvolvimento instintivo implica uma cisão entre interno e externo. Nesse sentido, entendemos que a aproximação entre a terceira área e a modalidade do pré-prazer seria um ganho para a psicanálise e não uma articulação fora de propósito.

Segundo Balint, a modalidade do pré-prazer está presente desde o nascimento persistindo até a morte. Está sempre pronto a funcionar, num mecanismo relativamente

simples que não depende de nenhum órgão específico, pois está ligado a diversas funções somáticas: "brota continuamente e está inseparavelmente conectado com todas as funções somáticas (p. ex. nutrição, digestão, excreção, senso-percepção, atividade muscular). Então é provavelmente uma das funções primordiais de nosso corpo, o soma" (BALINT, 1936, pág. 81). A expressão do pré-prazer não se distingue entre os sexos. Sua fruição não possui um fim demarcado, pertencendo ao campo da *brincadeira*. Sua satisfação traduz-se numa sensação de bem-estar calmo e tranqüilo. Porém, pode-se tornar em perversão, vertendo-se em incremento ao caminho do prazer final.

Essa modalidade poderia ser considerada o tipo de prazer envolvido na terceira área, tal como descrita por Winnicott. A terceira área que se inicia na ilusão inicial do bebê, desenvolvendo-se no uso dos objetos transicionais, chegando à possibilidade de fruição e criação cultural. Nesse sentido, a modalidade do pré-prazer estaria implícita no interjogo entre a realidade interna e externa, desenvolvido nessa dimensão. Teríamos a precariedade do limite interno/externo configurando-se na passagem fluida entre essas dimensões da experiência, traduzindo-se numa sensação de bem-estar calmo e tranqüilo, que lembra o estado de repouso. Porém, essa situação depende de um *ambiente* que possibilita um relacionamento tranqüilo, não excitado (ver WINNICOTT, 1971, pág.120). Este é um ponto importante. Como as fronteiras do mundo interno com o mundo externo estão num estado rarefeito, constituindo a terceira área, seja no início do desenvolvimento do bebê, seja nos momentos da fruição estética, o estado do ambiente terá uma importância decisiva. Nas considerações de Ferenczi e nos desenvolvimentos de Balint, temos a descrição de um ambiente intrusivo que faz da confusão de línguas uma experiência traumática. Na descrição de Winnicott temos a descrição de um ambiente suficientemente bom, que possibilita que o estado de rarefação das fronteiras torne-se em ato criativo.

Resumindo nossa articulação, temos um estado inicial de rarefação das fronteiras interno/ externo, operando no nível do pré-prazer, num estado que precede a constituição do indivíduo, a que este pode retornar em processos regressivos. No estado inicial esta mistura pode ocorrer em circunstâncias diversas. Uma delas é um ambiente intrusivo que configura uma situação traumática, tendo o estado de confusão um valor negativo para o desenvolvimento psíquico do indivíduo. Considerando a modalidade dos instintos,

teríamos um ambiente que inclui sua toxidade libidinal na fruição somática da criança, impelindo que a modalidade do pré-prazer verta-se em incremento para o desenvolvimento precoce da experiência do prazer final. Trata-se de uma presença excessiva do outro.

Outra circunstância é um ambiente acolhedor não intrusivo, constituindo espaço para a criatividade primária. Trata-se de uma suficiente presença do outro. Nesse caso, o estado de confusão tem seu valor positivo para o desenvolvimento psíquico do indivíduo, pois inclui um ambiente relaxado em seu modo de ser. Um ambiente que sustenta o desenvolvimento da ilusão inicial do bebê. Em termos de instintos, temos a possibilidade de exercício da modalidade do pré-prazer, traduzido na sensação de um bem-estar tranqüilo e calmo. O exercício do pré-prazer possibilita o desenvolvimento instintivo do indivíduo, culminando na possibilidade da genitalidade plena, mediante uma incursão na modalidade do prazer final no seu devido tempo.

Uma terceira circunstância possível é um ambiente ausente, cujo efeito é o oposto ao do ambiente intrusivo. O estado de confusão não pode contar com a participação do ambiente: o indivíduo não pode enriquecer-se com os elementos externos. A ilusão inicial do bebê não encontra sustentação, caindo no vazio. Desse modo, o destino da confusão é habitar o mundo interno da criança que não encontrou passagem, deparando-se com a realidade externa como limite. Na dimensão instintiva, o pré-prazer não pode ser desfrutado, ficando seu desenvolvimento saudável inibido. O indivíduo não encontra o caminho para se render ao prazer, não sabe o que é vida. Trata-se de uma ausência do outro.

Nessa linha que vai de um ambiente cuja presença é excessiva à ausência de um ambiente sustentador, teríamos infinitos graus de presença configurando infinitas possibilidades de experiências com o mundo. Poderíamos supor que a prevalência de certas situações no desenvolvimento inicial constitui determinadas formas de relacionar-se com o mundo e de experimentar o prazer peculiares a cada indivíduo, variando entre os extremos. Nesse sentido, a clínica vem em socorro daqueles que não se relacionam com o mundo de uma maneira satisfatória. A situação analítica possibilitará a oportunidade de um novo começo, a busca do verdadeiro self, a liquidação dos traumas infantis, para Balint, Winnicott e Ferenczi, respectivamente. Os três entendem tratar-se de

uma problemática referente a uma dimensão em que o ambiente é de fundamental importância. Ambiente que, na clínica, traduz-se principalmente na atitude do analista. A constituição de uma relação de confiança parece ser o principal elemento nessa linhagem da psicanálise.

Para Ferenczi (1933) a confiança é algo que estabelece o contraste entre o presente e um passado insuportável e traumático, contraste indispensável para que o passado seja revivido, abandonando o status de reprodução alucinatória e adquirindo a textura de uma lembrança objetiva. Isso porque Ferenczi acredita que perturbações no desenvolvimento psíquico são fruto da qualidade traumática de conflitos e transtornos com o mundo exterior. Diante do trauma, a primeira forma de defesa é uma ruptura com a realidade. O choque produz uma dissociação da personalidade, sendo que uma parte separada "sobrevive secretamente e se esforça constantemente em se manifestar sem achar outra saída que não, por exemplo, os sintomas neuróticos" (FERENCZI, 1930, pág. 329). A reunificação do fragmento traumatizado com a parte intelectual da pessoa é possível mediante um longo e delicado percurso que conta com a paciência e compreensão do analista para lidar com aquilo que é primitivo, sensível e intelectualmente paralisado no paciente (FERENCZI, 1932, pág.99). É apenas num ambiente de confiança que aquilo que habita profundezas primitivas pode se arriscar à luz do dia. Nesse processo, a autêntica simpatia do analista e a possibilidade de admitir seus próprios erros valem a confiança do paciente. Essa compreensão de Ferenczi sobre o trabalho analítico encontra semelhança nas compreensões de Winnicott sobre verdadeiro e falso self assim como nas considerações de Balint sobre o trabalho na dimensão da falha básica. Poderíamos reunir esses parentescos na afirmação de um estilo clínico comum a esses três psicanalistas.

4.2 CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE A REGRESSÃO EM FERENCZI, BALINT E WINNICOTT

Tecidos alguns fios que ligam as concepções de Ferenczi, Winnicott e Balint, ainda que tenhamos deixado muitas linhas soltas, vemos configurar a rede que sustenta um estilo clínico. Um estilo marcado pela aceitação do analista de sua presença na

análise. Nesse contexto é que os fenômenos regressivos adquirem seu potencial terapêutico. A regressão conta com a presença do analista, mediante uma abordagem teórica que inclui o ambiente na consideração dos estados mentais primordiais.

No pólo teórico temos a concepção de regressão por Ferenczi como ícone de uma tendência da vida que carrega múltiplas significações, extrapolando inclusive o âmbito do indivíduo humano, na suposição de um conhecimento filogenético inconsciente (ver capítulo I). A regressão agrega o sentido de prazer e angústia, tensão e alívio, articulados numa pluritemporalidade de presente e passado que mescla repetição e inauguração. A teoria da genitalidade articula o sentido da regressão como uma tendência que busca um estado de repouso originário a uma função "progressiva" para o equilíbrio libidinal do organismo. Trata-se de um processo impregnado de prazer, mas também carregado de angústia, que, ao final, atinge o repouso. O estado de repouso da situação intra-uterina decorre na angústia do nascimento. Esta, porém, é sucedida pela sobrevivência ao nascimento e a alegria de estar vivo. Dessa forma, a regressão agrega a polaridade de sentidos do processo de repouso-tensão-relaxamento, presente em nossa origem.

Dando alguns passos no plano teórico em direção à prática clínica, temos a compreensão da regressão em Balint e Winnicott. Ambos debruçam-se no fenômeno regressivo a partir de sua prática clínica, sem se preocuparem com a inserção de suas proposições no âmbito de uma metapsicologia geral. Em Winnicott temos a compreensão da regressão no *setting* analítico como regressão à dependência. A tendência regressiva que possui potencial terapêutico faz parte da estrutura falso-self. Uma organização defensiva que se desenvolveu a partir da dissociação da personalidade num período muito primitivo. A cisão entre verdadeiro e falso-self se dá quando os cuidados ambientais, que compõem o si-mesmo na origem do desenvolvimento, não são suficientemente bons. Nesse caso, o falso self se desenvolve a partir da ativação de um aparato mental descolado do psicossoma para "cobrir" a função do ambiente não suficientemente bom. A presença de uma tendência à regressão na estrutura falso-self seria a esperança da possibilidade de resgate do verdadeiro self, mediante um ambiente provedor. Para tanto, a regressão à dependência se torna necessária. É apenas na situação de dependência que o ambiente pode ser incluído novamente no modo de ser do indivíduo. Essa inclusão possibilita a sustentação necessária para a integração do

indivíduo e a constituição de um psiquismo baseado numa elaboração imaginativa integrada ao psicossoma, que havia sido encoberta por um funcionamento mental que cataloga a realidade, ao invés de experimentá-la criativamente.

Em Balint, temos a proposição da compreensão da regressão como maligna e benigna, referindo-se à regressão em busca de gratificação e regressão em busca de reconhecimento, respectivamente. No capítulo II, propusemos uma articulação dos tipos de regressão às modalidades de operação da libido, também propostas pelo autor. Nesse sentido, apresentamos um diagrama esquemático que localiza os tipos de regressão descritas por Balint, segundo a modalidade de operação da libido, levando em conta o período do desenvolvimento do psiquismo. Trata-se de um esquema, e, como tal, não considera a infinidade de estados intermediários, ainda que os possamos supor.

Operação da pulsão	período de desenvolvimento	tipo de fenômeno clínico	tipo de fenômeno do desenvolvimento
Busca de ligação (pré-prazer)	Anterior a constituição do Ego	Regressão por reconhecimento/ Regressão à dependência	Ilusão de Onipotência
	Posterior a constituição do Ego	Transferência	
Busca de desligamento (prazer final)	Anterior a constituição do Ego	Revivência do trauma	Destruição do objeto/ capacidade de ficar só
	Posterior a constituição do Ego	Regressão por gratificação	

DIAGRAMA - 1

Esse diagrama ajuda-nos a visualizar o que ganhamos com a articulação entre as modalidades de operação da pulsão e os tipos de regressão. Nessa articulação temos que considerar o período do desenvolvimento em questão, pois temos tipos de regressão diversos não apenas referentes à modalidade de operação da pulsão, mas dependendo do estágio de constituição do ego em que se situa a problemática do paciente. Assim, temos a busca de ligação, na modalidade do pré-prazer, configurando uma regressão por reconhecimento ou regressão à dependência em pacientes cujas questões referem-se a

processos anteriores ou contemporâneos à constituição egóica. A busca de ligação, em pacientes cujas questões situam-se no período após a constituição do ego, configuraria a possibilidade do amor de transferência, típico da análise freudiana clássica.

A busca de desligamento, que opera na modalidade do prazer final, quando ocorre no período anterior à constituição egóica, pode significar a reação a uma situação traumática. Na análise, isso corresponderia a revivência do trauma. Dependendo da atmosfera analítica, teremos a elaboração ou liquidação deste trauma, ou então seu destino será a soma de mais um trauma na vida do paciente. A busca de desligamento que ocorre num paciente cujas questões não pertencem ao âmbito da constituição egóica, correspondendo provavelmente a uma problemática edípica, configura a regressão por gratificação. Acredito que este é o tipo de regressão tal como descrita por Freud, terreno das demandas insaciáveis e urgências pulsionais. Ainda que certas demandas do paciente possam parecer um movimento de ligação da pulsão, pensamos tratar-se de uma busca de incremento ao invés de uma verdadeira ligação. A busca de incremento teria como objetivo final o desligamento, a liberação da tensão e, nesse sentido, a busca de gratificação. Um prazer que não decorre de uma ligação ao outro, mas de uma evacuação das tensões, tendo o outro como ferramenta.

Incluimos também alguns fenômenos descritos por Winnicott em nosso diagrama, pois pensamos que localizá-los em termos da modalidade da pulsão operante, ajuda-nos a compreendê-los. Os dois processos de que depende uma relação verdadeira com a realidade, no processo de constituição do si-mesmo, para Winnicott, são a ilusão de onipotência e a destruição do objeto (ver capítulo III). Através deles o indivíduo pode relacionar-se criativamente com o mundo. Entendemos que a ilusão de onipotência é possível no movimento de ligação da pulsão que encontra um ambiente que lhe sirva de apoio. A destruição do objeto, por outro lado, seria uma força de desligamento que atinge o objeto. Se este sobrevive, sua externalidade é garantida, possibilitando seu uso. A busca de desligamento pode significar também o desenvolvimento da capacidade de estar só, no processo de constituição do ego, num afastamento saudável do mundo externo em direção à experiência da solidão essencial do ser humano.

4.3 PROCESSOS REGRESSIVOS: DO SONHO À CRIAÇÃO

Outro aspecto que gostaríamos de considerar é a regressão enquanto processo que ocorre nos seres humanos em geral, a ser considerado na vida de todos, seja na clínica ou fora dela. Vale lembrar que a primeira aparição do termo *regressão* na literatura psicanalítica ocorre em *A Interpretação dos sonhos* (1900). A regressão aparece como processo responsável pela formação dos sonhos, explicada na dimensão tópica do aparelho psíquico. Nos sonhos, o fluxo da energia psíquica segue uma direção inversa à da vigília. Regressivamente, a catexia chega ao sistema perceptivo. Parte dos pensamentos até atingir completa vivacidade sensorial. O processo de regressão possibilita a revivificação de impressões sensoriais, podendo formar composições as mais inusitadas, conforme a experiência do sonhar de cada um pode atestar. Desse modo, teríamos a regressão como um processo que ocorre cotidianamente, na vida daqueles que sonham. A formação dos sonhos não se dá aleatoriamente, entretanto. Essa foi a grande percepção de Freud que veio a conceber a análise dos sonhos como a via régia para o inconsciente. O desvelamento da dimensão onírica, supondo um pensamento e linguagem próprios, abriu caminho para a compreensão de um modo de funcionamento mental caracterizado por "um incessante deslizar de sentidos" (LAPLANCHE e PONTALIS, 1987, pág. 372). O estudo dos sonhos evidenciou esse processo primário de funcionamento mental, em oposição ao processo secundário que rege o pensamento da vigília, a atenção, o juízo, o raciocínio, a ação controlada, tal como descritos pela psicologia clássica. Em termos econômicos, o processo primário corresponde à circulação de energia livre ou desligada pelo aparelho psíquico, enquanto o processo secundário, à energia ligada. Considerando a diferenciação desses dois tipos de funcionamento mental, podemos supor que a regressão tende ao processo primário. Isso porque o processo secundário seria uma modificação do processo primário, mediante a função reguladora do ego. A regressão seria, assim, um retorno ao modo de operar dos processos psíquicos anterior à constituição do ego.

No capítulo III puxamos um fio em Winnicott, a partir do qual pretendo agora tecer algumas considerações. Trata-se da conjugação entre sono, arte e self primitivo presente em uma passagem do texto sobre o desenvolvimento mental primitivo. Ele entende que o estado de não integração é o estado primitivo natural do início do

desenvolvimento emocional. A integração é uma tarefa do desenvolvimento de que depende a saúde do indivíduo. Entretanto, afirma que uma plena sanidade pode ser sintoma de medo ou negação da capacidade inata de todo ser humano de se tornar não integrado, despersonalizado e irreal. Acredita que a falta de sono produz essas condições em qualquer um. Segue-se a esta afirmação a seguinte nota de rodapé:

Através da expressão artística nós podemos ter esperança de manter contato com nossos selves primitivos de onde os mais intensos sentimentos e mesmo as sensações temíveis mais agudas derivam e nós somos pobres, na verdade, se nós formos apenas são (WINNICOTT, 1945, pág. 150).

Uma leitura de Winnicott na chave dos processos psíquicos descritos por Freud levar-nos-ia a entender o estado de não integração como tendo nos processos primários seu modo de funcionamento. Nesse sentido, poderíamos entender que a expressão artística, enquanto maneira vital de retorno a não integração, é uma forma de regressão ao modo de funcionamento regido pelo processo primário. Winnicott afirma que a vida desperta de uma criança pode ser descrita como um gradual desenvolvimento do estado do sono. Trata-se de uma compreensão semelhante àquela de Freud sobre os processos secundários derivando-se dos primários.

A partir de Winnicott, podemos considerar a regressão como tendência de retorno ao self primitivo. Um retorno que pode ser descrito formalmente pelo processo primário de funcionamento mental, num estado de não integração da personalidade. Estamos considerando que os sonhos e a arte compartilham um modo de operar do psiquismo que demanda certo grau de regressão. Poderíamos dizer que a tendência de regressão ao self primitivo tem como matriz a substância da ilusão, a rarefação das fronteiras interno/externo, tal como o estado de origem do psiquismo, segundo Winnicott. Também Ferenczi supõe uma tendência de retorno ao estado original, entendendo o desenvolvimento da genitalidade como possibilidade da realização dessa tendência, ainda que simbolicamente, alucinatoriamente, mas também realmente. A compreensão de Balint segue este mesmo sentido: "além do amor e da experiência mística do êxtase, é apenas na poesia, ficção e na arte que o indivíduo e uma importante parte de seu ambiente - isto é, coisas externas a ele - se tornam um e uma mesma coisa" (BALINT, 1959, pág.64/65) . Assim, teríamos os sonhos, a vida sexual, a expressão artística e

também a regressão no setting analítico como fenômenos gerados por essa tendência que põe em marcha o processo primário.

A psicanálise é a dimensão que abarcou os sonhos e a sexualidade na compreensão do humano. A expressão artística é objeto de estudo da estética. Um diálogo entre estética e psicanálise, nesse sentido, parece render bons frutos. Estudos realizados nessa intersecção trazem alguns elementos que nos podem apontar alguns caminhos na conclusão de nosso trabalho. Spitz, E. H. aponta algumas reflexões de Freud sobre arte a que vale a pena remetermo-nos:

Freud (1908) traçou uma linha de continuidade da brincadeira imaginativa da criança através do devaneio e da fantasia até o trabalho do artista, nesse caso o escritor. Ele afirma que os impulsos que residem no cerne mesmo das atividades artísticas existe em todos nós e desvela a continuidade da arte com outros modos de funcionamento mental (por exemplo, chistes e sonhos) e do artista com as pessoas comuns. (SPITZ, E.H., 1985, pág. 14)

A autora fala da compreensão de Freud sobre a expressão artística altamente elaborada como o modo de realizar desejos proibidos de uma forma atenuada, tendo em vista as censuras da realidade. O prazer da forma artística se relacionaria à possibilidade de percebermos as fantasias do artista transformadas em poesia. Vale reproduzirmos uma citação de Freud, feita por Spitz, referente ao tipo de prazer da forma artística:

Um bônus de incentivo, ou um pré-prazer, que é oferecido para nós para que então se torne possível a liberação de um prazer ainda maior brotando de fontes psíquicas profundas. Em minha opinião, todo o prazer estético que um escritor criativo nos possibilita tem o caráter de um pré-prazer desse tipo e nossa atual fruição de um trabalho imaginativo provém de uma liberação de tensões em nossa mente. Pode ser mesmo uma parte considerável deste efeito devido à possibilidade que o escritor nos dá, a partir de então, de fruir nossas próprias fantasias sem auto-reprovação ou vergonha (FREUD apud SPITZ, 1985, pág. 14).

Essa noção de que a arte possibilita um contato mais íntimo com nossa própria realidade interna pela abertura de fronteiras que antes pareciam fixas, segundo Spitz não está longe de muito o que é altamente valorizado no pensamento atual sobre a experiência estética: o sentido de abertura, de possibilidade, de correr riscos, de encontro com novas formas de consciência, o senso de um self flutuante que pode adotar muitas perspectivas. A autora aponta também o trabalho de Ernst Kris como a tentativa de desenvolver a

concepção de arte como um processo de comunicação e recriação no qual a ambiguidade desempenha o papel central. O potencial estético da arte estaria na *similaridade* entre os processos do artista e da audiência, ao invés de uma *identidade*. Nesse sentido, Kris introduz a noção de "potencial de um símbolo" que seria o lado oposto de sua sobre-determinação. A condensação de material psíquico e externo num símbolo pelo artista pode produzir uma multiplicidade de efeitos na audiência que não necessariamente são correspondentes. "O fator crucial é que um símbolo que tem potencial estético deve estimular na audiência o funcionamento do processo primário"(SPITZ, pág. 17). Mas essa não é uma condição suficiente, ainda que necessária ao prazer estético. Existe também uma distância psíquica necessária para que a experiência estética seja possível. A arte não pode estar muito distante nem muito próxima à realidade. A arte funciona enquanto metáfora da vida.

O parentesco da arte com a fantasia aponta a necessidade humana de uma não adesão plena à realidade. Ambiguidade, nebulosidade, mobilidade de fronteiras, ressoam um estado de coisas que remetem ao nosso estado originário. Um estado em que não existem barreiras entre o impulso vital e o repouso, pois não há ligações o suficiente para segurar seu deslizamento ao zero. Porém, o desenvolvimento do eu, da possibilidade de identidade, dá-se a partir de ligações, constituindo as funções "superiores" do ser humano. Dentre elas, temos a capacidade de criar, que envolve muitas ligações e ampliação de circuitos. Entretanto, a criação envolve também a possibilidade de revisitar estados primitivos em que tínhamos a ilusão de que realmente criávamos o mundo. Na criação, o desenvolvimento dos processos psíquicos secundários convive com um constante retorno aos processos primários. Assim, a regressão é um processo que ocorre na vida dos homens, participando dos sonhos à criação, contribuindo para o incessante caminhar humano. Em uma imagem, poderíamos ter na litografia *Relativity* de Esher (ver FIGURA- 1) uma figuração desse caminhar que não é regido em sentido unívoco.

Há caminhos possíveis em diversas direções. Escadas que servem simultaneamente à indivíduos que se situam em planos diversos. A clínica psicanalítica, enquanto metáfora dessa figura, pode ser entendida como um espaço propício à diversidade de percursos. Na figura, um mesmo sentido traduz-se em ascendência para um indivíduo em determinado plano e em descendência para outro, situado em plano

diverso. A concepção de regressão a que chegamos encontra nas escadas dessa imagem uma possível ilustração. Para uma pessoa mobilizada por questões de constituição egóica, a regressão pode ser benéfica, enquanto em outros casos pode se constituir em regressão maligna. A determinação do sentido da caminhada depende também dos elementos que circundam o caminhante. Aí temos o ambiente participando da constituição dos sentidos. A qualidade terapêutica da regressão no *setting* analítico, enquanto possibilidade de refazer percursos, reconstituir caminhos, vincula-se, desse modo, à atitude do analista na composição desse quadro.

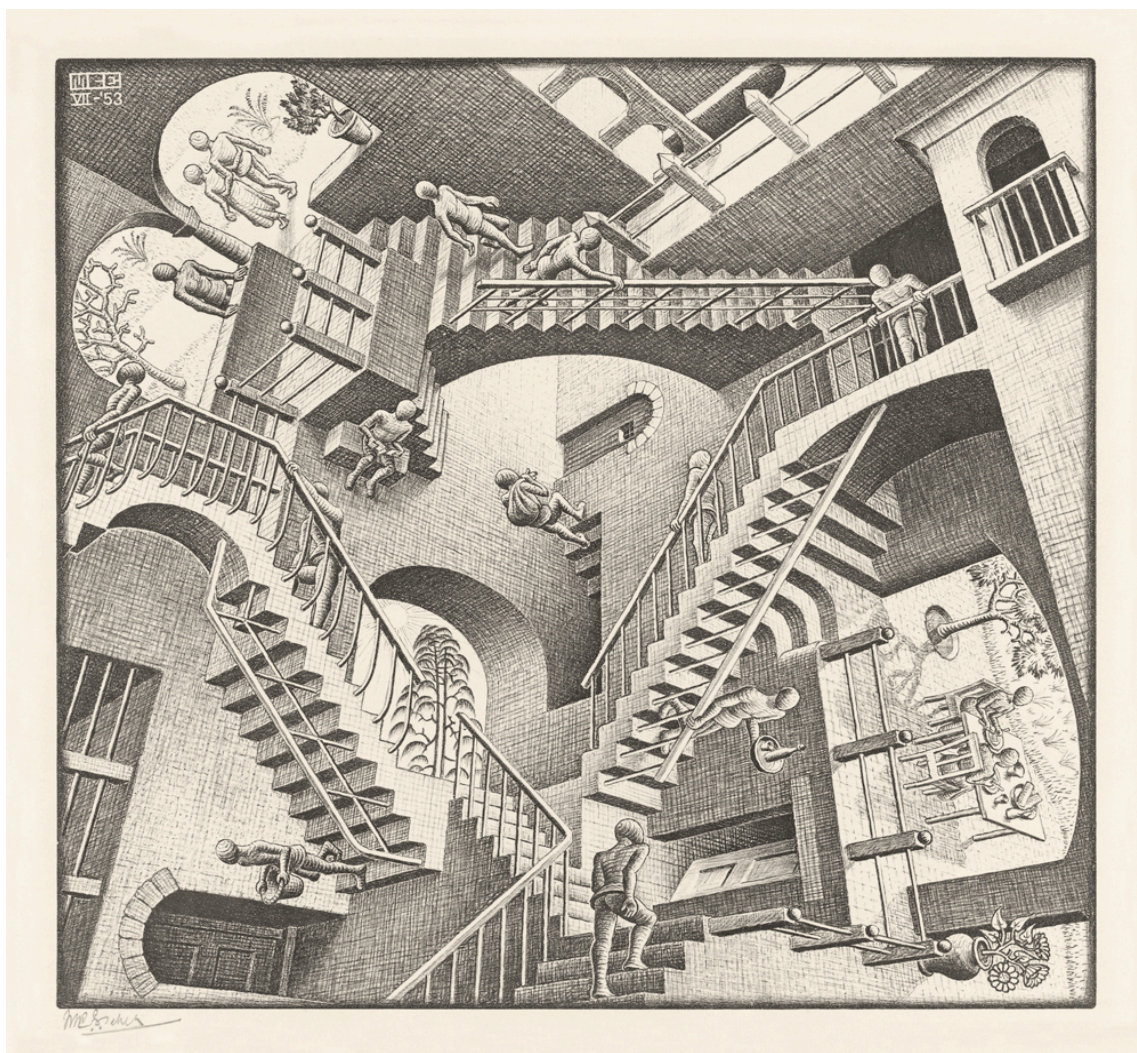


FIGURA - 1

REFERÊNCIAS

BALINT, A. (1939). Love for the mother and Mother Love. In BALINT, M. *Primary Love and Psycho-Analytic Technique*. London: Karnac Books, 1994. 109-127.

BALINT, M. (1932). Character Analysis and New Beginning. In _____. *Primary Love and Psycho-Analytic Technique*. London: Karnac Books, 1994.

_____. (1935). Critical Notes on the Theory of Pregonital Organizations of the libido. In _____. *Primary Love and Psycho-Analytic Technique*. London: Karnac Books, 1994. 49-72.

_____. (1936). Eros and Afrodite. In _____. *Primary Love and Psycho-Analytic Technique*. London: Karnac Books, 1994.

_____. (1937). Early Developmental States of the Ego. Primary Object-love. In _____. *Primary Love and Psycho-Analytic Technique*. London: Karnac Books, 1994.

_____. (1955). Notes on Parapsychology and Parapsychological Healing. In _____. *Problems of Pleasure and Behavior*. New York: Liveright Publishing Corporation, 1956.

_____. *Thrills and Regressions*. London: Maresfield Library, 1959.

_____. (1968) *A Falha Básica: aspectos terapêuticos da regressão*. Porto Alegre: Artemed, 1993

CLASTRES, P. *A sociedade contra o estado*. São Paulo: Cosacnaify, 2007.

ESHER, M.C. *Relativity*. 1953. Litografia 277 x 292 mm, M.C. Escher Company B.V. Disponível em <<http://www.mcescher.com/Shopmain/ShopEU/facsimileprints/prints.html>> Acesso em: ago. 2009.

FERENCZI, S. (1919a) Dificuldades técnicas de uma análise de histeria. In *Escritos Psicanalíticos: 1909-1933*. BIRMAN, J.(Org). Rio de Janeiro: Livraria Taurus Editora, 1989.

_____. (1919b) Fenômenos de materialização histórica. In BIRMAN, J.(Org). *Sandor Ferenczi -Escritos Psicanalíticos: 1909-1933*. Rio de Janeiro: Livraria Taurus Editora, 1989.

_____. (1921) Prolongamentos da "Técnica Ativa" em Psicanálise. In BIRMAN, J.(Org). *Sandor Ferenczi - Escritos Psicanalíticos: 1909-1933*. Rio de Janeiro: Livraria Taurus Editora, 1989.

_____. (1924a). *Thalassa: Ensaio sobre a teoria da genitalidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1979.

_____. (1924b) Perspectivas da Psicanálise: sobre a interdependência da teoria e da prática. In BIRMAN, J.(Org). *Sandor Ferenczi - Escritos Psicanalíticos: 1909-1933*. Rio de Janeiro: Livraria Taurus Editora, 1989.

_____. (1928) Elasticidade da técnica psicanalítica. In BIRMAN, J.(Org). *Sandor Ferenczi - Escritos Psicanalíticos: 1909-1933*. Rio de Janeiro: Livraria Taurus Editora, 1989.

_____. (1930). Princípio de Relaxação e Neo-catarse. In BIRMAN, J.(Org). *Sandor Ferenczi - Escritos Psicanalíticos: 1909-1933*. Rio de Janeiro: Livraria Taurus Editora, 1989.

_____. (1932). *Diário Clínico*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

_____. (1933). Confusão de línguas entre os adultos e as crianças. In BIRMAN, J.(Org). *Sandor Ferenczi - Escritos Psicanalíticos: 1909-1933*. Rio de Janeiro: Livraria Taurus Editora, 1989.

FIGUEIREDO, L.C.M. *Palavras cruzadas entre Freud e Ferenczi*. São Paulo: Escuta, 1999.

_____. A tradição ferencziana de Donald Winnicott: Apontamentos sobre regressão e regressão terapêutica. *Revista Brasileira de Psicanálise*, vol.36, n. 4, p. 909-927, 2002.

_____. Confiança : a experiência de confiar na clínica psicanalítica e no plano da cultura. *Revista Brasileira de psicanálise Brasília*, v. 41, n. 3, p. 69-87, 2007.

FIGUEIREDO, L. C. M e COELHO JÚNIOR. *Ética e Técnica em Psicanálise*. São Paulo: Escuta, 2000.

FREUD, S. (1900) A Interpretação dos Sonhos. In: _____ *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, v. 4-5, 1976.

_____. (1905) Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: _____ *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, v. 7, 1996

_____. (1905) Fragmento da análise de um caso de histeria (Caso Dora). In: _____ *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, v 7, 1996

_____. (1912) Tipos de desencadeamento da neurose. In: _____ *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, v. 12, 1976.

_____. (1913) A disposição à neurose obsessiva - uma contribuição ao problema da escolha da neurose. In: _____ *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. (1916-1917) Conferências Introdutórias sobre Psicanálise. In _____ *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, vol. 15, 1976.

GIAMPIERI-DEUTSH, P. The influence of Ferenczi's ideas on contemporary standard techniques. In: RUDINITSKY, P.L., BÓKAIS, A., GIAMPIERI-DEUTSH, P. (orgs). *Ferenczi's Turn in Psychoanalysis*. New York: New York University Press, p.224-47, 1996.

HAYNAL, A. (1988) *A técnica em questão: Controvérsias em Psicanálise de Freud e Ferenczi a Michael Balint*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995.

HARPER, D. *Online Etymology Dictionary*, 2001. Disponível em: <<http://www.etymonline.com>> Acesso em: ago. 2008.

HESÍODO. (VIII - VII a.C.) *Teogonia - A origem dos deuses*. São Paulo: Iluminuras, 2006.

HOFFER, A. Asymmetry and Mutuality in the Analytic Relationship: Contemporary Lessons from the Freud-Ferenczi Dialogue. In RUDINITSKY, P.L., BÓKAY, A., GIAMPIERI-DEUTSH, P. (orgs). *Ferenczi's Turn in Psychoanalysis*. New York: New York University Press, p.107-119, 1996.

LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J.B. (1987) *Vocabulário de psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

SPITZ, E. H. *Art and Psyche*. New Haven and London: Yale University Press, 1985.

STEWART, H. *Psychic Experience and Problems of Technique*. London and New York: Tavistock/ Routledge, 1992.

STRACHEY, J. Apêndice A: O uso de Freud do conceito de regressão. In _____ *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, vol. 1, 1977. 453-456.

VIKÁR, G. The Budapest School of Psychoanalysis. In RUDINITSKY, P.L., BÓKAY, A., GIAMPIERI-DEUTSH, P. (orgs). *Ferenczi's Turn in Psychoanalysis*. New York: New York University Press, p.60-76, 1996.

WINNICOTT, D. W. *Clinical notes on disorders of childhood*. Londres: William Heinemann (Medical Books) LTD, 1931.

- _____. (1945) Primitive Emocional Development. In _____ *Through Paediatrics to Psychoanalysis – Collected Papers*. London: Karnac Books, 1992. 145-156.
- _____. (1949) Mind and its relation to the Psiche-Soma. In _____ *Through Paediatrics to Psychoanalysis – Collected Papers*. London: Karnac Books, 1992. 243-254.
- _____. (1951) Objetos e fenômenos transicionais. In *Da Pediatria à Psicanálise. Obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.
- _____. (1954) Metapsychological and Clinical Aspects of Regression within the Psycho-Analitical Set-Up. In _____ *Through Paediatrics to Psychoanalysis – Collected Papers*. London: Karnac Books, 1992. 278- 294.
- _____. (1958) A capacidade para estar só. In _____ *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983. 31-37.
- _____. (1963) Comunicação e falta de comunicação levando ao estudo de certos opostos. In _____ *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983. 163-174.
- _____. (1963) O Medo do Colapso. In WINNICOTT, C.; SHEPHERD, R.; DAVIS, M. (orgs.). *Explorações Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. 70-76.
- _____. (1965-1969) Sobre O Uso de um objeto. In WINNICOTT, C.; SHEPHERD, R.; DAVIS, M. (orgs.). *Explorações Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. 170-191.
- _____. (1971) *O Brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA, 1975.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)